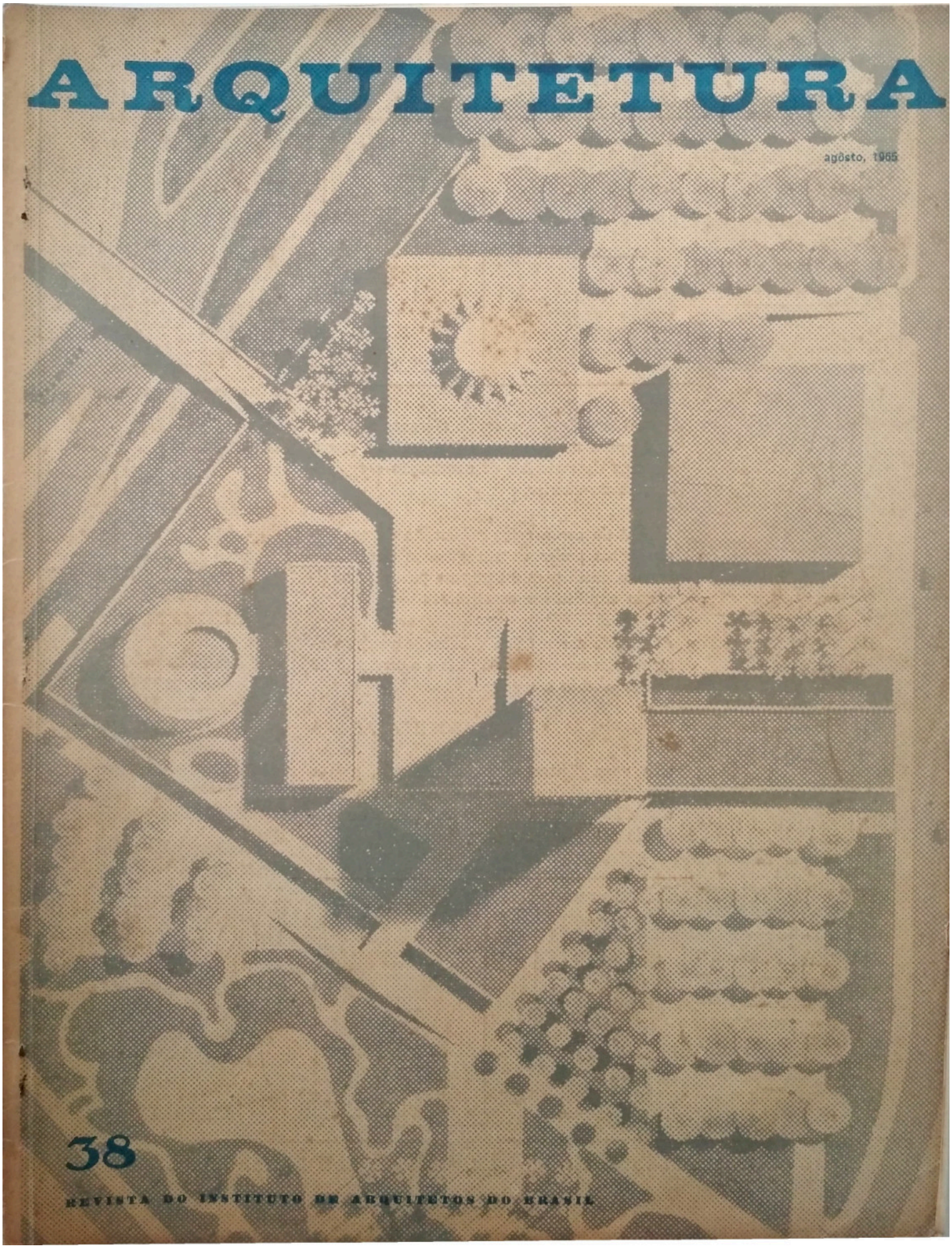
ARQUITETURA

agôsto, 1965



38

REVISTA DO INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

UMA NOVA DIMENSÃO PARA O SEU ANÚNCIO



ARQUITETURA além de oferecer o público certo para mensagens de fabricantes e revendedores de materiais de construção e equipamentos de interior

ALÉM de ser a única publicação de seu gênero com poder de assegurar a penetração ideal e exata para mensagens publicitárias visando arquitetos e construtores

ALÉM de ser a única publicação verdadeiramente técnico-cultural do País e o órgão oficial dos arquitetos brasileiros,

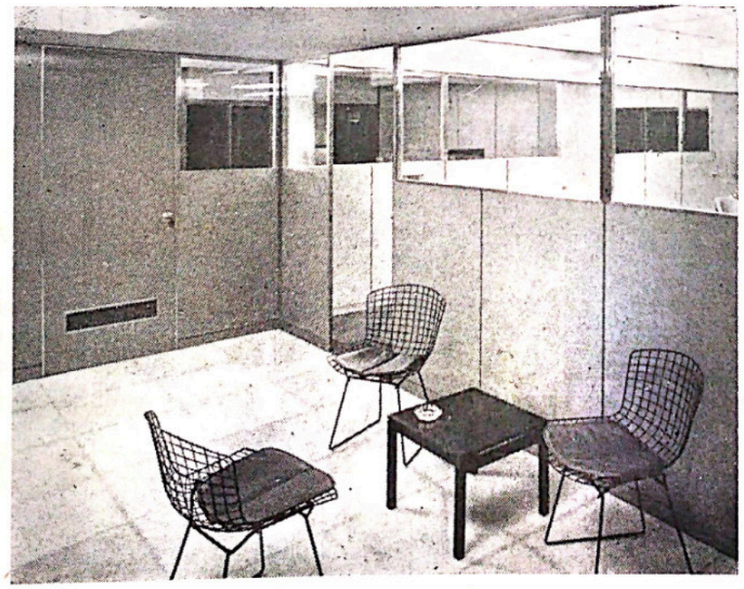
ACRESCENTA AGORA

uma nova dimensão ao seu anúncio, com a publicação de resumos simultâneos em francês e inglês, para atingir um público categorizado nas Américas e na Europa.

ARQUITETURA É A MAIS COMPLETA REVISTA DE SEU GÊNERO NO BRASIL

QUALIDADE

FORMI PLAC

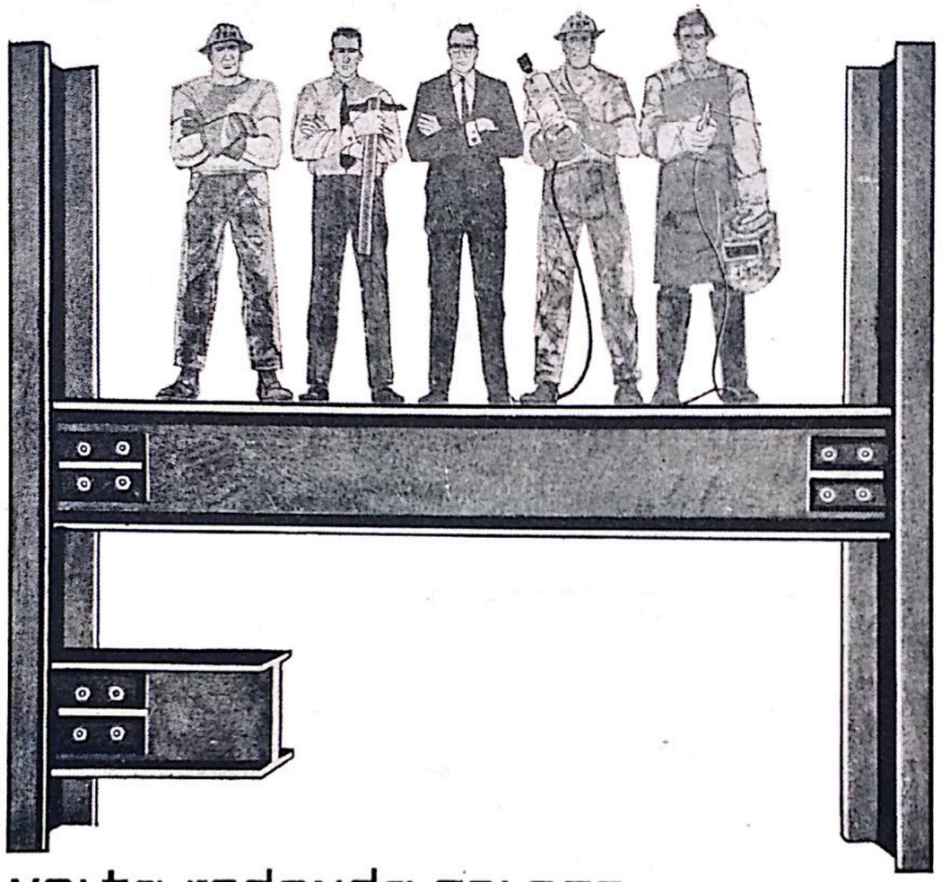


PAREDES-DIVISÓRIAS FORMIPLAC
Sede da
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ - GB
M. M. M. ROBERTO ARQUITETOS

O desenvolvimento técnico da arquitetura é paralelo ao progresso da indústria. A arquitetura contemporânea atua sôbre a produção industrial, e as conquistas da tecnologia revelam novos caminhos para a construção. Há uma reciprocidade no processo evolutivo, acentua-se a interdependência. O arquiteto atualizado conhece os novos recursos postos à sua disposição pela indústria, e a indústria de vanguarda orienta suas pesquisas para atender às melhorias exigidas pelo arquiteto. A Cia. Química Industrial de Laminados, fabricante de Formiplac, aceitou êsse compromisso. Desde que foi fundada colabora com os grandes nomes da arquitetura e da construção. Mantém um Departamento Técnico, onde continuamente são pesquisadas novas possibilidades, novas soluções, novos acabamentos. Os produtos resultam de um objetivo equacionamento dos problemas técnicos, econômicos e funcionais. As pesquisas constituem o elo entre a fábrica e o arquiteto. Essa maneira de trabalhar visa a qualidade. Qualidade prática, qualidade objetiva, qualidade baseada na pesquisa, nos requisitos funcionais, nas possibilidades da mão-de-obra, na facilidade de colocação, nas vantagens de conservação, na rapidez da execução, na boa manutenção, na economia global representada pelo emprêgo de um bom material. As qualidades da arquitetura são acentuadas pelo correto emprêgo de um material de alta qualidade. A Cia. Química Industrial de Laminados, fabricante de Formiplac, através de seu Departamento Técnico, estabelece o indispensável convívio entre a arquitetura e a indústria.

CIA. QUÍMICA INDUSTRIAL DE LAMINADOS

RIO DE JANEIRO • SAO PAULO • BRASÍLIA



VOLTA REDONDA COLOCA À SUA DISPOSIÇÃO O MAIS COMPLETO 'KNOW-HOW' EM ESTRUTURAS METÁLICAS!

Quando V. faz uma encomenda à Fábrica de Estruturas Metálicas, da Companhia Siderúrgica Nacional, está adquirindo a melhor qualidade e a melhor técnica de Volta Redonda. Pioneira neste setor industrial, a FEM dispõe do mais completo "know-how" e da melhor equipe de técnicos e operários especializados.
E desde 1953 vem suprindo, de modo absolutamente satisfatório, as necessidades nacionais de estruturas metálicas para inúmeros fins: edifícios residenciais, comerciais e industriais; instalações industriais diversas (estruturas para fornos e pontes rolantes, cubas para galvanização); pontes e viadutos; tôrres de transmissões e comunicações; silos, armazens etc. São doze anos de contínuo aprimoramento, doze anos de sucessivas contribuições ao desenvolvimento nacional. Todo um patrimônio de técnica apurada e profunda experiência, à disposição dos seus empreendimentos.

fem
FÁBRICA DE ESTRUTURAS METÁLICAS CSN

qualidade-padrão *Volta Redonda*

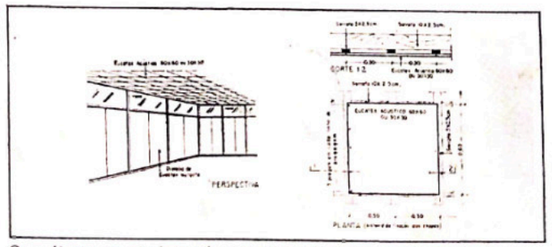
Por que Eucatex Acústico absorve o som?



Pelo mesmo motivo que a bola não salta quando lançada sôbre uma almofada.

proeme

O impulso da bola morre.
E o som também ao bater em Eucatex Acústico,
que absorve até 93% dos ruídos.
O som esgota sua fôrça, perdendo-se
nas milhões de células intercomunicaveis de Eucatex Acústico.
Por isso é que êle é poroso,
possuindo ainda furos ou rasgos na superfície.
Outra qualidade de Eucatex Acústico é ser macio-elástico.
(Existe alguma outra tradução para "resilient"?...)
E sua espessura é mínima. Tudo isso faz de Eucatex Acústico
um material obrigatório como fôrro ou revestindo paredes
de cinemas, auditórios, escritórios, hospitais, restaurantes, etc.
Com isso se garante a salubridade do ambiente,
resultando em maior confôrto e rendimento do trabalho.
Temos centenas de exemplos de tratamentos acústicos
realizados nos mais diferentes locais.
Teremos grande prazer em lhe transmitir nossa experiência
de muitos anos em acústica.
Escreva-nos. Ou faça uma visita.



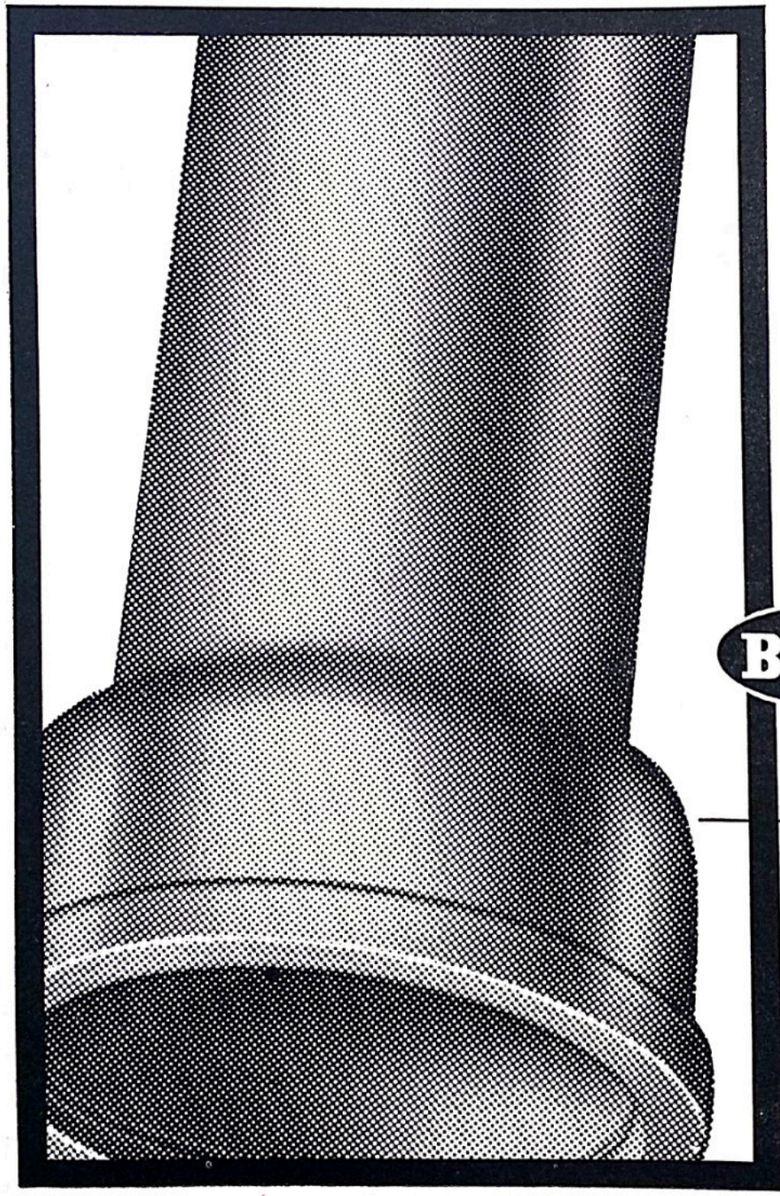
Como forro ou revestindo paredes, as chapas Eucatex oferecem perfeito tratamento acustico

Eucatex - chapas para tratamento acústico

À Eucatex S. A. Indústria e Comércio
Avenida Francisco Matarazzo, 530 — Caixa Postal 1683 — São Paulo
Desejo receber outros informes sôbre Eucatex Acustico
Nome: .....
Profissão: .....
Endereço: .....
Cidade: ..... Estado: .....
ARQ 3

tubos e conexões barbará tipo "esgôto"

Tubos e conexões de ferro fundido são aprovados, sem quaisquer restrições, pela Norma NB-19R da A.B.N.T., para instalações prediais de esgotos sanitários. E a marca BARBARÁ identifica, no Brasil, os melhores tubos e conexões de ferro fundido. Fabricados por centrifugação, os tubos BARBARÁ tornam-se mais resistentes, mais fáceis de serrar, de durabilidade pràticamente ilimitada e superior qualidade. As conexões, fabricadas em fundição inteiramente mecanizada, têm dimensões rigorosas e constantes e sua grande variedade permite executar qualquer traçado de encanamentos.



Fabricados nos diâmetros de 50 mm (2"), 75 mm (3"), 100 mm (4"), 125 mm (5") e 150 mm (6"), em comprimentos de 1 até 4 metros.

BARBARÁ

uma longa experiência a serviço do progresso

companhia metalúrgica barbará

Usinas: BARRA MANSA e S. PAULO
Escritório Central: Av. Almirante Barroso, 72 • 12.º • Tel. 22-9981 RIO DE JANEIRO
Filial: Pça. Pe. Manoel da Nóbrega, 16 • 11.º • Tel. 32-3181 SÃO PAULO
Agências: BRASÍLIA - GOIÂNIA RECIFE - CURITIBA - PÔRTO ALEGRE





Em negócios

Qual é a melhor política?

Abrir a porta, é claro. Principalmente se você **comercializa** produtos ou presta serviços a grande público. Neste caso, faça-se transparente. Com portas e divisões de vidro temperado **BLINDEX**, você proporciona a máxima categoria a seus escritórios e os torna muito mais convidativos. Se precisar fechar alguma sala, obtenha ainda mais elegância decorativa: use divisões e portas de vidro temperado translúcido **BLINDEX**. Divisões e portas de vidro, quaisquer medidas: vidro temperado **BLINDEX** - resistência, durabilidade, classe, inalterabilidade. É o que entendemos por qualidade. Consulte-nos.

SANTA LÚCIA CRISTAIS LTDA.

PRAÇA ANTONIO PRADO, 33 - 9.º ANDAR - TELEFONE 33-5101
END. TELEGRÁFICO "BLINDEX" - CAIXA POSTAL 7.884 - SÃO PAULO
RIO DE JANEIRO: AV. PRES. VARGAS, 642 - 5.º ANDAR - TEL. 23-9915

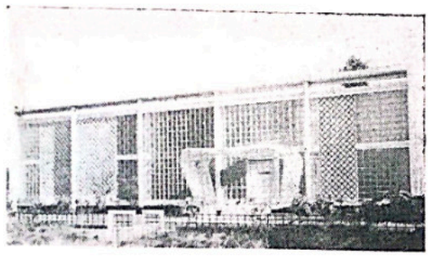
INDÚSTRIA BLINDEX BRASILEIRA

PUBLICIBRAS-SP

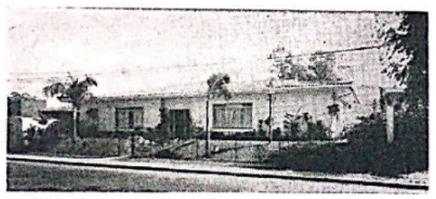
RESIDÊNCIAS DE ESTILO



RESIDÊNCIAS MODERNAS



RESIDÊNCIAS CLÁSSICAS



São projetadas para serem construídas mais depressa e com maior economia com as versáteis e mais práticas

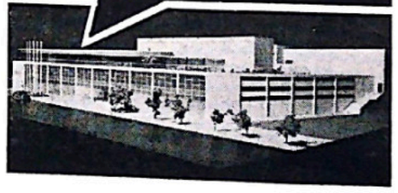
LAJES VOLTERRANA

Lajes-pré-fabricadas para fôrros e pisos
— fornecemos cálculos e orçamentos.

São Paulo:	Rua Barão de Itapetininga, 151 - 11.º s/115 - Fones: 37-7282 - 35-7245
R. de Janeiro:	Rua da Lapa, 180 - 5.º - s/510 - Fones: 22-5470 - 42-3504
B. Horizonte:	R. S. Paulo, 893 - c/807 - Fone: 4-1326
Recife:	Rua Floriano Peixoto, 780 - s/ 214 - Fone: 43-765
Niterói:	Av. Amaral Peixoto, 71-s/803-F.: 7-978
Goiânia:	R. 23, s/ loja do Cine Goiânia - Fone: 6-1430
Fortaleza:	Rua Floriano Peixoto, 1142
Rib. Prêto:	Rua Álvares Cabral, 576 – s/ 53 - Fone: 3-701
Santos:	Praça Mauá, 29 - 3.º - s/ 311 - Fone: 2-7667
Campinas:	Rua Campos Salles, 890 - 12.º-s/1204 Fone: 8-3929
Araçatuba:	Rua Pinheiros, 176 - Fone: 3-351

colábor

nossa
presença
está no ar!



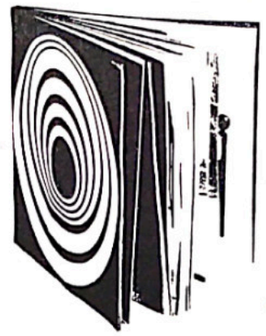
Quando o problema reside numa grande concentração de pessoas, como foi o caso do Shopping Center do Méier, Confort-Air tem sempre a solução. Naquele prédio, o equipamento e instalações de ar condicionado, ventilação e exaustão foi projetado e instalado pela Confort-Air. Para nós é motivo de orgulho sabermos que participamos de obras de grande envergadura. Quem visitar o Shopping Center do Méier, sem dúvida, "sentirá nossa presença no ar..."

Confort-Air s/a

Engenharia - Indústria - Comércio
Engenheiros especializados

Rua Washington Luiz, 81

A técnica a serviço do confôrto e do bem estar.



peça nosso catálogo:
dezenas de alternativas
para uma
decoração completa



dormitórios
móveis componíveis
salas de estar
quartos para criança
salas de jantar
escritório

móveis l'atelier s.a.

móveis l'atelier s.a.

são paulo
rua augusta, 1791
telefone 80 21 81 Ramal 91

rio de janeiro
loggia/ l'atelier
rua hilário de gouveia, 57-A
copacabana

curitiba
paulo valente decorações
e desenhos técnicos ltda
rua senador alencar guimarães, 175

salvador
móveis ralf ltda
av. 7 de setembro, 249

porto alegre
manlio gobbi & cia. ltda
rua dr. flores, 383

recife
bel lar móveis e decorações ltda
rua da imperatriz, 50

fortaleza
j. d. hollanda s. a.
ruá dr. pedro borges, 59/63

nova york
l'atelier
940 - 3rd avenue

vancouver b.c.
l'atelier
4195, west 14th. ave.





Kosmos Engenharia S/A., além de participar da construção do "park-way" Faria-Timbó, tem contribuído com sua técnica e experiência em importantes obras que caracterizam o Nôvo Rio.

KOSMOS
ENGENHARIA S.A.

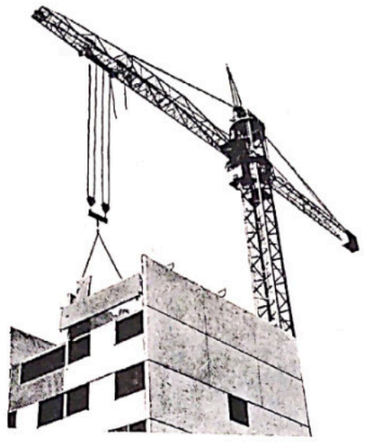
Rio: Rua do Carmo, 27-A - 3º and.
Brasília: Av. W3 - Q4
São Paulo: Rua Líbero Badaro, 158

ITAP.-RIO

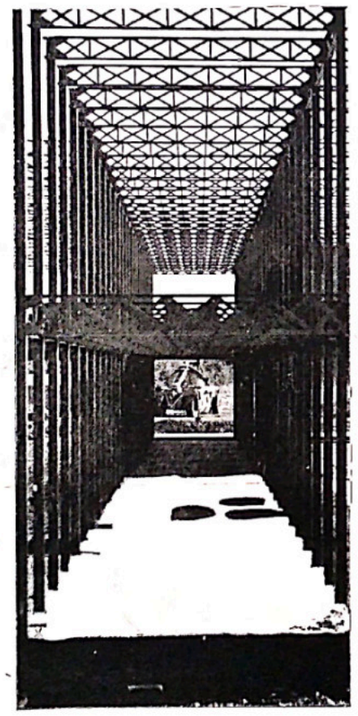
editôra artenova limitada

beco dos barbeiros, 6-201 tel 31 2641

planejamento jornalístico e edição de livros e revistas



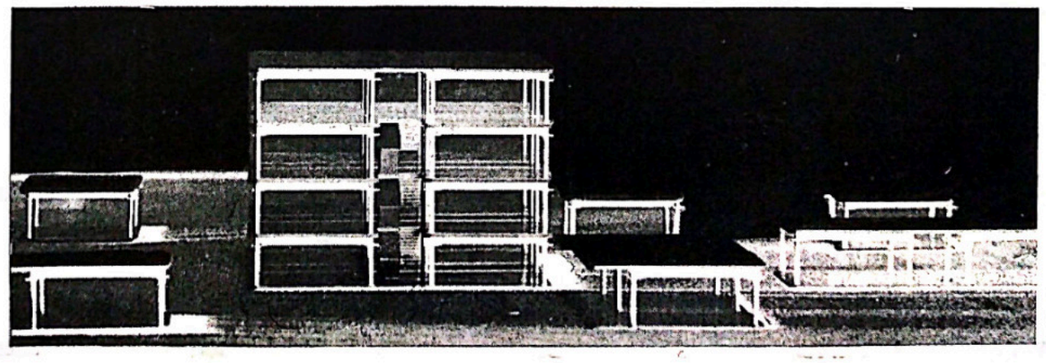
O MUNDO DOS PRÉ-FABRICADOS

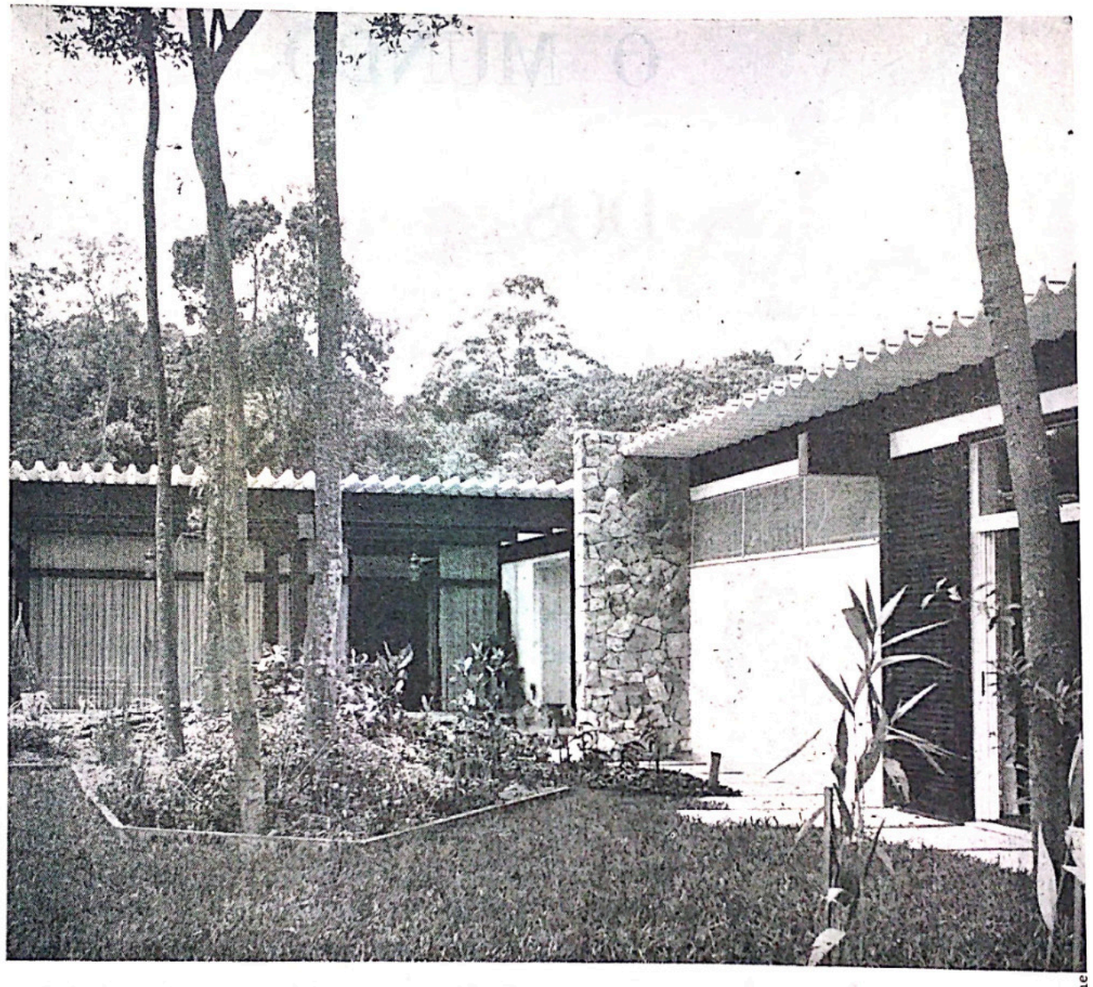


O mundo dos pré-fabricados é grande. Compreende, — além do planejamento de moradias, — técnicas de fabricação e emprêgo de pré-moldados de cimento, metais, madeiras - tubos, lajes, condutos, esquadrias.

Quais as melhores técnicas de pré-fabricação, quais as vantagens e desvantagens econômicas e sociais das casas pré-fabricadas, quais as melhores utilizações dos pré-moldados em geral - eis as questões que ARQUITETURA vai levantar e procurar responder em seu próximo número de outubro, em edição especial dedicada aos pré-fabricados e seu grande mundo.

Procure conhecer as vantagens de anunciar nas edições especiais de ARQUITETURA, onde seu anúncio rende o máximo.





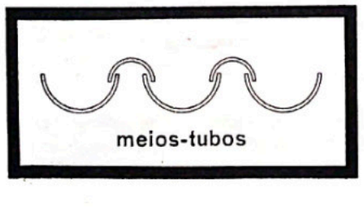
proeme

66 responda depressa: por que esta casa é tão òbviamente moderna? **99**

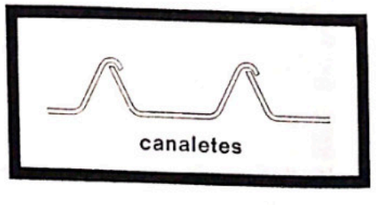
Porque o telhado não é "quadrado".
É feito com meios-tubos Eternit.
Definitivamente moderno.
Não tem aquêle célebre formato dos telhados antigos, um V de cabeça para baixo.

Eternit combina com as portas de correr, com os janelões abrindo para o jardim.
Combina com tudo o que é moderno.
Mas ao pensar em Eternit não considere apenas suas vantagens decorativas.

Pois Eternit é econômico, além de tudo.
Economiza no madeiramento, na colocação, no transporte.
Eternit é bonito e bom.
Especialmente se sua casa fôr de bom gôsto.

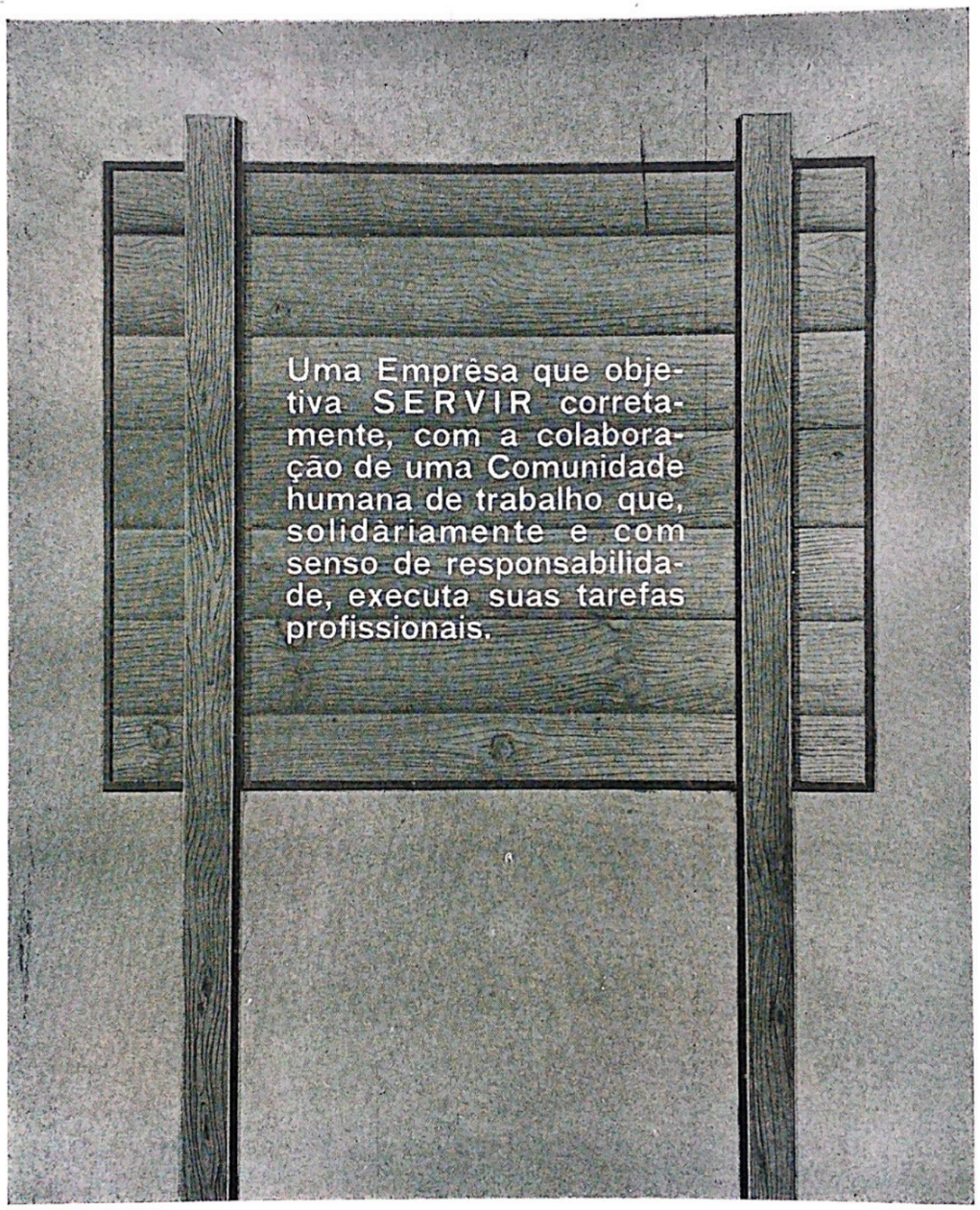


coberturas horizontais
Eternit
— mais de 60 anos de experiência na fabricação de produtos de cimento-amianto.





O que há por trás desta placa?



INVESTIGAÇÕES GEOTÉCNICAS - PROJETOS E EXECUÇÃO DE FUNDAÇÕES - ESCAVAÇÕES - REBAIXAMENTO DO NÍVEL D'AGUA - ESCORAMENTOS - INFRA ESTRUTURA DE CONCRETO ARMADO

italiaia

ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

disponíveis em jacarandá-da-baia e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb



ambiente - spazio

spazio móveis e decorações limitada
concessionário exclusivo para a guanabara
de ambiente indústria e comércio de
móveis s. a.

uma linha completa de móveis para
escritório e residência desenhados por
arquitetos de renome internacional.

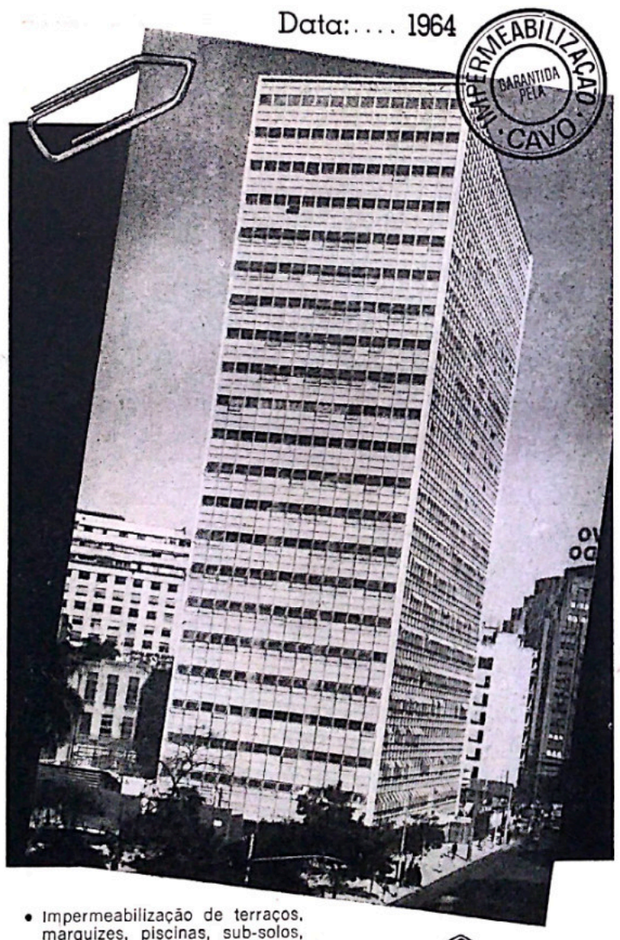
disponíveis em jacarandá-da-baia e
aço cromado para entrega imediata.

Consulte sem compromisso nosso departamento de planejamento
rua barata ribeiro 200, loja f, tel: 37-6637 rio - gb

IMPERMEABILIZAÇÃO n.º 2357

Cidade:.... Rio de Janeiro
Local:..... Edifício Barão de Mauá
Área: ..... 512 m2 (Terraço)
Construtora: Gomes de Almeida, Fernandes Eng. e Construção Ltda.
Arquitetos: Oscar Niemeyer e Sabino Barroso

Data:.... 1964



- Impermeabilização de terraços, marquizes, piscinas, sub-solos, caixas d'água e calhas, pelo sistema membranas.
- Fabricante de feltro betuminoso.
- Mais de meio século de eficiência técnica.

CAVO

COMPANHIA AUXILIAR DE VIAÇÃO E OBRAS

MATRIZ R. Santa Luzia, 685 - 10º Tel.: 32-2270 Teleg. "Neuchatel" Rio de Janeiro

São Paulo • Belo Horizonte • Curitiba • Brasília

VULCAPISO JÁ EMBELEZA ÊSTES AMBIENTES, ENTRE MUITOS OUTROS

RIO DE JANEIRO
Apa Hotel
Banco de Crédito Territorial S. A. (edifício-sede)
Cássio Muniz S. A. Imp. e Com.
Faculdade Nacional de Arquitetura - Ilha do Fundão
Hospital Sousa Aguiar
Elevadores fabricados pela Elevadores Otis S. A. e instalados no Brasil
Todos os navios construidos pela Ishikawajima do Brasil - Estaleiros S. A.

SÃO PAULO
Banco Moreira Salles S. A. (edifício-sede)
Hospital das Clinicas
Hospital das Crianças Defeituosas
Hospital 9 de Julho
Hospital dos Servidores Públicos
IBRAPE - Indústria Brasileira de Produtos Elétricos e Eletrônicos
Elevadores Atlas fabricados pela Indústrias Villares S. A. e instalados no Brasil

FLORIANÓPOLIS
Hospital dos Servidores Publicos de Santa Catarina.

PÔRTO ALEGRE
Coop. Viação Férrea do Rio G. do Sul
Hospital Fêmina S. A.
Hospital Moinhos de Vento
Igreja Santo Antônio - Pão dos Pobres
Petrobrás - Refinaria Alberto Pasqualini
VARIG - Departamento de Administração

BELO HORIZONTE
Banco do Estado do Guanabara
Banco Irmãos Guimarães S. A. (duas agências)
Bólsa de Valôres do Estado de M. Gerais
Centrais Elétricas de M. Gerais - CEMIG
Palácio das Mangabeiras
Petrobrás - Refinaria Gabriel Passos
Reitoria da Universidade de Minas Gerais - Cidade Universitária

RECIFE
Colégio Regina Coeli
Mercado Moderno S. A.

FORTALEZA
Clube Náutico Atlético Cearense

BELÉM
Banco do Estado do Pará S. A.
Edifício Gualo
Hospital dos Servidores do Estado
Panificadora Vitória
Prefeitura Municipal de Belém
Rádio Marajoara
Theatro da Paz



TEMOS ALGUMA COISA QUE VER COM A BELEZA DO RIO...

400 anos de beleza iluminam a fisionomia da Cidade Maravilhosa. A natureza, é certo, fêz o fundamental. Mas o carioca não se contentou com isso. E ergueu uma cidade digna da paisagem que a cerca.
Uma cidade se compõe de casas, edifícios, lojas, escritórios... E é aí que estamos nós. Levando a beleza tradicional do Rio às paredes e aos pisos. Ajudando a fazer de residências, apartamentos, lojas e escritórios um conjunto de pontos coloridos de atração no "show" de beleza do Rio de Janeiro.

Mas o Rio é apenas uma das muitas cidades que já incorporaram Vulcapiso à beleza de seus interiores.
São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Pôrto Alegre, entre outros grandes centros, participam do "show" proporcionado pelos 3 padrões, pelas 33 belissimas côres de Vulcapiso.
"Show" de beleza, para durar a vida tôda. Porque Vulcapiso é o único revestimento 100% vinílico. Quer dizer: resistente ao tempo e ao uso. E 100% bom gôsto...

vulcapiso

Um produto VULCAN

VULCAN MATERIAL PLÁSTICO S.A.
Av. Rio Branco, 156 - 20.º andar - Rio de Janeiro - GB.
Av. Ipiranga, 1267 - 9.º andar - São Paulo - SP.

S. J. de Mello 60.114



Agradecemos aos nossos prezados clientes a preferência dada ao aço especial para construção

BARRA MANSA 5000

cujos índices de vendas superaram as nossas expectativas

Fabricantes
SIDERÚRGICA BARRA MANSA S.A.
Vendas
IND. E COM. METALÚRGICA ATLAS S.A.
Rua Rizkallah Jorge, 50 - 14.º e 15.º Andares
Fones: 32-3148 - 32-5146 - Rede Interna - S. Paulo

ARQUITETURA

N.º 38 — Agôsto — 1965

Órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil — Revista mensal do IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1 301 — Publicação da Edtôra Artenova Ltda. - Beco dos Barbeiros, 6 Grupo 201 - GB.

Conselho de Redação: Maurício Roberto, presidente; Edgar Graeff, Ernani Vasconcellos, Henrique E. Mindlin, Ícaro de Castro Mello, Jorge Machado Moreira, Marcos Konder Netto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, Paulo Ferreira Santos e Sílvio de Vasconcellos.

Conselho de Direção: Álvaro Pacheco; Alfredo L. Britto — IAB; Maurício Nogueira Batista — IAD.

Conselho de Representantes: Alberto Xavier — IAB-RGS; Jorge Wilhelm — IAB-SP; Vital Maria Pessoa de Mello — IAB-PE; Odilon Santos Neto — IAB-BA; Almir Fernandes — IAB-PR; Elio Vianna — IAB-ES; José Armando Farias — IAB-CE.

Editor:
Álvaro Pacheco.

Redação: redator-chefe — Maurício Nogueira Batista — IAB; secretário — Alfredo L. Brito — IAB.

Colaboradores: Alberto Vieira de Azevedo (IAB) — Alex Nicolaeff (IAB) — Cleber Ribeiro Fernandes — Fernando Abreu (IAB) — Ferreira Gullar — José Guilherme Melquior — Jota — Leandro Tocantins — Luis Miranda Corrêa — M. Cavalcanti Proença — Marcelo Olmos Diaz (IAB) — Versões: John Knox (inglês); France Knox (francês).

Editôra Artenova Ltda. — Diretores: Álvaro Pacheco, Odylo Costa, filho — Beco dos Barbeiros, 6, Gr. 201 - GB

Redação: IAB-GB — Av. Rio Branco, 277, grupo 1.301 — tel. 22-1703, — Rio.

Administração, Publicidade e Assinaturas: Beco dos Barbeiros, 6 — grupo 201 — tel.: 31-2641; Rio — GB.

Representante em São Paulo: REPRENAES — Rua 7 de Abril, 261 — 5.º andar — tel.: 32-3512.

Esta publicação é recebida por todos os arquitetos no exercício da profissão no Brasil, (3.932), as firmas construtoras (2.231), escritórios técnicos de urbanismo, engenharia e arquitetura, decoradores e lojas de móveis e decorações, instituições de ensino superior brasileiras e estrangeiras, repartições públicas ligadas à arquitetura, à engenharia e à construção em geral.

Venda avulsa em livrarias e bancas especializadas; preço do exemplar: Cr$ 500,00; número atrasado Cr$ 1.000,00; exterior US$ 1; assinaturas: 1 ano — Cr$ 5.000,00; exterior: US$ 10, tiragem: 12.500 exemplares.

Os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Composição e Impressão: EDIGRAF — Editôra e Gráfica Ltda. — Pç. Cruz Vermelha, 3-A — Rio.

Capa: Centro Cívico de Sto. André.

SUMÁRIO

4 **Editorial**
Planejamento Urbano

Concurso

5 Centro Cívico de Santo André
Arq.ºs Rino Levi, Roberto Cerqueira Cézar e L. R. Carvalho Franco

Estudo & Análise

8 Marcelo Roberto — II
Arq.º Paulo F. Santos

Reportagens

19 Bolívia
Textos e fotografias do Arq.º Maurício Galindo R.

21 Eisenstein Sôbre "Limite"
Carlos Diegues

25 Exposição em Washington

Painel

27 Clube de férias de Itaparica
Arq.º José T. R. de Araújo

28 Escola do SENAC em Copacabana
Arq.ºs Noel Saldanha Marinho e Otávio de Moraes

30 Anteprojeto para a sede da Caixa de Aposentadorias Militares da Bolívia
Arq.ºs Luiz Iturralde, Alberto Iturralde e Juan Luiz Zuñiga

31 **Galeria**
Literatura
José Guilherme Merquior

Artes Visuais
Ferreira Gular

Cinema
Carlos Diegues

34 **Destaque**

36 **Estante**

37 **Notícias**

39 **Legislação**

41 **Diálogo**

MARCELO ROBERTO — II

Paulo F. Santos, architect

The first part of this article deals with the career of Marcelo Roberto as an architect and the development of MMM Roberto, an association of three gifted brothers, only one of whom, Mauricio, is still alive to pursue the ideals and achievements of the firm. This second part is concerned with Marcelo's incursions into town planning, which may be said to have begun in 1938 when he was invited to take charge of this discipline at the Institute of Arts directed by Celso Kelly at the Federal District University, where at one time Lucio Costa and Candido Portinari were professors too, the former of architecture and the latter of mural painting.

In that year, MMM planned the Region of Niterói (state of Rio) and in 1939 the Penha Housing Development, which earned an honour award at the Fifth Pan-American Congress of Architects. In the second of three important addresses given in 1942, 1948 and 1960, Marcelo stresses the need of abandoning outdated processes and ways of thinking, and promoting the real dignity of human housing by "integral urbanism". He notes that town planning originated in Italy, but subsequently England took the lead until 1850 when it passed to France. By 1870 interest had declined, but it was rekindled at the turn of the century by the successive projects for Amsterdam. Two trends of thought are opposed: Should entirely new cities be designed or should the old ones be transformed?

This address heralded the decade in which MMM engaged in the "great works" of the type advocated by Marcelo planning a Workers' City in 1951, the seaside resort of Grumarim (1952-55), the Cabo Frio-Búzios Region and the (Mato Grosso), Caravelas and Geribá (1955-58), the city of Imbituba (Santa Catarina) in 1956 and "Urban Units" of Monte Alegre the Guarujá bathing beach development in 1959. Foreign commissions included the seaboard extension of Tunis and the Gamart Urban Unit for the Tunisian Government under United Nations auspices in 1957, followed by a housing development on the Italian Riviera in 1962.

Importance is attached to: the Grumarim Plan, with a Community Centre designed to incorporate activities enabling the resort to thrive all the year round without having to depend on the vagaries of the tourist trade; the Guide Plan for the Cabo Frio-Búzios Region, prepared in cooperation by an architect, an engineer, an ecologist and a expert on financing, and based on aerial photogrammetry and topographical surveying; last, but not least, the **Development of a Theory of Polynuclear Units and Urban Units**, with which MMM competed for the pilot plan of Brazil's new capital in 1956.

A general description is given of the Cabo Frio-Búzios plan, covering 17 Urban Units of 15,000 inhabitants each, one of which is analysed in detail, and a draft of the appropriate legislation. The underlying principles are discused in the "Doctrinarian Concepts" introducing the plan, summarized separately below.

The remainder of the article is concerned with a defensive analysis of the Brasilia project, starting with the analogy of the unsuccessful communities founded by English industrialist Robert Owen and the "phalansteries" of French economist Charles Fourier, and proceeding to a discussion of the influence of Le Corbusier and his **Ville radieuse and Village coopératif**, and the similarities between Chandigarh (500,000 inhabitants) and Brasilia (raised to 700,000 after acceptance of Lucio Costa's winning Pilot Plan).

Considering with Frank Lloyd Wright that the big city, the "monocellular megalopolis", with its millions of inhabitants, hallucinating traffic, strident cacophanies, dazzling lights, poisonous smog and overpowering monumentality, is imperialistic and militaristic, Marcelo deduces that "Democracy has not built anything yet" and proposes as counter-solution a combination of 7 small units, each with its green belt and limited to 72,000 inhabitants at the most. This pattern of welfare cities — "happy communities" as they are termed in the original Portuguese — is an extrapolation of Fourier's "phalansteries", modified by Ebenezer Howard's concept of the garden city and bound together into a federation. Planning in three dimensions, Marcelo refutes the accusation of inhumanity by pointing ou that each community would exemplify the ideal small town, traceable through Howard and Buckingham, and the economists of the Italian Renaissance, as far back as Vitruvius.

It is true that the Robertos make no concessions to the picturesque irregularities of the wayward mediaeval city, paradoxically so dear to sentimentalists of the Machine Age. Their regular preconceived layout results, not in superblocks, but in circular sectors within which the Neighbourhood Units are accomodated. The main circulations and the demographic density of each Urban Unit are predetermined, but within each sector there is room for infinite variation to fit the taste and convenience of the people who are going to live there.

To a man like Marcelo, who always referred longingly to the gay piazzas of Italy—San Marcos in Venice, for instance—the idea would never occur of moulding or imprisoning future generations in a rigid formalistic concept, valid solely at the time the plan was conceived. The polynuclear system, as opposed to the mononuclear design, allows freedom for the development of an urban personality in accordance with the changing values in politics, sociology, economics, philosophy, science, industry and art, not to speak of architecture and urbanism.

This is the meaning of the MMM plan for Brasilia, the last great work of town planning in which Marcelo took a hand. And now, the team so brutally shaken by the loss, first of Milton and eleven years later of the eldest brother, is carrying on under the steady guidance of Mauricio, maintaining unwaveringly the standards of quality that earned the firm its international reputation. As Marcelo, the professor, used to say to his students: "He who has not the courage to trust in his instinct, who is unable to feel the caress of a passing breeze to orient him in the Blind Man's Buff of life—that man will never be an architect".

Doctrinarian Concepts of MMM Roberto on Urbanism (Introductory Foreword to the Report Annexed to the Cabo Frio-Buzias Plan)

The principles of modern town planning are rooted deep in the past. Ideas as to the proper size of a city, its rural belt and its integration in the countryside are to be found in the Bible and the works of the ancient Greek philosophers. The neighbourhood unit was a feature of Thomas More's **Utopia**, and Leonardo da Vinci suggested dividing the city into organic units separated by green spaces and lining the streets with sidewalks. Up till a hundred years ago, however, town planners did not have to contend with the speed and ubiquity of vehicular traffic. Even when Sir Ebenezer Toward brought out a scheme for a new model town in his book **Tomorrow** (1898), there were few "horseless carriages" on the roads of England and they did not run very fast.

In this introduction, the subsequent development of urbanistic thought is outlined as a background to the Guide Plan for a region estimated to be able to support 144.000 inhabitants in comfort and pleasant surroundings. The avowed purpose of the team headed by Paulo Novaes, a civil engineer and widely travelled professor of economics, was to "animate the landscape with people and things, crops and livestock" without, however, "flooding or destroying it".

Four distinct phases may be discerned in the economic planning, which covers: 1) Balanced ratio between fixed and floating population; 2) Populational densities and concentrations; 3) Balanced economy of a standard unit in accordance with activities planned; 4) Legal and institutional instruments to make the system work. The result is an organic whole, harmonizing all the ecological, economic and social factors with sound technical principles.

Bolivia, a three-tone panorama, the Man, the Country and the Architecture

Mauricio Galindo R., architect
(text and photos)

Three Bolivian towns fit into a symbiotic pattern of activity and contemplation. **Santa Cruz de la Sierra** nestles in the meanders of a river, and the old streets with their shady footwalks and timbered eaves are busy with sugar planters, oil workers and farmers, as a contrast to the trim, remote chequer-board of the modern quarters. Half way up the Andes, the hanging valley of **Cochabamba** is a patchwork quilt of cultivation, recalling Mondrian, to wrap around the peaceful little town where low houses flaunt their gay hues amidst rippling flower gardens. Higher still, the Altiplano spreads out, hard, smooth-swept by glacial winds, straw-coloured yet jewelled in lakes where flamingos fold their crimson wings; scattered hamlets huddle in the grim landscape, unchanging for hours on end until suddenly, unexpectedly, a canyon is riven at the foot of it and in it lies **La Paz**.

Bolivia differs from other countries by being landlocked high on the backbone of the continent. Constantly erupting in political revolution, cursed with the unrequited claims of a million and a half toil-embittered **campesinos**, and striving against the tragic lack of means of communication, Bolivia has little chance of attracting capital for construction work, and architecture is of foreign if not international, inspiration. The universities of La Paz and Cochabamba graduate about five architects a year and there are only 70 in the whole country. Besides, prejudice is dead set against new ideas, and professional regulations are better drafted than applied.

In the towns, though speculation in real estate need not be reckoned with, the housing deficit is enormous. In the country, the campesinos build their dwellings unplanned, with great waste of energy and rudimentary skills, but often achieve surprising results, instinctively adapted to their material and spiritual status. The Bolivian architects of tomorrow, immersed at present in cultural milieux all over the continent, will no doubt evolve a style and a technique in keeping with the climatic, geographical, economic and social conditions of the country, but for the time being a virgin field awaits the coming of contemporary architecture.

Santo André Civic Centre

Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar and L. R. Carvalho Franco, architects

The São Paulo Department of the Institute of Architects of Brazil recently organized a competition of draft projects for a civic centre to be built in Santo André, a demographically explosive industrial quarter of São Paulo (127,000 inhabitants in 1950, now risen to 309,000). A guide plan for orderly control of this growth was outlined in **Arquitectura 34**.

The winning project comprises three separate buildings for the City Legislative and Executive authorities and for the Cultural Centre, as well as a Civic Plaza where 10,000 people can meet for festivities, or simply casually as inclined by their cultural or business pursuits. Briefly, the characteristics of the buildings are as follows: **Legislative:** The ground floor has a main hall, where visitors are directed to the four sections on the upper storey reserved for the Presidency, Town Councillors, Public and Press. The Assembly Hall is the central element; indirect ceiling lighting, and acoustic treatment enabling loudspeakers to be dispensed with, are striking features. **Executive:** Premises open to the public (tax-collector's office, payments, etc) are situated on the lower floors, so that vertical circulation requirements can be easily met by 3 public and 3 staff elevators. Documents are handled by 6 paper hoists. **Cultural Centre:** 1st floor: Theatre with stage surrounding the main floor on three sides for rapid scene-shifting or for simultaneous performances; foyer; industrial show room; classrooms and ballet training; public refreshments, etc. 2nd floor: Library, 3rd floor: Book storage. 4th floor: Offices of the Secretary of Education and Culture.

The natural slope of the site suggested building on three levels with 13 feet from one level to the next, providing direct access to three different floors. Thus the show room for industrial exhibitions, with a garage beneath it, gives onto the garden, while the public library on the floor above is entered from the Civic Plaza. In all three buildings, the 3 level layout makes for a great saving in mechanical means for vertical circulation.

MARCELO ROBERTO — II

Paulo F. Santos, architecte

La première partie de cet article se rapportait à la carrière de Marcelo Roberto comme architecte et au développement de MMM Roberto comme association des trois frères si doués dont seulement le dernier, Mauricio, est encore vivant et continue à s'occuper de la firme avec le même idéal. Cette seconde partie est sur l'urbanisme qui attirait Marcelo Roberto depuis qu'en 1938 Celso Kelly, alors à la tête de l'Institut des Arts de l'Université du district fédéral, lui offrait cette chaire cependant que Lucio Costa était professeur d'architecture et Candido Portinari de fresques.

Cette année-là, MMM projetait la **Région de Nitérol (Etat de Rio de Janeiro)** et en 1939 l'ensemble résidentiel de Penha qui lui valut un prix d'honneur au 5e Congrès panaméricain d'architectes. A la seconde des trois importantes conférences données en 1942, 48 et 60, Marcelo a souligné qu'il fallait abandonner les méthodes et façons de penser d'autrefois vis-à-vis du logement et a fait l'apologie de "l'urbanisme intégral". Il montre que l'urbanisme est né en Italie, passe en Angleterre jusqu'à 1850 et est finalement mené par près par de "grandes oeuvres" du minue mais est repris au début du vingtième siècle avec les projets successifs pour Amsterdam. Deux mentalités s'opposent: Doit-on refaire entièrement les vieilles villes ou les transformer?

Cette conférence annonçait la décade pendant laquelle MMM, pris par de "grandes oeuvres" du type que préconisait Marcelo, projetait: une cité ouvrière en 1951, la ville balnéaire de Grumarim (1952-55), la région Cabo Frio-Búzios et les Unités urbaines de Monte Alegre (Mato Grosso), Caravelas et Geriba (1955-58), la ville d'Imbituba (Santa Catarina) en 56 et la plage fameuse de Guaruja (São Paulo) en 1959. Les projets étrangers comprennent l'extension maritime de Tunis et l'unité urbaine de Gamart pour le compte du gouvernement tunisien sous les auspices des Nations unies, en 1957, suivies d'un quartier résidentiel sur la riviera italienne en 1962.

Il faut remarquer: le plan de Grumarim avec un Centre communautaire créé pour rassembler des activités permettant à la ville de prospérer toute l'année sans dépendre uniquement du tourisme; le plan directeur pour la région de Cabo Frio-Buzios, préparé en coopération avec un architecte, un écologiste et un expert en financement, et basé sur une étude faite au moyen d'aérophotogrammétrie et relevés topographiques; et finalement le **Développement de la théorie des unités polynucléaires et des unités urbaines**, thèse avec laquelle MMM concourait au plan pilote de la nouvelle capitale du Brésil.

L'auteur donne une description générale du plan de Cabo Frio-Buzios, qui comprend 17 unités urbaines de 15.000 habitants chacune, dont l'une est analysée en détail; un projet de législation appropriée en fait partie. Les principes de base sont exposés dans les "Conceptions doctrinales", annexées comme présentation du plan et resumées séparément ci-dessous.

Le reste de l'article est sur l'analyse défensive du projet de Brasilia commençant par l'analogie des communautés sans succès fondées par l'industriel anglais Robert Owen et les phalanstères de Fourier, puis continuant la discussion par l'influence de Le Corbusier et sa **Ville radieuse et Village coopératif**, enfin les similitudes entre Chandigarh (500.000 habitants) et Brasilia (allant jusqu'à 700.000 après que le Plan pilote de Lúcio Costa ait été accepté).

Considérant avec Frank Lloyd Wright que la grande ville, la "monocellular megalopolis", avec ses millions d'habitants, circulation hallucinante, cacophanies exaspérantes, lumières aveuglantes, fumées empoisonnantes et monumentalité débordante, est impérialiste et militaire, Marcelo déduit que "la démocratie n'a encore rien construit" et propose de la remplacer par la combinaison de 7 petites unités, chacune entourée de sa ceinture verte et limitée à 72.000 habitants au maximum. Ce système de villes heureuses est une extrapolation des phalanstères de Fourier modifiés par la conception de villes-jardins d'Ebenezer Howard et réunis en fédération. Projetant en trois dimensions, Marcelo rejette l'accusation d'être inhumain en montrant que chacune de ces communautés donnera l'exemple de l'idéal des petites villes qu'on retrouve de Howard et Buckingham jusqu'à Vitruve en passant par les économistes de la Renaissance italienne.

Il est vrai que les Roberto ne font pas de concessions en ce qui concerne les irrégularités pittoresques de la ville médiévale, paradoxalement si chère aux sentimentalistes de l'âge de la machine. Le tracé régulier qu'ils préfèrent ne mène pas aux superblocs mais à des secteurs circulaires parmi lesquels les unités de voisinage sont distribuées. Les circulations principales et la densité démographique sont fixées à l'avance mais dans chaque secteur on peut varier à l'infini selon les goûts et habitudes des future habitants.

Pour un homme comme Marcelo qui parlait avec nostalgie des places italiennes et surtout de Saint Marc, à Venise, l'idée ne serait jamais venue de modeler ou emprisonner les générations futures dans le concept de forme rigide qui ne dure que le moment ou il est conçu. Le système polynucléaire, en contradiction au projet mononucléaire, permet la liberté de développer une personnalité urbaine suivant les changement vis-à-vis de la politique, vie sociale, économie, philosophie, sciences, industrie et art, sans oublier l'architecture et l'urbanisme.

C'est ce que voulait dire MMM en projetant Brasilia, le dernier grand projet d'urbanisme où Marcelo a mis la main. Et maintenant la firme, si brutalement fêlée par la mort de Milton il y a 11 ans et celle de Marcelo l'année dernière, continue sous la direction de Mauricio à conserver le même standing de qualité qui lui a donné sa juste renommée. Comme Marcelo disait à ses élèves: "Celui qui n'a pas le courage de suivre son instinct, incapable de sentir le vent qui le pousse vers son destin, ne sera jamais un architecte".

Conceptions doctrinaires de MMM Roberto sur l'urbanisme (Préface d'introduction sur le rapport annexé au plan Cabo Frio-Buzios)

Les principes de l'urbanisme actuel sont profondément enraciné dans le passé. Les idées sur la vraie dimension qui convient à une ville, son contour rural et son intégration dans le paysage se trouvent dans la Bible et les oeuvres des philosophes grecs. L'unité de voisinage était un trait de l'**Utopie** de More, et Léonard de Vinci avait suggéré, bien avant, de diviser la ville en unités organiques séparées par des espaces verts et border les rues de trottoirs. Jusqu'à il y a environ cent ans les urbanistes n'avaient pas à se soucier de la circulation de véhicules rapides et encombrants. Même quand Ebenezer Howard décrivait une nouvelle sorte de ville dans son livre "Tomorrow" en 1898, il n'y avait que peu d'autos sur les routes d'Angleterre et elles n'allaient guère vite.

Dans cette introduction, le développement de la pensée urbaniste est dessiné comme un fond du Plan directeur pour une région estimée capable de supporter commodément 144.000 habitants. Le but avoué de l'équipe menée par Paulo Novaes, ingénieur civil e économiste distingué bien connu à l'étranger, était "d'animer le paysage avec gens et choses, cultures et bétail" sans cependant "le noyer ou le détruire".

On peut distinguer quatre phases sur le plan économique: 1) l'équilibre entre la population flottante et permanente; 2) les densités et concentrations de la population; 3) l'équilibre économique d'une unité standard suivant les activités prévues; 4) les mesures légales pour assurer le fonctionnement de l'organisation. Le résultat en est l'harmonisation écologique, économique et sociale des différents facteurs à l'aide d'une technique parfaite.

Bolivie, panorama en trois tons — l'homme, le pays, l'architecte.

Mauricio Galindo R., architecte
(texte et photos)

Les trois villes de Bolivie cont une symbiose d'activité et de contemplation: **Santa Cruz de la Sierra**, aux vieux toits de l'époque coloniale mêlés aux quartiers récents d'un tracé rectiligne dans un paysage aux verts violents et riches. **Cochabamba**, à mi-pente des Andes, vrale ville jardin entourée de ses fleurs et baignés de lumière limpide, regarde au loin les carrés ochres et roux à la Mondrian des pentes montagneuses. Et plus haut, après le plateau andin couleur de paille et parsemé de lacs ou se baignent les flamands rouges et ou les vents apportent le froid des glaciers, tout-à-coup, alors qu'on s'y attend le moins, apparait **La Paz** dominée par une imposante montagne de forme singulière.

La Bolivie est différente des autres pays par sa situation élevée et son isolement; constamment en lutte politique aggravée par les revendications d'un million 500.000 paysans insatisfaits et souffrant du manque de moyens de communication, elle n'a guère l'occasion d'attirer les capitaux nécessaires à la construction et l'architecture est donc réduite à imiter l'étranger ou le style international banal. Avec ça, les facultés de La Paz et de Cochabamba sont imprégnées d'un esprit réactionnaire contre les idées actuelles, tout particulièrement vis-à-vis de l'architecture. Cependant, la venue de jeunes architectes courageux laisse prévoir l'éclosion d'une nouvelle architecture, moins influencée par l'étranger ou le primitivisme paysan, mais au contraire personnelle et fonctionnelle en ce qui concerne les conditions climatiques, géographiques, économiques et sociales de la Bolivie. Celle-ci ignore encore son architecture contemporaine véritable, mais saura vite la rencontrer et, après quelques études sur le continent, ne manquera pas d'apporter une nouvelle expérience sudaméricaine.

Le centre civique de Santo André

Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar et L. R. Carvalho Franco, architectes.

Le département de São Paulo de l'Institut des architectes du Brésil a organisé récemment un concours d'avant projets pour la construction d'un centre civique à Santo André, quartier industriel de São Paulo en plein développement (127.000 habitants en 1950 et 300.000 aujourd'hui). Un plan directeur du contrôle de cette augmentation était décrit dans **Arquitetura 34**.

Le projet gagnant comprend trois bâtiments séparés pour le Législatif, l'Exécutif et le Centre culturel, et une Place civique ou 10.000 personnes pourront facilement se rencontrer pour des fêtes quand ils le voudront. Les caractéristiques des bâtiments sont: **Législatif:** Le rez-de-chaussée a un hall d'entrée par ou les visiteurs sont dirigés vers les quatre sections de l'étage supérieure réservées respectivement au président du conseil municipal, aux conseillers, au public et à la presse. La salle plénière est l'élément central de la construction; ses traits les plus remarquables sont l'éclairage indirect et le système d'acoustique éliminant les haut-parleurs. **Exécutif:** Les locaux ouverts au public (bureaux du percepteur, des paiements, etc.) sont situés aux étages inférieurs avec entrée de plein pied, permettant de réduire le nombre d'ascenseurs à 3 pour le public et 3 pour le personnel. Six monte-charges assurent la distribution des documents. **Centre culturel:** Premier étage: Théâtre avec scène entourant la salle sur trois côtés pour pouvoir rapidement changer les décors ou monter des pièces à action simultanée sur plusieurs plateaux; foyer; salle d'exposition industrielle; classes de ballet; rafraichissements, etc. 2e étage: Bibliothèque. 3e étage: Dépôt de la bibliothèque. 4e étage: Bureaux du secrétaire de l'éducation et de la culture.

La pente naturelle a donné l'idée de construire sur trois niveaux avec 4 mètres d'un niveau à l'autre et entrée directe de l'extérieur pour chacun des trois étages inférieurs. Ainsi la salle d'exposition industrielle, avec garage en-dessous, donne sur le jardin, alors qu'on entre à la bibliothèque municipale, à l'étage au-dessus, par la place civique.

Planejamento Urbano

Depois de um surto de criação que repercutiu além de nossas fronteiras, a arquitetura brasileira se acha diante de um impasse que, a nosso ver, só poderá ser ultrapassado na medida em que aos arquitetos sejam confiadas as tarefas de compor, em escala cada vez maior, o ambiente urbano.

As condições para concretização desta premissa aparentemente são favoráveis, de vez que as cidades brasileiras têm crescido de forma extremamente acelerada. Entretanto, no fato do crescimento ter se dado neste ritmo, talvez resida a causa mesma, até agora, da não interferência ou não participação do arquiteto.

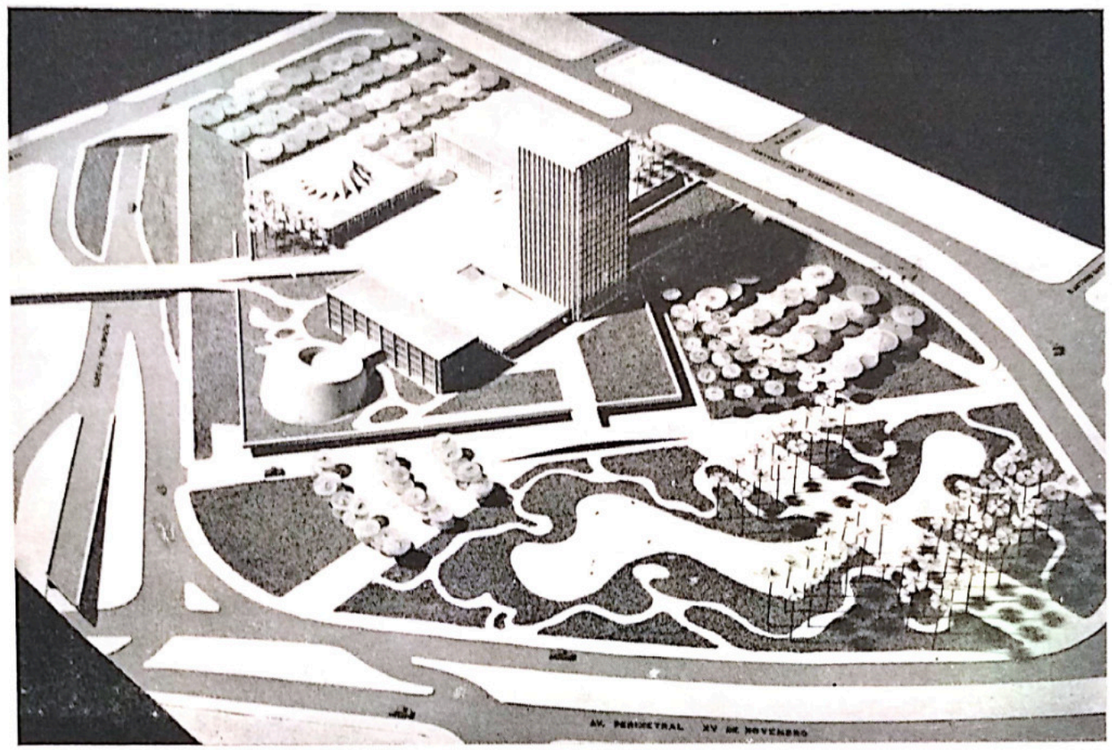
Aqui, as cidades não evoluiram através da lenta sedimentação cultural de sucessivas gerações como no Velho Mundo. Neste ponto, mais uma vez deparamo-nos com a contradição gerada pelo fato de tentarmos interpretar nossa realidade através de uma óptica que tem origem numa cultura apreendida intelectualmente e não decorrente da essência daquela própria realidade. Os fatos, mesmo quando provindos de ações pensadas em têrmos daquela visão, não correspondem normalmente ao modêlo. Esperávamos poder observar entre nós um processo evolutivo semelhante ao das cidades européias. O impacto dos engenhos mecânicos e das fôrças especulativas postas em jôgo, quebrou encanto, e o mito de uma herança que se faz cidade, se desfez. O que dela restou foi, na maioria dos casos, uma massa indeferenciada, muitas vêzes reedificada sôbre o primitivo traçado urbano. Sabemos, no entanto, que os cortes, as amputações da cirurgia urbana tentados por cada geração sôbre o cadáver da trama urbana colonial só serviram para desfigurá-la e pouco ou nada acrescentaram como fator cultural mais autêntico.

Experiências de planejadores de formação européia, feitas em países em desenvolvimento, têm se mostrado pouco alentadoras e chegam em muitas ocasiões a pôr em risco o próprio conceito da necessidade do planejamento na formação do espaço urbano e da organização territorial. Uma conferência do Prof. Otto Koenigsberger feita recentemente na "Architectural Association" e a ser transcrita brevemente em ARQUITETURA é, a êste respeito, profundamente eloqüente.

Diante dêste quadro, sentindo que o esfôrço de vários grupos profissionais, dentre os quais se destacam os arquitetos, começa a frutificar entre nós, tomando corpo na formação de uma consciência da necessidade de planejar que se amplia dia a dia, não podemos deixar de nos alegrar e de, ao mesmo tempo, pressentir a dimensão da responsabilidade que nos caberá.

A notícia da realização do Plano Preliminar de Urbanismo para a Cidade de Curitiba, resultante de um concurso privado promovido pela Prefeitura Municipal em fins do ano passado, sobressai como um fato auspicioso. O plano preliminar elaborado pela equipe vencedora — Sociedade Serete de Estudos e Projetos Ltda. e Jorge Wilheim — Arquitetos Associados — foi recentemente divulgado e sua implantação iniciada através de uma ampla motivação da população através de debates democráticos e instrutivos. Um folheto intitulado "Curitiba de Amanhã", contendo as razões e as linhas gerais do plano apresentado, foi largamente distribuído em Curitiba. Êste folheto não é, como o título poderia levar a pensar, um folheto de mera publicidade de uma administração pública, ou em outros têrmos, seria a melhor forma de publicidade que uma administração pública consciente poderia fazer. Nêle fala-se dos problemas da cidade, definindo-os através da situação econômica e social, da fixação de um programa de ação, da proposta de medidas jurídico-legislativas e dos estudos complementares necessários ao prosseguimento dos trabalhos e não de simples propostas setorizadas.

ARQUITETURA congratula-se com Curitiba e sua população e espera que a experiência agora iniciada não fique em plano como algumas outras, mas venha a se traduzir numa realidade, capaz de significar a aspiração plena da comunidade curitibana. Neste sentido, fazemos nossas as advertências dos planejadores, *"... Estas hipóteses a longo prazo poderão parecer audaciosas. Convém lembrar, no entanto, que no planejamento urbanístico, os erros maiores decorreram de ausência de previsão remota ou mesmo hipóteses pessimistas."* □



Centro Cívico de Santo André

Arquitetos:
Rino Levi
Roberto Cerqueira César
L. R. Carvalho Franco

O Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo, organizou o recente concurso de anteprojetos para o Centro Cívico de Santo André, instituído pela Prefeitura Municipal daquela cidade. Santo André ocupa uma posição importante no grande parque industrial do Estado de São Paulo, formando, juntamente com São Bernardo e São Caetano, o chamado ABC paulista, uma área de intensiva expansão. Santo André demonstra um crescimento explosivo, registrando-se 127.020 habitantes no censo de 1950, contra atualmente com uma população de 309.000. Em bom momento, suas autoridades sentiram a necessidade de controlar e ordenar êste crescimento e hoje Santo André é um dos pouquíssimos municípios brasileiros que têm o privilégio de se beneficiar de um plano diretor. As linhas gerais deste plano foram publicadas recentemente (Arquitetura 34). Voltamos agora a focalizar mais um aspecto do planejamento de Santo André. Apesar dos inúmeros problemas a resolver no setor de planejamento urbano brasileiro, não podemos deixar de manifestar nossa satisfação diante da iniciativa do concurso, cujo resultado ora publicamos. Atesta a clarividência dos responsáveis pela administração daquele município e sobretudo, a paulatina difusão e aceitação das idéias do planejamento no Brasil.

Segue a descrição do projeto dos arquitetos Rino Levi, Roberto Cerqueira César, L. R. Carvalho Franco, vencedores do concurso.

"O anteprojeto obedece ao programa fornecido aos concorrentes, compreendendo os prédios do Executivo Municipal, do Legislativo e de um Centro Cultural, devendo-se prever a construção dêstes edifícios independentemente um do outro. A composição deveria, ainda, prever uma praça cívica, para reuniões de 10.000 pessoas, e o estudo do paisagismo de tôda a área, enquadrando no conjunto o edifício do Forum, cujo projeto se encontrava já elaborado, por iniciativa do Govêrno do Estado de São Paulo.

O planejamento do conjunto foi baseado sôbre os seguintes pontos fundamentais:

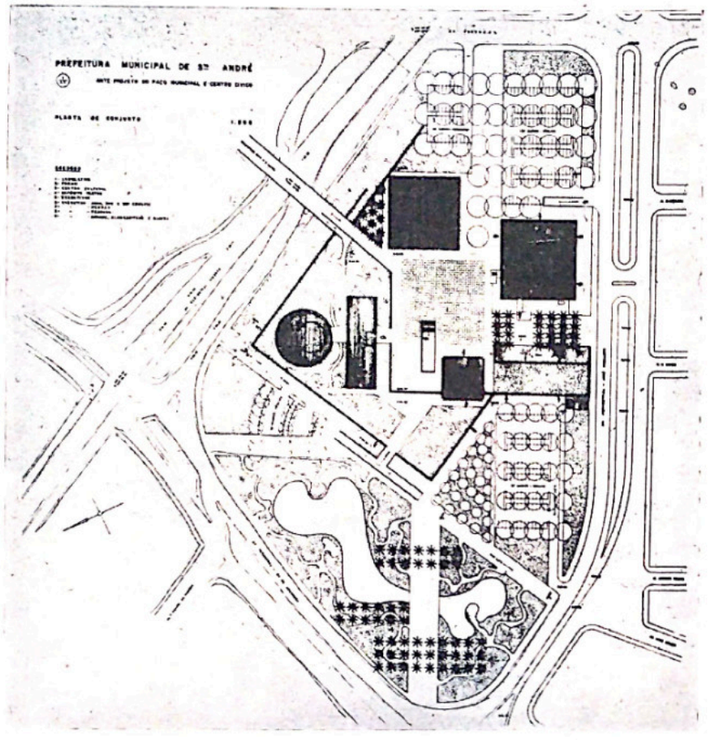
1.º) — Focalização da composição, acentuando a caráter essencialmente cívico do conjunto, coração da cidade e ponto de convergência da população de Santo André, propiciando ambiente para o contato humano, troca de idéias e manifestações da vida em sociedade.

2.º) — Preservação de tôda a área unicamente para pedestres.

3.º) — Valorização da mesma área por meio de tratamento paisagístico, visando criar condições apropriadas para recreio e repouso.

4.º) — Caracterização dos edifícios de acôrdo com o destino de cada um.

No anteprojeto, ocupando posição central em relação aos edifícios mencionados, acha-se a Praça Cívica. Através dela se processa intensa circulação de pedestres,



tornando-a viva. Será ponto de encontro. Será ponto de reunião nos momentos de comoção ou de comemoração.

O terreno apresenta um desnível de cêrca de 10,00 metros entre os seus extremos, no sentido do seu maior comprimento. Isto levou a criar 3 patamares, que ocupam tôda a área do mesmo terreno, de modo a estabelecer compensação entre cortes e aterros. O desnível entre êstes patamares é de 4,00 metros. Em conseqüência, criaram-se acessos aos edifícios por 3 níveis, correspondentes aos níveis dos 3 patamares. Esta disposição adquire particular importância para o edifício do Executivo, cujas secções de grande atendimento de público são tôdas dispostas com acesso direto do terreno, reduzindo consideràvelmente o uso dos elevadores.

Em tôrno da Praça Cívica, junto aos edifícios, foram criados estacionamentos ao ar livre com capacidade total de 300 automóveis.

A orientação foi fixada de modo a evitar insolação prolongada em duas faces dos edifícios. Nestas, a proteção contra o sol foi obtida quase ùnicamente pela sombra projetada pelos pilares da estrutura, salientes nas fachadas. Nas faces norte e oeste, nas quais a insolação é frontal, são previstos corta-sois, fixados diretamente nos pilares da estrutura.

O arranjo paisagístico, num estudo detalhado, deverá prever uma série de elementos de interêsse da população, como parques infantis, recantos de descanso, coreto para banda, etc..

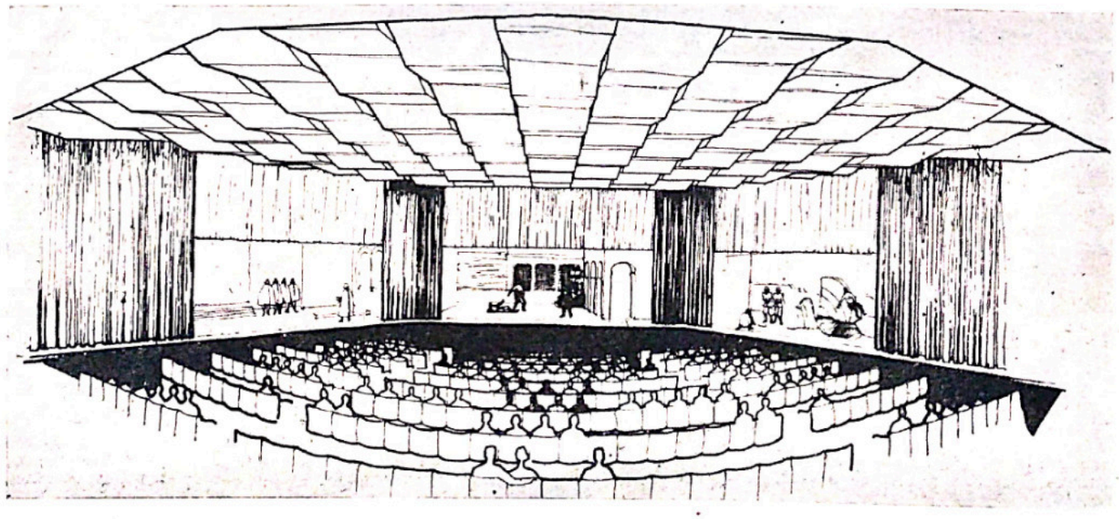
LEGISLATIVO

Foi concebido com 2 andares. O térreo possui 2 acessos, sendo o primeiro para um grande *hall*, que faz a triagem das circulações, destinadas aos setores da presidência, dos vereadores, do público e da imprensa. O segundo, de serviço, é destinado ùnicamente para a copa da sala do café, situada no andar superior. O andar térreo comporta, ainda, a administração, que é a secção do Legislativo de maior atendimento de público, e às instalações mecânicas. No andar superior são perfeitamente definidos os 4 setores mencionados, cada qual com seu *hall*, de modo a estabelecer as ligações presidência-vereadores, presidência-público, vereadores-público e vereadores-imprensa.

O Plenário é elemento central. É iluminado durante o dia com luz difusa do alto. As paredes laterais do Plenário terão revestimento de sarrafos de madeira sobrepostos a material acústico, formando ressoadores. O fôrro, por sua vez, será acabado com difusores acústicos. O tratamento acústico deverá permitir audição sem uso de alto-falantes.

EXECUTIVO

O Executivo apresenta secções de grande atendimento de público e outras de pouco ou nenhum contato externo. Tôdas as secções de grande atendimento de público, principalmente a recebedoria, a pagadoria e o protocolo, foram localizadas nos andares inferiores, com acesso direto do terreno. Dêste modo, a circulação vertical por meio de elevadores foi aliviada consideràvelmente. Para o transporte vertical foram previstos também 6 monta-papéis. Assim, os 3 elevadores para público e os 3 para funcionários, previstos no anteprojeto, atenderão folgadamente à circulação vertical.



CENTRO CULTURAL

O Centro Cultural compreende 4 andares, dispostos na seguinte seqüência, de baixo para cima:

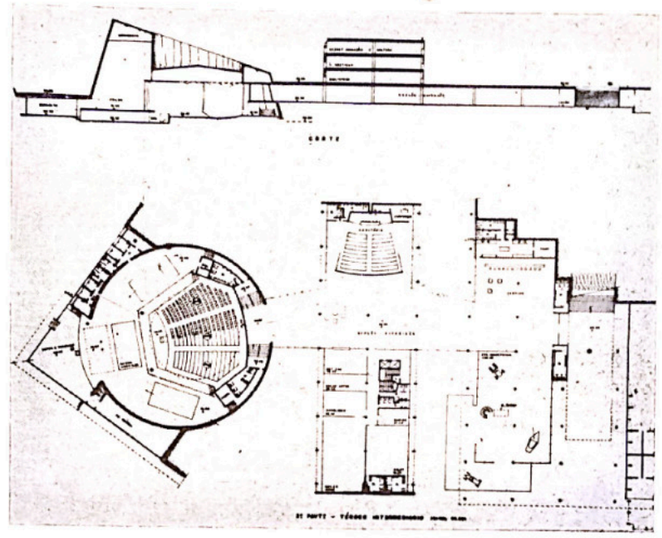
1) — Andar em correspondência do patamar intermediário. Posui um grande *hall*, que dá acesso direto ao teatro, ao auditório, a um grantriais, a salas de aula e balé e à de salão para exposições industcantina pública.
2) — Biblioteca em correspondência da Praça Cívica.
3) — Depósito da biblioteca.
4) — Gabinete do Secretário de Educação e Cultura.

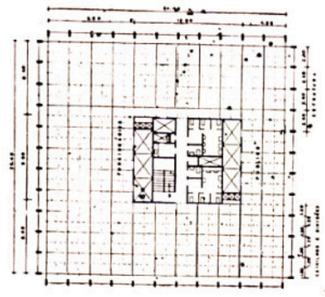
O teatro foi concebido com o palco contornando a platéia por 3 lados. Assim, poderão ser realizados espetáculos com cenas simultâneas e mudanças cênicas rápidas por meio de plataformas móveis, de modo a dinamizar a ação. Para espetáculos de tipo tradicional, foi prevista, também, uma tôrre, com urdimento no alto. Atrás do palco, em nível ligeiramente inferior, foi disposta uma área destinada a trabalho de depósito, com acesso direto de caminhões.

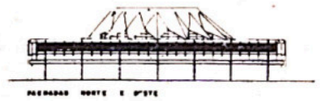
O tratamento acústico do teatro deverá prever o seguinte:

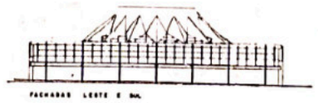
1) — Ressoadores na parede circular do palco. A parede será dupla, com câmara de ar intermediária. A primeira parede, voltada para o palco, será perfurada. A segunda, será revestida com material acústico.
2) — Superfícies refletoras e difusoras de som no fôrro da sala de espetáculos.
3) — Revestimento absorvente de som nas paredes da mesma sala.

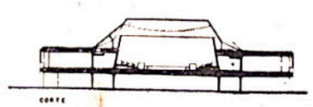
A sala destinada à exposição industrial se prolonga externamente pelo jardim. O acesso de volumes pesados é feito por meio de um monta-carga, que parte da garagem situada no andar inferior. □

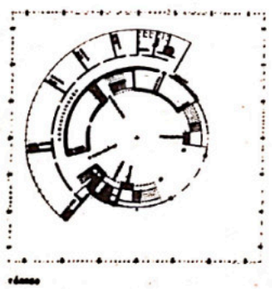


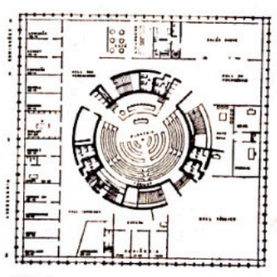


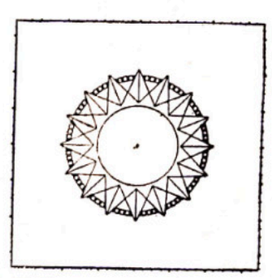












Marcelo Roberto - II

Arquiteto Paulo F. Santos

O URBANISTA

..."Quando estou de bom humor, vejo na minha cabeça a cidade clara dos tempos novos. Ela é tão simples, e tão variada, tem verde em tôda parte, de tôda a parte vêem-se as belas coisas que a natureza semeou. Não há barulho, é um rumor justo, para explicar que a vida está presente. As crianças correm à vontade, não há hipótese de poderem morrer debaixo dos automóveis, os homens vão ràpidamente de casa para o trabalho, de casa para o recreio. As pontes, os túneis, as estradas, são integradas no organismo da cidade, não são mais acessórios do século XIX"... (Marcelo Roberto, "Arquitetura, Urbanismo e o Muro das Lamentações". Conferência pronunciada em São Paulo em maio de 1948 — "Diário de São Paulo", 30-V-1948).

Muito considerável foi também a atividade dos M. M. M. no Urbanismo, ainda que, pelos azares das circunstâncias, vários dos trabalhos que realizaram não tenham passado do papel.

Creio tudo tenha começado quando em 1938 Marcelo foi convidado a exercer a cátedra de Urbanismo na Universidade do Distrito Federal, a interessante mas efêmera organização que no seu Instituto das Artes, dirigido por Celso Kelly, congregou certa ocasião, em aulas nos cursos de pós-graduação, Lúcio Costa como professor de arquitetura, auxiliado por Carlos Leão, que depois o substituiu, e Cândido Portinari que, sob a inspiração de Kelly, criou ali uma cadeira de pintura mural, em que adquiriu experiência para logo em seguida realizar seus soberbos e consagrados trabalhos no Ministério da Educação.

Naquele mesmo ano de 1938 os M. M. M. realizavam o *Plano da Região de Niterói*, Estado do Rio de Janeiro —, primeiro trabalho de Urbanismo do Escritório a que se seguiu o *Conjunto Residencial da Penha* (1939), distinguido com o Prêmio de Honra na categoria de "Estudos Gráficos, Econômicos e Estatísticos da Vivenda e do Urbanismo", do V Congresso Pan-Americano de Arquitetos, realizado em Buenos Aires em 1940 —, ambos trabalhos já resultado dos estudos que empreendera Marcelo para ensinar na Universidade (uma das vantagens da carreira do magistério é essa: obriga a estudar), começando desde então a encarar os problemas "em grande", pela associação da Arquitetura ao Urbanismo visando a integração da casa no sítio como um todo só, idéia que adquiriria grande ênfase quando Marcelo, na Universidade de Princeton, anos depois assistiu a uma famosa conferência de Frank Lloyd Wright que consistiu — foi Maurício quem m'o contou — numa frase só: o grande arquiteto traçou no quadro um círculo e no interior dêle um outro pequenino — aquêle significando a cidade, êste a casa e disse: "Senhores, quero hoje chamar a sua atenção para a importância do *approach* na Arquitetura. É só". Com essa esquematização pretendeu Wright dar o máximo de eloqüência a uma idéia que, desenvolvida numa palestra, talvez não induzisse a tanta meditação.

As preocupações de Marcelo com "os grandes trabalhos" e a integração da Arquitetura e do Urbanismo, obedeciam a uma idéia dominante — que norteou sempre tôda a atividade dos M. M. M. —, de uma nova organização social, que eliminasse as falhas e injustiças do presente, o que ficou patente desde 1942, quando êle fêz uma palestra no Instituto de Estudos Brasileiros sôbre *"As necessidades urgentes da Arquitetura brasileira"* (26), desenvolvendo proposições que melhor se completaram noutra palestra, que seis anos depois pronunciou em São Paulo, sob o título *Arquitetura, Urbanismo e o Muro das Lamentações* (27) —, apresentada à guisa de resposta à aula inaugural proferida na Escola de Arquitetura Mackenzie pelo professor Christiano das Neves (que me abstenho de analisar, mas que ficou famosa até aqui no Rio, onde me chegou às mãos um exemplar impresso); retornando ainda ao mesmo tema em mais uma palestra sôbre a *"Interdependência entre Arquitetura e Urbanismo"*, que pronunciou em 1960 em Santos, e Geraldo Ferraz noticiou em "A Tribuna" de São Paulo (28).

Na palestra de São Paulo, que considero extremamente importante para se penetrar no seu pensamento, Marcelo estigmatiza "os velhos processos querendo subsistir", "a demagogia", os "paliativos" e exalta "os tempos novos", que, com a mobilização geral promovida pela Grande Guerra já estariam chegando; "os tempos dos grandes trabalhos", o primeiro dos quais "será a dignificação da habitação do homem o que exigirá urbanismo integral".

"Entramos nos tempos novos munidos de armas que os outros tempos não conheceram: a documentação organizada", que "nos permite mergulhar na aventura do urbanismo moderno sabendo das tentativas, conhecendo os resultados e as razões dos fracassos das aventuras anteriores". E esclarece:

O Town Planning, que foi italiano, tornou-se inglês até 1850. Francês, dessa data até 1870, quando morreu. Ressurgiu em Amsterdam, por volta de 1900. Ali ficou pràticamente até o começo da guerra.

Algumas cidades se desenvolveram inteligentemente, Frankfurt sôbre-o-Reno, por exemplo, mas nenhuma manteve uma tradição tão ininterrupta quanto Amsterdam. O decreto holandês de 1901, que a Harvard City Planning Studies refere como sendo "a mais clara peça legislativa no gênero, formando os seus onze capítulos a essência para um perfeito ataque aos problemas do **housing national**, foi o ponto de partida.

Enquanto Otto Wagner, em Viena, lutava amargamente contra a administração municipal, Amsterdam dava a um arquiteto independente, Hendrik Petrus Berlage, tôda a liberdade para projetar a Zona Sul de Amsterdam. O plano de 1902 é muito conhecido. Em 1915, Berlage termina o segundo projeto. Depois de sua morte, Le Klerk continuou. Desde 1929 o nosso companheiro do C.I.A.M., Van Easteren dirige o plano geral de extensão de Amsterdam. É de Van Easteren a opinião explanada em estudo de leitura indispensável, que o urbanista tem que avançar muito além dos limites técnicos.

Uma questão logo se levanta: que vamos fazer com a cidade que herdamos do século dezenove? Devemos deixá-la morrer, já que ela agoniza no conflito de funções que não se harmonizam? Há opiniões que afirmam não haver solução para a grande metrópole. Que ela tem que ser liquidada part'da em pequenos pedaços. Outros dizem o contrário. Que a cidade pode ser transformada, segundo a estrutura e o engenho do nosso tempo. Já dizia Otto Wagner que o crescimento das cidades era coisa normal, e que êsse crescimento poderia ser levado a grandes realizações.

Várias proposições têm aparecido explicando como cortar a cidade em pedaços. Diferindo nos detalhes, elas têm uma tendência comum, o que é muito significativo, uma ânsia para alcançar o orgânico, ânsia cada vez mais forte, como uma espécie de procura de tábua de salvação para os males da civilização. A diferença entre as proposições está no processo de como ser conseguido o orgânico.

Uma das proposições tidas como mais radicais — proposição européia, não se esqueçam — consiste em distribuir tôda a população em sítios de um, de meio hectare. Essa descentralização modificaria a nossa vida de citadino, converter-nos-ia em camponeses mecanizados, para manter um equilíbrio entre as ocupações rurais e industriais. Êsse esquema, que seria a completa e conscienciosa destruição da idéia cidade, seria também uma volta às doutrinas de Charles Fourrier que, em oposição ao sistema industrial, queria conseguir o mais completo desenvolvimento da natureza humana pela criação de uma vida social na qual o indivíduo encontrasse maior satisfação. Para essa vida, êle via uma descentralização da sociedade, e preponderância da agricultura sôbre a indústria.

Do Fourrier para cá, muitos teóricos apareceram, vendo na descentralização o remédio para os males da industrialização.

Frank Lloyd Wright está com êsses teoristas, admitindo que a sua Broadacre City tem o programa baseado nas idéias e experiências de Ralf Borsodi. Antigo economista, Borsodi realizara o seu programa de descentralização ou, como chama, de distributismo, por meio de unidades de pequenos proprietários e pequena produção mecanizada. As experiências foram feitas em Dayton, Ohio, depois Bayard Lane, N. Y., mas o próprio Wright afirma, cheio de razão, que os pequenos remédios não adiantam, só servindo para prolongarem artificialmente a vida das cidades, sem nenhuma esperança de cura.

O ponto de vista oposto, que mantém que as cidades devem se transformar, mas nunca morrerem, concorda que o homem nunca pode separar-se da natureza, não podendo, por



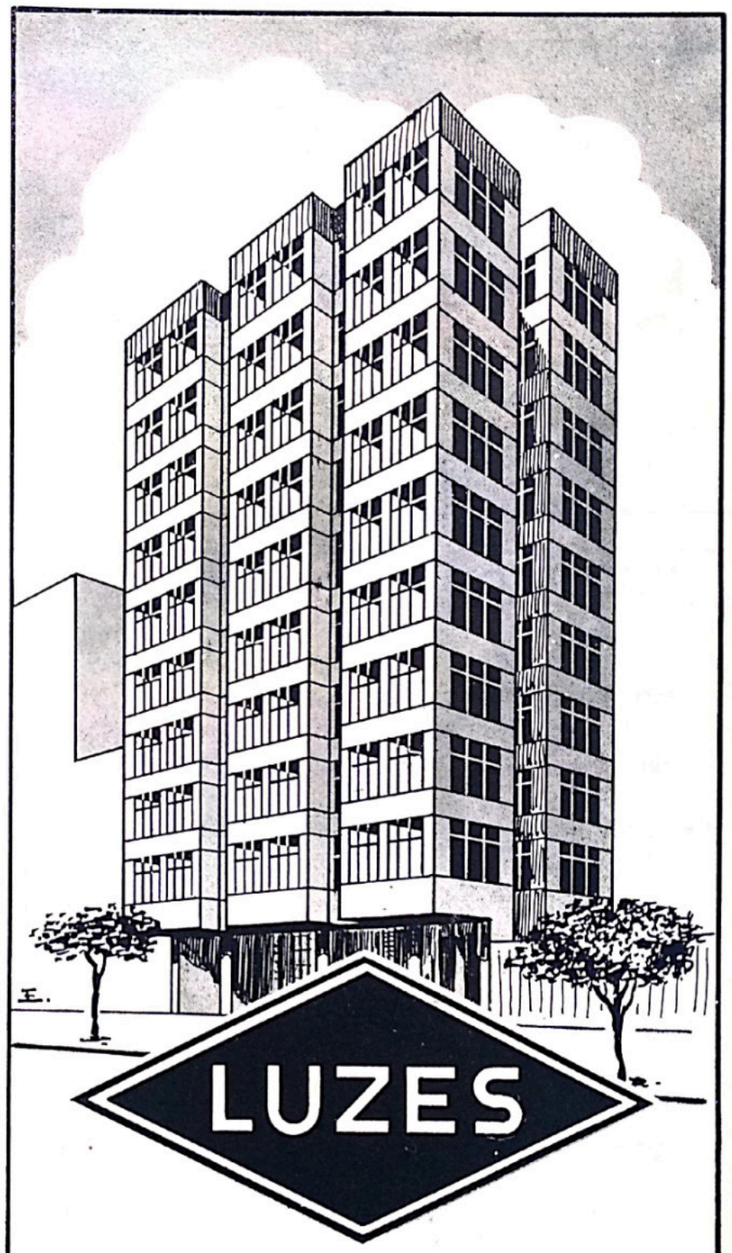
Quando o problema reside numa grande concentração de pessoas, como foi o caso do Shopping Center do Méier, Confort-Air tem sempre a solução. Naquele prédio, o equipamento e instalações de ar condicionado, ventilação e exaustão foi projetado e instalado pela Confort-Air. Para nós é motivo de orgulho sabermos que participamos de obras de grande envergadura. Quem visitar o Shopping Center do Méier, sem dúvida, "sentirá nossa presença no ar..."

Confort-Air s/a

Engenharia - Indústria - Comércio
Engenheiros especializados

Rua Washington Luiz, 81

A técnica a serviço do confôrto e do bem estar.



CASA LUZES-das fundações aos arremates finais

CASA LUZES LTDA.
RUA DIAS DA CRUZ, 638 - TEL. 29-0160
RIO DE JANEIRO — GUANABARA

— *Conjunto Balneário Guarujá*, Santos, Estado de São Paulo (em colaboração com Sérgio Bernardes e Hélio Uchoa) (1959).

— *Complesso Residenziale Alberchiero*, Arenzano, Riviera del Ponente, Itália, (1962).

Particular importância têm os planos para *Grumarim* e *Cabo Frio-Búzios* — duas soluções distintas entre si, que marcam etapas elevadas na atividade dos arquitetos no Urbanismo.

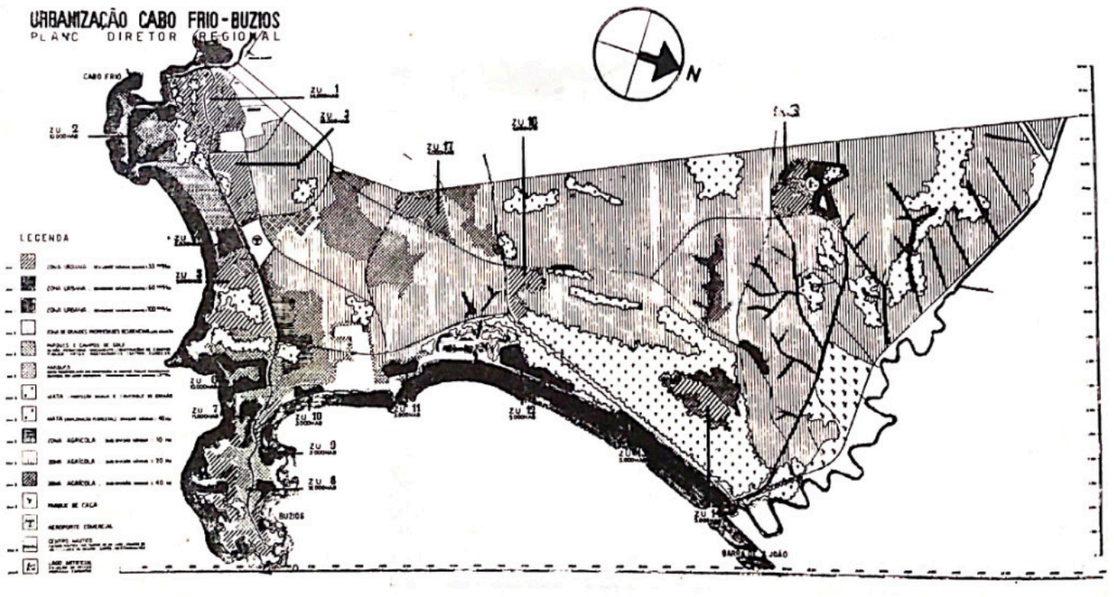
Grumarim é uma cidade balneária situada a meia hora do Leblon, no Rio de Janeiro, compreendendo um *Centro-comunal*: com lojas, cafés, restaurantes, cine-teatro, igreja, lavandaria, mercado, administração, balneário, artesanato, escola —, em conjunto destinados a uma atividade ininterrupta durante todo o ano, condição para que a *Cidade Balneária* pudesse efetivamente funcionar como centro de atração turística e tivesse vida própria, inaependentemente da freqüência intermitente dos turistas e dos co-proprietários. Para êstes, previu o Plano casas individuais, abrangendo a superfície maior da Cidade, com um grande parque no centro, e na periferia as habitações coletivas de 3 e 6 pavimentos. O Conjunto Comunal ficou de um dos lados, sem perturbar o sossêgo das habitações, e foi completado com: colônia de férias, habitações de pescadores, campos de jogos e esportes, piscina, clube esportivo, clube de pesca, e amplíssimos parques. Os serviços gerais foram cuidadosamente planejados: entreposto de pescado, frigorífico, garage, oficina, estacionamento, estação de tratamento de esgôto, incineração de lixo, etc. — tudo isso a provar a consciência profissional com que o plano foi concebido, visando atender à conveniência dos proprietários das terras, dos adquirentes de lotes ou ações, dos pescadores, do comércio que viesse a se formar —, com a implícita afirmação de que só quando há um justo equilíbrio de todos os interessados sem sacrifício dos melhores preceitos de uso comum da terra, se pode dizer que o objetivo maior foi atingido.

Com o *Plano diretor para a Região Cabo Frio-Buzios* iniciado em 1955, os Roberto cujo escritório de Arquitetura já era dos mais bem aparelhados do Rio, ampliam-no para transformá-lo também na mais completa organização de Urbanismo da Cidade, enriquecida com a colaboração (interna ou externa) de tôda uma equipe de especialistas. Além dos M. M. M. e de Antônio A. Dias, arquiteto associado: — Ellida E. Engert, arquiteto chefe de equipe; Paulo Novaes (Organização econômica); Fernando Segadas Vianna (Ecologia e planejamento agrícola); J. Oliveira Sampaio (Engenharia); Jorge Chmielewski, da Organização Lowndes (Planejamento financeiro); Serviços Aerofotogramétricos Cruzeiro do Sul S. A. (Aerofotogrametria e levantamento topográfico).

O Relatório que acompanha o Plano — adiante publicado nas suas partes essenciais, em anexo ao presente trabalho —, é o documento mais importante para fixar a orientação doutrinária dos M. M. M. como urbanistas e as influências que receberam de Ebeneser Howard no seu "Tomorrow" (1898), Raymond Unwin, Clarence Perry, Henry Wright e C. S. Stein.

As quarenta pranchas do Plano e êsse Relatório constituem trabalho feito com seriedade, em que as soluções gráficas são acompanhadas de um estudo econômico em quatro fases, no qual colaboraram, além dos especialistas, todos os participantes da equipe: — 1.º) — Estudo do equilíbrio entre a população flutuante (veranistas e turistas) e a população fixa; 2.º) — Determinação das densidades populacionais, 3.º) — Estudo de uma Unidade tipo, tendo em conta o equilíbrio econômico em função das atividades previstas; 4.º) — Legislação adequada a garantir o funcionamento do sistema.

Dada a amplidão das matérias que abrange e a objetividade com que tudo foi encarado, a seqüência dos trabalhos merece ser referida, ainda que sumàriamente, para que se tenha idéia do encaminhamento do tema, que pode servir de modêlo para trabalhos congêneres. Partindo das condições geográficas: clima (temperatura relativamente ao Rio e às cidades serranas; índices pluviométricos, ventos dominantes), situação, acessos —, penetra fundo no estudo do problema da Região: terras de cultura, reservas, florestas; população provável face às possibilidades produtivas da Região; densidades relativas a outros municípios do Estado; áreas necessárias à produção de alimentos; relação entre área de produção, florestas e reservas de urbanização; áreas e distribuição no terreno dos diversos tipos de cultura; dados para o planejamento agropastoril; possíveis fontes de abastecimento de luz e fôrça e água; etc. A seguir — ponto capital do trabalho — análise de uma Unidade de 15.000 habitantes, com classificação dos serviços que proporcionariam empregos permanentes e alternativos à população (agricultura, comércio, pesca, etc.); distribuição desta última (fixa e flutuante); seu crescimento paulatino, com a presunção do aparecimento, cada três meses, de 60 novas *Unidades de habitação* para a população flutuante, com a indicação do número e espécie de estabelecimentos, número de empregos para cada sexo, abastecimento e estabelecimentos necessários; diagrama anual de negócios numa *Unidade* em fase de desenvolvimento; classificação das *Unidades de habitação* para a população flutuante; o problema da educação e a distribuição dos estudantes em escolas; estudo das distâncias toleradas entre escolas e habitação; rêde de assistência sanitária; distâncias entre as habitações e as recreações diversas. E finalmente: *Plano Diretor Regional*, com o estabelecimento de 17 *Unidades Urbanas;* mapa turístico; planejamento de uma



Unidade Urbana (Geribá — Zu 7) e anteprojeto da respectiva legislação.

O exemplo escolhido (Geribá) inclui o *"Diagrama Gerador"* e o estudo da planta do *Centro da Unidade*: habitações coletivas; hotéis; piscinas; centro de compras e diversões; teatro e cinema; igreja; mercado; edifício profissional; auditório e auditório ao ar livre; terminal de ônibus; campos de esporte.

O problema foi estudado em suas relações volumétricas e espaciais, tendo como figura sempre presente a nortear todos os trabalhos, do conjunto ao pormenor, o *Homem*, no sentido de que tudo concorra para lhe proporcionar confôrto, agrado visual e as alegrias insubstituíveis, quais as de viver em contato com a natureza em suas férias e seu recreio de fim de semana.

Se tudo o que acabo de dizer é verdade em relação ao *"Centro"*, ainda mais o é em relação às *Unidades de Vizinhança*, nas quais se concentrou a atenção maior dos projetistas. Aqui é palpável — e os autores do projeto não o escondem — a influência das idéias de Clarence Perry — nos seus estudos da "neighborhood unit" e o seu "a scheme of arrangement for the family-life Community", pela primeira vez descritos numa das monografias do "Neighborhood and Community Planning", do "The Regional Survey of New-York and its Environs", publicado em 1929. Clarence Perry não era apenas um doutrinador, mas alguém que tendo participado desde 1909 da "Russell Sage Foundation", que planejou em 1910 os *Forest Hills Gardens* — um extenso desenvolvimento residencial nos arredores de Nova York —, tinha adquirido o hábito de viver até certo ponto dentro dos preceitos Ruskinianos, postos objetivamente em prática por Ebeneser Howard, em "Tomorrow", de associar o campo com a cidade; melhor, de levar o ambiente do campo para a cidade.

Mas os Roberto não imitam Clarence Perry e menos ainda Ebeneser Howard ou Unwin e Barry Parker, êstes dois últimos, os grandes arquitetos urbanistas de que se serviu o sociólogo Howard para realizar os planos de Letchworth, a primeira *cidade-jardim* por êle lançada na Inglaterra em 1902 —, cidade que, de resto, de Howard só tem os princípios de organização social (a partir de que a terra pertence à comunidade, não aos indivíduos), porque os planos não obedecem ao seu esquema radiocêntrico. Não. A solução dos Roberto é original, promovendo não apenas curiosos e saborosos arranjos de conjunto, sempre a partir da melhor orientação face ao vento e aos centros de interêsse, mas também com a disposição tão cara ao individualismo brasileiro, de proporcionar a cada lote individual, um pátio privado e a cada conjunto de lotes (4 ou 5) um jardim comum onde crianças e adultos pudessem desenvolver vida coletiva aconchegada; e ainda, para gôzo do conjunto de Unidades, um grande parque, campo de golfe, e praia.

Plano Piloto para Brasília. Ao Plano Cabo Frio-Búzios, seguiu-se, na seqüência de trabalhos dos Roberto, o *Plano Piloto para Brasília*, que ademais de ser de igual categoria como solução urbanística, é, dada a natureza do tema, muito mais importante. Exaustivo trabalho, novamente da mais alta consciência profissional,





Plano da Cidade de Tunis — 1957

em que além de vários dos participantes da equipe anterior colaboraram: arquitetos Estephania R. Paixão; Marcelo Campello; Marcelo Frangelli e Sérgio A. Rocha; engenheiro H. J. P. Linnemann, Ivo Magalhães, J. M. Azevedo Neto, J. R. Rego Monteiro e N. A. Gaspar; estatístico Antônio A. Teixeira de Freitas; atuário João Lyra Madeira; escultor Alfredo Ceschiatti.

Acompanhei as manifestações do Júri, o voto em separado de um colega de turma, Paulo Antunes Ribeiro; os pronunciamentos de Sir William Holford, Stamo Papadaki, Bruno Zevi, Moholy-Nagy, S. Giedion, etc. Olhei os planos. Ouvi sôbre o dos Roberto uma palestra de Maurício na Faculdade de Arquitetura. Li também as entrevistas dos Roberto, a controvérsia entre Marcelo e Lúcio, as apreciações dos críticos que compareceram ao Congresso de Brasília e dos nossos críticos em geral. Tudo isso, para ser analisado justificaria uma palestra. E se se quisesse estabelecer comparação entre o plano dos Roberto e os dos demais concorrentes, mais de uma.

O trabalho dos M. M. M., conforme registro dos jornais, teria merecido de Sir Holford, urbanista inglês que encabeçou a Comissão Julgadora, a declaração de ter sido um dos mais completos, no gênero, com que deparou na sua vida profissional e de professor, achando-se seus autores perfeitamente habilitados a realizar a segunda etapa do Plano: o desenvolvimento.

De fato: além de encarar o tema do ponto de vista mais geral e completo, o da integração econômica e social da cidade na Região — melhor: no Distrito Federal — o trabalho desce ao pormenor, à minúcia, seja para os traçados em geral, seja para o das múltiplas *Unidades* e *Cores* dos núcleos em que se fraciona o conjunto, incluindo até a indicação de um plano habitacional, obra de Maurício, que o levou a seguir, para o Instituto de Arquitetos, onde, depois de extensos debates em que foi revisto, complementado e apurado, foi enviado ao Govêrno Goulart como proposta para a criação de um organismo destinado a cuidar do magno problema — semente em que se teria baseado (embora não lhe tenha feito referência) o Ministro do Planejamento Roberto Campos, para o trabalho que recentemente apresentou à consideração do Congresso.

Esquematizando a conceituação antinômica por que se orienta o trabalho pode dizer-se:

1) — A Megalópolis, êsse Moloch monocelular de milhões de habitantes que tritura, esmaga o homem moderno (tráfego alucinante, ruídos, luzes, fumaça e vapôres mortíferos, etc.) — o Plano contrapõe a solução de pequenas Unidades de no máximo 72.000 habitantes cada uma;

2) — Aquela espécie de Imperialismo que resulta da ênfase conferida ao poder econômico em sua expressão civil e militar, o *Plano* contrapõe a profissão de fé democrática, socializante;

3) — Mas — e é um dos paradoxos do *Plano* — ao invés do símbolo tangível de Democracia: a posição hierárquica dos três podêres que, dentro do conceito tradicional, caracteriza uma capital neste regime, o *Plano* dilui, dissolve, quase apaga êsse símbolo;

4) — Pretende uma Democracia: Democracia atingida através de uma *Federação de Comunidades Felizes;*

5) — Mas despreza a idéia de dar à Cidade o caráter de um Monumento que exprima isso.

Em tôdas essas proposições há a obsessão, que Marcelo depois do julgamento do Concurso reafirmou aos jornais, pelo pensamento de Frank Lloyd Wright quando — são palavras textuais dêle, "o grande velho, em Washington, abrangendo com um gesto tôdas as monumentalidades declarou: — Tudo isso é imperial e militarista. A Democracia ainda não construiu".

"Iniciando os estudos para o plano da Nova Capital, disse Marcelo —, as palavras do velho vinham-me constantemente à cabeça: "A Democracia ainda não construiu".

A maioria das grandes capitais — Paris, Moscou, Berlim, Buenos Aires, Washington e, mesmo o Rio de Janeiro (é ainda êle com a palavra) — são reminiscências de ideais barrocos. A sua arquitetura preocupou-se com a exibição do poderio civil e militar, (Ela) é o cenário para o govêrno e o poder econômico, cercado pela massa de população desorganizada e sem condições adequadas a uma vida urbana satisfatória.

Não admito que o homem assoberbado com as distâncias, perdido no turbilhão da megalópolis, vá emocionar-se com a extensão ou coincidências dos eixos das avenidas ou com a hierarquia da edificação. Não posso aceitar o conceito século XIX de monumentalidade. Julgo que o monumental pode ser atingido por caminhos mais sutis não implicando no esmagamento estardalhaçante do homem. Penso-o perfeitamente alcançável sem o abandono da escala humana. Considero monumental o que respeitamos comovidos, não o que atordoa. Fico com as praças italianas como Sam Marcos, Campo San Giovanni e Paclo, Signoria, contra tôdas as perspectivas, malls, boulevards e outras grandiosidades do barroco revival.

Na interpretação das palavras do professor Holford "na capital, o essencial não é ser feliz, é viver num monumento". "Não acreditava e não acredito que uma capital seja um panteão". Para "uma capital", como para "qualquer outra cidade", "a obrigação do planejador é procurar estabelecer as bases para a criação de comunidades felizes".

Essa idéia da criação de *"Comunidades Felizes"* ("Welfare cities", cidades de bem-estar, na expressão de Sir Holford) foi um complemento natural da proposição de "Cidade Democrática" decorrente das palavras atrás citadas de Frank Lloyd, e a meu ver uma revivescência das soluções preconizadas por Owen, Charles Fourrier, etc. e ainda e principalmente Ebeneser Howard — os dois primeiros pertencendo ao grupo dos *reformadores sociais,* o último, ainda que também preocupado com os problemas sociais, sendo geralmente apresentado como urbanista, e foi a quem Marcelo e seu irmão atribuiram, como já disse, no intrôito do Relatório que acompanhou o plano Cabo Frio-Búzios, um transcendente papel nos conceitos doutrinários sôbre o planejamento das cidades modernas.

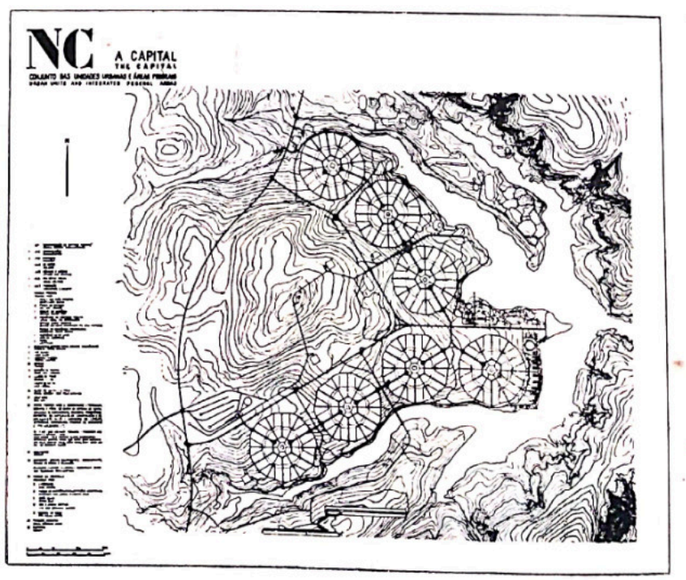
Admito que a *"Cidade da Harmonia"* de Owen e a *"Federação de Falanstérios" (Comunidades Felizes)* de Fourrier, tanto quanto as idéias de Howard, tenham estado na essência do pensamento dêle e de seu irmão na elaboração do Plano, mesmo que não se tenham dado conta disso. Cultura é o que fica, quando a gente esquece o que aprendeu.

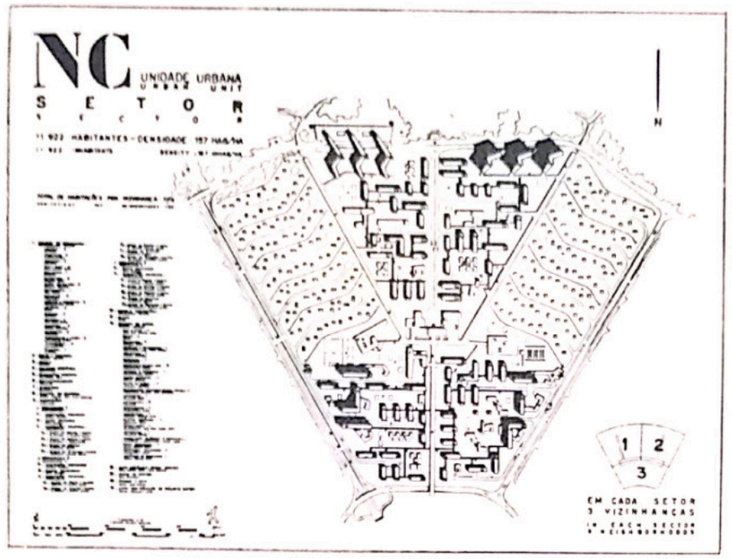
Robert Owen (1777-1838) fundou (sem sucesso) nos E. Unidos, para uma pequena população de 1.200 habitantes, a aldeia de *New Harmony,* Comunidade Agrícola de Igualdade Perfeita, que tinha como objetivos "a felicidade universal e em particular a melhora do caráter dos associados e sua preparação para a sociedade comunista". Charles Fourrier (1777-1837), preconizava a reforma da sociedade através de sete estágios, ao último dos quais deu a designação de "Harmonia", êste realizado por meio de comunidades auto-suficientes, os "Falanstérios" (paradoxalmente, imensos edifícios tipo Versalhes, expressão máxima do *Absolutismo* em oposição por conseguinte às idéias que queria difundir), comunidades essas organizadas como sociedades por ações, compreendendo cêrca de 1.600 pessoas, ou 400 famílias, que constituiam em conjunto a "Falange" e cuja vida, organizada em comum, permitiria a unificação de serviços quais os de cozinha, lavandaria, água, iluminação, etc. O objetivo maior era a criação de uma *Federação de Falanstérios,* isto é: uma *Federação de Comunidades Felizes,* que apagasse as fronteiras dos países da Europa.

Pois bem: o pensamento de Marcelo da criação de uma *Federação de Comunidades Felizes* reata os elos com êsses reformadores sociais, conhecidos como *utopistas.* Há muito de utopia, a meu ver, no Plano dos Roberto.

As *cidades jardins,* como as concecbeu Ebeneser Howard, que tanto atraíram a atenção de Marcelo, representaram, no fim do século XIX, mais uma etapa nas idéias de Owen, Fourrier, Buckingham e outros; êste último de quem os autores europeus dizem ter sido Howard um continuador, foi o autor do esquema de uma *"cidade modêlo",* a *"Associated Temperance Community"* e a própria *Ville Radieuse* de Le Corbusier é não apenas uma *"Cidade Jardim Vertical"* como a classificou o seu autor, mas, e talvez em maior escala, uma versão moderna do Falanstério de Fourrier: a mesma idéia dominante de *comunidade feliz,* aproximadamente a mesma população com os serviços comuns, e as utilidades comuns, e até a mesma constituição em sociedade por ações, tal como havia preconizado Fourrier, reviveram em Le Corbusier. A *Unidade de Nantes,* por exemplo, cuja organização examinei in-loco (em 1956), é uma sociedade por ações, cujo número (como nos Falanstérios de Fourrier) varia de acionista para acionista; os grandes magazines parisienses, segundo me informaram lá, figuram (ou figuravam) entre os maiores tomadores de ações, a cada determinado número de ações correspondendo o direito à utilização de cada apartamento por determinado número de dias, no caso dos magazines, para férias dos empregados —, exatamente como se vem fazendo agora no Rio, com o Hotel da Estrada das Canoas e outros.

É expressivo que de tôda a obra de Le Corbusier, Marcelo ainda em época relativamente tão remota como 1942, destacasse exatamente *La Ville Radieuse* (o que nada tem de extraordinário), mas também *Le Village Cooperatif* — o que trai o fundo do seu pensamento e o rumo das suas cogitações:

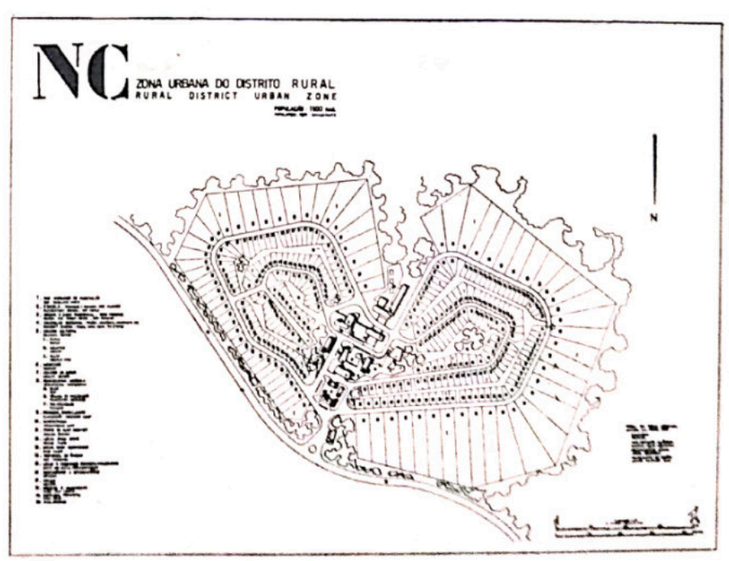


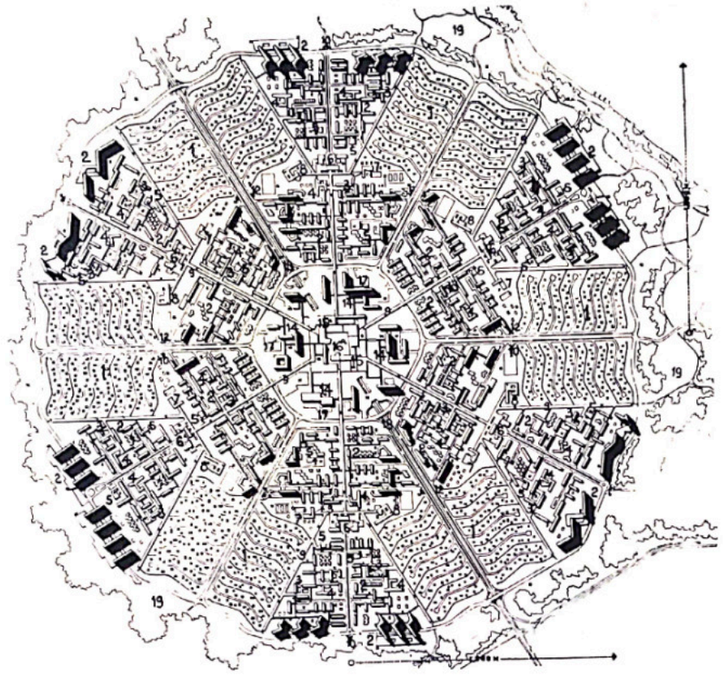


"Le Corbusier — disse êle, de quem todos falam mas de quem poucos estudaram a obra e compreenderam a importância, além de precisar um fim de período, legou aos tempos novos duas obras de arquitetura e urbanismo que resumindo todos os anseios da época pré-maquinista, para usar a sua expressão, caracterizam o ponto de partida da (poca dos grandes trabalhos: La Ville Radieuse e Le Village Cooperatif" (Marcelo Robero, "As Necessidades Urgentes da Arquitetura Brasileira", conferência realizada em 21-XI-1941 no Instituto de Estudos Brasileiros, publicada na revista do Instituto, n.º 25, março-abril de 1962).

Como concepção e como partido, o *Plano* dos Roberto para Brasília é mais revolucionário do que o foi no seu tempo a A.B.I. —, o que é tanto mais evidente quando se o compara não sòmente com os dos demais competidores no Concurso, como, e principalmente, com as idéias de Le Corbusier, que até Brasília e mesmo depois de Brasília tem sido a fonte principal de inspiração de tôda a arquitetura contemporânea do Brasil. Os Roberto afastaram-se deliberadamente do mestre, que, já no ocaso da vida, depois de uma experiência acumulada de mais de trinta anos (tomando como ponto de partida o "Plan d'une Ville Contemporaine" de 3.000.000 habitantes, que é de 1922, e como ponto de chegada os anos de 1951-1953, que marcam o início dos estudos para Chandigarh) está enfrentando um tema com similitudes ao de Brasília: — ambas cidades são capitais (Chandigarh, a do Punjab, na India); ambas para 500.000 habitantes (Brasília posteriormente ao Plano Piloto, foi acrescida para 700.000); ambas concebidas para serem projetadas de uma assentada. Ocorre, por isso naturalmente, o paralelo entre as duas; e leve-se em conta — seria quase uma injúria admitir o contrário —, que os Roberto estariam perfeitamente informados sôbre Chandigarh, a que se referem de passagem no seu Relatório. Afastaram-se dela deliberadamente por um ato consciente de rebeldia contra a tutela doutrinária do mestre e também contra o conceito predominante entre urbanistas, e aceito e proclamado por Le Corbusier, de que numa democracia, uma capital deva ser sempre uma cidade "concebida para conter o Capitólio", ou seja: para conter os três podêres do Estado ("Chandigarh est une capitale politique. Son objet est donc la construction du Capitol, c'est à dire du lieu où se trouvent rassemblés le Parlement, les Ministères, la Haute Cour et le Palais du Gouverneur"). em Chandigarh, Le Corbusier já tão distante, como disse do "Plan d'une ville contemporaine" (1922) adotou um comedido traçado em xadrez — cujos antecendentes recuam até muito aquém dos planos hippodâmicos de Priena e Mileto —, dispondo ao fundo, em destaque, ao término de uma das artérias de 100 metros de largura (uma das V2; "tracé municipal de grand caractère", como as chamou o mestre), o Capitólio e empregando no traçado das vias de comunicação a sua Teoria das 7V inaugurada em 1951 em Marselha e a dos *Setores* (Superquadras), com que pretendeu "une espèce de bouquet social réalisant un contact fraternel" (ambas as teorias não diferindo substancialmente das que adotaria Lúcio Costa no seu Plano Piloto vitorioso). O Plano de Chandigarh, abrangendo a primeira das três etapas (150 mil habitantes) em que dividiu a construção da cidade, é singelo. Não há avenidas triunfais, nem barroquismos de nenhuma espécie. Mesmo a avenida monumental que atinge o Capitólio, vai diminuindo de largura, para ajustar-se estritamente à funcionalidade desaparatosa. Se as superquadras ("des petits villages indépendants") têm 800 x 1.200 metros, fica-se a pensar se Hippodamus vivesse nestes presentes dias da Era Maquinista em que o elemento circulante é, não o pedestre como no Período Helenístico, mas o automóvel, não teria feito a mesma coisa. Le Corbusier parece ter tido inicialmente a intenção, ao projetar apenas a primeira parte do plano, de facilitar seu desenvolvimento orgânico, ditado pelas necessidades locais, sem aprisionar o traçado num esquema de desenvolvimento rígido e dogmático —, mas admitindo, infere-se isso dos desenhos publicados, um crescimento linear ao longo da via de penetração V1, que terá de um dos lados a parte em construção (de 150.000 habitantes) e do outro lado as duas etapas seguintes até obter os 500.000 habitantes previstos — com o que, o Capitólio ficará sempre ao fundo, dominando a cidade, no seu procurado isolamento.

O que há de mais revolucionário, e até desconcertante no Plano dos Roberto, é de terem êles admitido que a cidade haveria de resultar de uma associação (feita por meio de duplas vias de ligação — uma atingindo os *Cores,* outra, uma auto-estrada regional, passando longe, no perímetro interno) —, de uma associação, repito, de *Unidades* distintas, que iriam se formando uma após outra. O "Parque Federal" foi localizado fora de uma delas, parecendo ficar numa posição arbitrária —, observação que resulta, é verdade, de





Plano pilôto da nova capital — Unidade Urbana — 1956

uma análise bidimensional, e poderia não corresponder à realidade tridimensional, variável com o tratamento que lhe fôsse dado em execução; e ao em vez de uma determinada área destinada aos Ministérios, em ligação com o Centro Cívico, previram nos *Cores* das diversas Unidades, funções técnicas e administrativas distintas, que constituem outras tantas inovações radicalmente revolucionárias, face às idéias prevalecentes.

O Júri (presidente, Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer e Stamo Papadaki, representantes da Sociedade de Urbanismo; Sir Willian Holford, professor na Universidade de Londres; André Sive, "architect-conseil" do MRL de Paris; Horta Barbosa, do Clube de Engenharia; Paulo Antunes Ribeiro, membro do Instituto de Arquitetos) — fêz críticas e apreciações que a revista "Architecture d'Aujourd'hui" resumiu assim:

Críticas: — "Bem que o plano possa ser o da "Cidade Próspera", êle é desumano na medida em que tôda circulação e tôda situação são controladas e restritas. O princípio da unidade urbana de 72.000 habitantes é válido para não importa qual cidade, em um lugar sem relêvo, êle não é particular ao Brasil. Não é um plano para uma capital.

As "Unidades" são completamente separadas, quer dizer que elas não têm nenhuma relação de caráter metropolitano. A cabeça resta a mesma, os 7 corpos se multiplicam e tornam-se dez ou quatorze, cada qual com sem valor próprio.

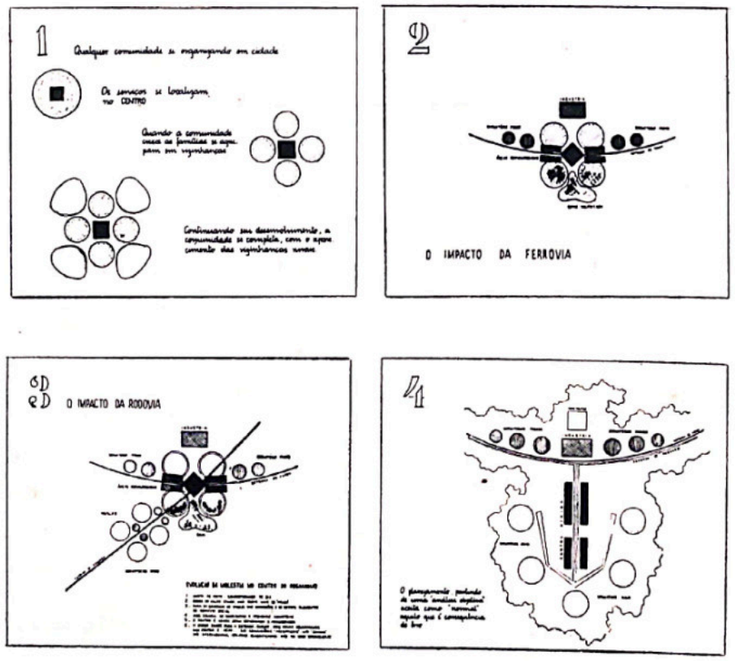
Apreciações: — A utilização do terreno é a melhor e a mais completa de todos os projetos apresentados.

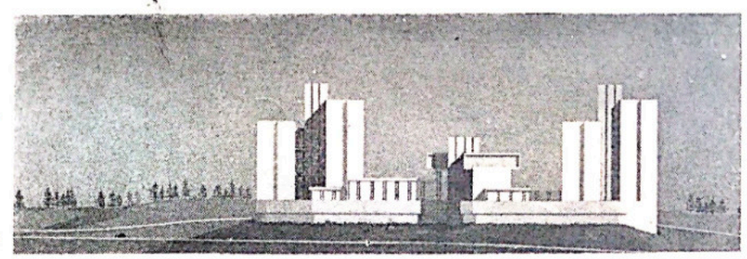
Os tipos de sítios e núcleos rurais são excelentes. O programa de construção e financiamento é razoável e realista".

As apreciações do Júri sôbre os sítios e núcleos rurais — em essência os "Distritos Rurais" do Plano — são perfeitamente justas. Pelo perfeito conhecimento de causa dos diversos tipos de terreno do Distrito Federal e suas áreas de cultivo, é evidente que os Roberto estudaram o Relatório da firma americana especializada Donald Belcher (que é um livro, de que tenho em mão um exemplar), e principalmente as plantas feitas de plásticos (para serem superpostas umas às outras), que me foi dado ver na Novacap, em Brasília —, plantas admiráveis, que até hoje estão servindo de base ao planejamento do Distrito Federal.

Dêsse ponto de vista, e não apenas dos demais, há a mais completa oposição entre o Plano dos Roberto e o de Lúcio, o primeiro tendo partido do planejamento regional para chegar ao urbano; o segundo tendo admitido que aquêle planejamento haveria de ser feito em função da cidade mesma, o que, infelizmente, até agora não se fêz, ou começa apenas a se fazer, com gravíssimo prejuízo para o desenvolvimento das cidades satélites — Gama, Taguatinga, Sobradinho e principalmente o chamado Núcleo Bandeirante, ou Cidade Livre —, que, crescendo desordenadamente, com os seus barracões de zinco semelhantes aos das nossas favelas, de permeio com casas de concreto às vêzes revestidas com litocerâmica ou outros materiais —, formam com a Capital, um contraste gritante de opulência e miséria.

Marcelo responde às críticas com uma página inteligente e vigorosa:





"Para que uma comunidade urbana viva como um todo orgânico e harmonioso não pode exceder certos limites de extensão e população. Excedendo, verifica-se um enfraquecimento na ecesão social. Aparece uma tendência à formação de grupos autônomos, muitas vêzes antagônicos, e cuja convivência em uma mesma unidade política e administrativa cria problemas de estrutura social. O tamanho da cidade deve ser tal que permita um enriquecimento dos serviços especializados de uso geral e possibilite a convivência social em quadro amplo e variado.

Há mais de 50 anos estudam-se os inconvenientes da megalópolis, da cidade imensa que vai se expandindo indefinidamente, dissolvendo-se e tornando-se caótica. Sabemos que os contrôles são mais efetivos — como as estatísticas provam — em cidades menores de 100 mil habitantes. Evidentemente, a capital do Brasil não poderia ser contida nesse limite. Imaginamos então um sistema de Unidades Urbanas — cada uma consistindo em uma cidade completa e perfeitamente autosatisfeita, tôdas porém interligadas por um sistema de trânsito rápido.

A área da nossa capital seria formada pelo conjunto das Unidades, a zona da sede do Govêrno (Parque Federal) e de uma série de instalações de uso metropolitano.

Propusemos a construção de 7 Unidades Urbanas, cada uma com a população máxima de 72 mil habitantes. Como organismo vivo, a Unidade cresceria até atingir o talhe adulto. Depois o crescimento se daria por reprodução. Novas unidades poderiam ser criadas, tôdas oferecendo condições de moradia, trabalho, recreação e assistência, equivalentes, tôdas, não havendo satélites, unidades secundárias e muito menos subúrbios ou cidades-dormitórios.

Sabíamos, e os fatos vieram comprovar, que a nossa proposição ainda era revolucionária e não seria apreendida com facilidade. Tratava-se de uma idéia nova. Analisamos com a precisão possível o seu funcionamento como estrutura social e econômica. Fizemos com a estrutura urbana o mesmo que Rino Levi fêz com o esqueleto dos prédios que apresentou: providenciamos os seus cálculos e os exibimos como demonstração da viabilidade.

Propondo a Metrópole Polinuclear, propusemos, também, que o problema da instalação da administração pública fôsse encarado com realismo e amplidão. Estamos habituados a vê-la dividida em Ministérios, cada Ministério com um grande edifício onde trabalha o Ministro cercado de todos os auxiliares. Contudo, o Ministério é um agrupamento de funções governamentais de natureza semelhante. O conjunto geral dessas funções está em contínua expansão e transformação. Quando o agrupamento já não satisfaz, criam-se novos arranjos e o conjunto dos Ministérios é alterado. Essas modificações são constantes e planejar para o futuro distante com base nos Ministérios atuais, projetando por exemplo, um edifício para cada um, seria puerilidade.

No plano, não figuramos expressamente agrupamentos ministeriais, apenas agrupamentos funcionais — distribuindo-os por tôdas as Unidades. No Parque Federal localizamos apenas a cúpula dos três podêres da República, os seus órgãos imediatos de assessoria e secretariado e as instalações superiores de cultura. Êste conjunto seria a cabeça da cidade, imutável (esperávamos) pelos tempos a fora.

As unidades seriam cidades de composição populacional variada — o que concordava com a opinião do Sr. Stamo Papadaki, segundo entrevista concedida a jornal — apesar de possuirem uma função dominante. As distâncias seriam pequenas, o trabalho, a diversão, as compras, fàcilmente alcançados a pé sempre por caminhos cobertos e independentes da passagem dos veículos. No Core — palavra divulgada pelos CIAM, que escolhemos para identificar o coração, o centro vital da comunidade, que procuramos traçar bem definido e proporcionado às necessidades da população, seriam processadas as atividades sociais dos habitantes.

Como quiséssemos acentuar o ideal democrático da comunidade, procuramos, que tôdas as Unidades pudessem apresentar um perfil (sky-line) movimentado, constando de volumes se harmonizando, num jôgo tranqüilo contra céu, mas sem preponderância de nenhuma edificação que simbolizasse o predomínio de uma classe ou grupo econômico.

Holford declarou que o nosso plano, apesar de ser uma Welfare City, era desumano. Desumano porque controlamos tôdas as circulações e posições.

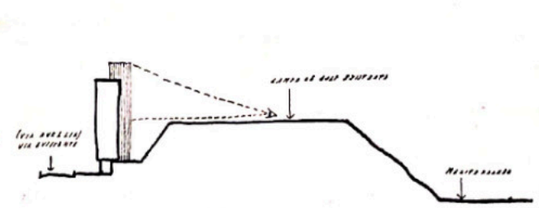
Em qualquer plano, mesmo os baseados nos traçados mais elementares, as circulações são definidas. No nosso, onde dispunhamos de elementos demográficos e econômicos suficientes pudemos estabelecer tôdas as posições. Não estávamos especulando no vago, mas jogando com precisões, e desejávamos que tôda a organicidade urbana fôsse preservada. Estávamos, também, projetando em 3 dimensões, apesar de saber que o Urbanismo ainda em uso é meramente bidimensional (Le Corbusier: Il est à deux dimensions; il a plongé les villes dans le chaos). É impossível projetar-se tridimensionalmente sem o estabelecimento efetivo das densidades e a determinação das posições.

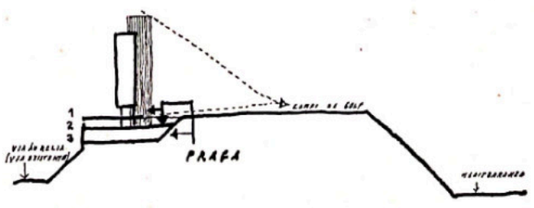
Comentou, ainda, Holford que o diagrama de nossa Unidade de 72 mil habitantes é válido para qualquer cidade num terreno plano, não era especial para Brasília. Acontece que em Brasília o terreno é planíssimo. Não iríamos promover terraplenos, criar particularidades, quando pensávamos tirar partido da planura excepcional. Se o nosso esquema é válido para qualquer outra cidade, ótimo. O mesmo aconteceu com o de Mileto e outros traçados célebres.

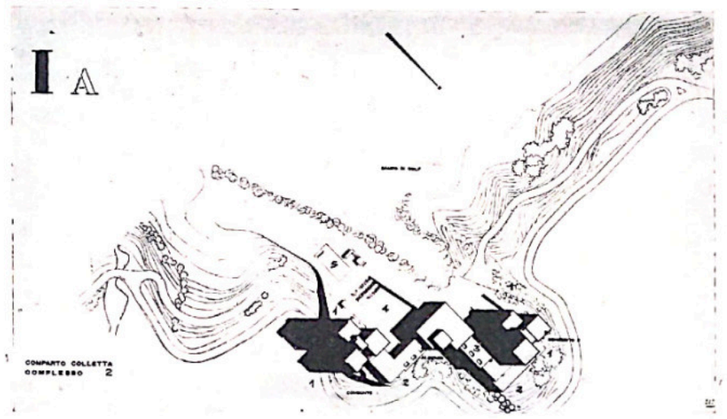
Terminando, anotou Holford que a nossa metrópole não é metrópole porque as partes são separadas, a cabeça permanece a mesma, os sete corpos podendo crescer para dez ou quatroze, tendo, cada um, uma vida própria.

Holford pode não ter apreciado, porém, isto era perfeitamente o que desejávamos. A cabeça no caso, a cúpula dos três podêres da República, esperávamos que não crescesse com o correr dos anos. Não queríamos que amanhã, daqui a vinte, a cinqüenta anos, só porque Brasília se transformou numa cidade de 800, de 1 milhão de habitantes, o Brasil tivesse três ou quatro Presidentes, cinco ou seis Congressos e meia dúzia ou mais de Supremos Tribunais.

Queríamos que a cidade fôsse crescendo, se necessitasse crescer, pelo nascimento de novas unidades, tôdas propiciando aos habitan-







tes condições dignas de habitação, trabalho, recreação e assistência.

O homem normal, vem ao mundo pequenino, vai crescendo, chega a um metro e setenta, ou nem isso, ou vai a um metro e citenta, às vêzes um pouco mais, e é só. Não vai a dois metros, a cinco metros. Atingindo o talhe adulto, o homem sòmente crescerá reproduzindo-se nos filhos, que evoluirão pelo mesmo processo.

As cidades do mundo moderno serão polinucleares. Se plantarem, hoje, a semente cansada da cidade de célula única, ela poderá até brotar. Mas quando chegar a certo tamanho, ela se decomporá, por si própria, em unidades distintas. Sente-se essa determinação em tôdas as cidades atuais. Os comerciantes astutos já o perceberam e vão instalando nos bairros, nos subúrbios, os grandes centros de compras e diversões. No Rio, Copacabana, é uma unidade, Tijuca, outra, e Madureira, etc. Os escritórios, as escolas, os bares noturnos, vão se aproximando e constituindo uma célula independente da pobre ex-célula única. A propósito, onde anda o grande centro metropolitano do Rio de Janeiro? Praça 15? Rua do Ouvidor? Castelo? Cinelândia?"

Das críticas do Júri, a que mais deve ter ferido a sensibilidade dos projetistas suponho tenha sido a de terem classificado o traçado de *desumano*, porque se assim fôsse estaria o *Plano* frontalmente se opondo ao objetivo mesmo que êles tinham em mira: o de uma *federação de Comunidades Felizes*, cada Unidade sendo como que uma cidadezinha ideal, classificação que adoto com o pensamento em Bukingkham, — em quem os europeus admitem tenha se inspirado Ebeneser Howard como já referi —, um e outro dêstes dois últimos reformadores oitocentistas tendo adotado esquemas radiocêntricos, o do primeiro formando quadrados concêntricos, o do segundo, círculos também concêntricos, inequivocamente inspirados na *Cidade Ideal* da Renascença, difundida a partir de Alberti na sua interpretação de Vitrúvio, por tratadistas tais como Filarete, Scamozzi, Vasari, etc. que ao invés dos traçados irregulares medievais baseados na conveniência e no confôrto orgânicamente procurados (de que comumente resultaram os aspectos pitorescos paradoxalmente tão caros aos homens da Era Maquinista) elegeram como normas traçados regulares prèviamente concebidos por inteiro, nem sempre radiocêntricos (a cidade ideal de Scamozzi por exemplo, era de traçado em xadrez), mas sempre concentrados, envolvida a cidade por um círculo ou um polígono regular de número variável de lados. Foi êsse tipo de traçado que os Roberto elegeram para as suas Unidades, do que resultou que ao invés de superquadras fizessem setores circulares, dentro dos quais acomodaram as Unidades de Vizinhança. Mas não tinham a intenção de as aprisionar a soluções rígidas. O que êles pretenderam prèviamente determinar foram só as grandes circulações: a periférica e a interna, a densidade demográfica de cada Unidade Urbana e o partido radial delas. As soluções dentro de cada setor, a começar pelas circulações, deveriam, porém, variar indefinidamente, cingindo-se às conveniências dos moradores, de modo que daí resultassem diversidades de volumes, de formas e de tratamento em geral que poderiam ser de grande pitoresco como expressão sincera e autêntica de vida.

Eram, de resto, estas as idéias que de há muito defenderam, relativamente, por exemplo, ao encanto das praças italianas (a que Marcelo se referiu sempre com tanta ternura), tais como a de S. Marcos de Veneza, que, creio, não tenha paralelo no mundo e cuja sedução resulta exatamente da variedade de forma e de tratamento, e até de épocas, variedade que se acentua quando se compara a praça com as demais da mesma ou de outras cidades, cada qual fixando a palpitação de vida de um determinado momento e de momentos sucessivos da sua história. Jamais tiveram os Roberto a idéia preconcebida — e afirmam-no com veemência —, de matrizar ou aprisionar os pósteros a um conceito formalístico, em moverdade só válido na consciência do momento mesmo em que o plano é concebido. Porque de fato, se há lição legítima a se tirar da História é essa: a de que cada momento da vida da Humanidade e de cada povo, tem sua própria consciência, com valôres próprios, inconfundíveis: de política, vida social, economia, filosofia, ciência, indústria e arte; de arquitetura e urbanismo também. E as realizações que atingem a altitudes que as façam notar da posteridade são aquelas em que essa consciência do presente se exprime; não a do passado, o que representaria uma sujeição indevida.

É possível retornar a uma idéia do passado e recondicioná-la à luz do presente desde que o retôrno resulte de um impulso natural e não de obrigatória subordinação à imposição do pensamento da geração anterior.

Essa retomada tem sido de resto freqüente: condições peculiares a um determinado período histórico reaparecendo recondicionadas noutras gerações.

Seja como fôr, o Plano Piloto dos Roberto para Brasília, último dos "grandes trabalhos" a que Marcelo ligou o seu nome, é uma realização de fôlego, que merece ser apreciada, inclusive porque se presta a vibrantes controvérsias e é possível — não duvido que isso ocorra — venha a exercer influência no ulterior conceito da cidade moderna, quanto mais não seja pela aceitação do sistema polinuclear em contraposição ao mononuclear ainda em uso.

Eis, numa análise sumária e numa visão de conjunto, o acervo de trabalhos dos M.M.M., equipe que atingida por dois golpes brutais, primeiro a morte de Milton e onze anos depois a de Marcelo, prossegue, com Maurício à frente, empenhada em manter inalterados os padrões de qualidade que lhe deram renome internacional, fiel à memória de seu fundador, personalidade de invulgar inteligência, vivacidade e originalidade, de que se orgulha a Faculdade de Arquitetura, que lhe rende aqui sua comovida homenagem. Para terminar reproduzo ainda uma vez as palavras de altivez, independência e estímulo por êle endereçadas aos estudantes:

"Homens de equipe na hora da realização, não dispomos de ninguém quando criamos. Temos a solidão consciente do Rilke da primeira elegia. Se gritássemos, ninguém, ou nenhum na hierarquia dos anjos seria destacado para atender ao nosso grito. E se fôsse, e se viesse, nos esmagaria com a desproporção de sua existência. Como os anjos não podem nos socorrer, limitamos ao mínimo a sua atração. O mesmo quanto aos homens, ainda mais inúteis do que os anjos... Quem não tem coragem de confiar no seu instinto, quem não julga possível sentir no rosto o vento que dá a direção do jôgo de cabra-cega da vida, nunca será arquiteto".

NOTAS

26) "Estudos Brasileiros", Ano III, vol. 8, n.º 23, março-abril de 1942.
27) "Diário de São Paulo", 30-V-1948.
28) "A Tribuna de São Paulo".

Apêndice

Conceitos Doutrinários dos M.M.M. Roberto sôbre Urbanismo (Apresentação à Guisa de Introíto ao Relatório que Acompanhou o Plano Cabo Frio - Búzios)

Publica-se muito sôbre planejamento de cidade — livros, revistas, ensaios, proposições, desenhos, fotografias. Cada autor, inglês ou francês, italiano ou escandinavo, russo ou americano, alemão ou polonês, apresenta-se muito peculiar, introduz modificações na terminologia e afirma, ou sugere, discordar de todos os outros.

Sem dúvida, vários apresentam valiosa contribuição. Mas a estrutura de todos os escritos e diagramas — percebe-se fàcilmente — obedece à codificação de Ebeneser Howard, ampliada e atualizada por Raymond Unwin, Clarence Perry, Henry Wright e C.S. Stein. Essa obediência, confessada ou não, prova que há uma unanimidade quanto aos princípios do urbanismo moderno.

A primeira edição do "Tomorrow", de Howard, é de 1898. Entretanto, os princípios do urbanismo moderno têm origens muito mais antigas. Na Bíblia (Moisés, Ezequiel), em Licurgo e Sólon, em Platão, em Aristóteles e em Thomas More encontram-se as idéias da cidade de dimensões e população predeterminadas, proibida de espraiar-se indefinidamente, e na faixa rural e a integração do campo. A idéia "neighbourhood unit" nasceu na "Utopia". As outras brotaram de Leonardo da Vinci, proposta a Ludovico, o Mouro): divisão da cidade em unidades orgânicas, definidas e separadas por espaços verdes; classificação das circulações, separação dos sistemas de tráfego dos caminhos e lugares do homem a pé.

Já vai longe o tempo em que planejar uma cidade era escolher um traçado-xadrez, rádio-concêntrico, arabesco-romântico, ramificado —, ou dois ou três e combiná-los, ou superpô-los, procurando uma simetria ou combinação feliz das disposições, buscando alinhamentos; ou distribuir zonas, estabelecendo tonalidades, colorindo por funções, mais claro, residências, mais carregado, comércio, em roxo, indústrias; ou gradações por densidades, mais sombrio no anel central, clareando para as periferias; ou o zoneamento social, aqui, burgueses, proletários nos cantos.

Quando as cidades eram tecidas em xadrez — ou radialmente, etc. —, com uns abertos aqui e ali para os encontros, as trocas, as rezas, a administração, o espetáculos e os exercícios dos habitantes, não existiam problemas de tráfego. Nos suntuosos traçados imperiais — tantas vêzes reproduzidos sem suntuosidade alguma e em escala e circunstâncias inadmissíveis — a grande velocidade considerada era a da carroça do rei. O aumento das velocidades mecânicas e a multiplicação incrível dos veículos, inundando e congestionando as cidades, invadindo os espaços sociais, expulsando o homem dos lugares que lhe foram meticulosamente preparados, impedindo-o de continuar a perceber os eixos das grandes vias, o jôgo das perspectivas e a intenção dos monumentos, transformando-o em assustado permanente, comprimido contra os muros e arriscando a sua pobre vida — cada sessenta metros, tornaram impossível a qualquer autoridade, Sforza ou não Sforza, desprezar a classificação e diferenciação das circulações, a separação dos sistemas de tráfego dos caminhos a pé. Como ferramentas de planejamento, a avenida, o **boulevard**, a perspectiva, a costaneira, etc., recolheram-se à arqueologia.

"Going places and enjoyng the uses of places are quite distincts functions" (C. S. Stein). Quando se transporta, o homem necessita ir rápido, já que inventou os processos que permitem ir rápido. Dirigindo a sua máquina, precisa concentrar-se na operação, enervando-o interrupções e imprevistos. Atingido o destino, estacionado o veículo, restabelecido à condição de pedestre, esquece-se de que até poucos minutos antes era "chauffeur" ou passageiro e quer sentir-se livre e seguro. Quer sabcrear todo o seu caminho, poder parar, encontrar, voltar, admirar a mulher que passa, ver aproximar-se o belo edifício, emocionar-se com as suas proporções e a sua relação com as instalações mais baixas, quer contornar a fonte, sentir o respingo do jôrro, e perceber que há flôres. O parqueamento de veículos deve ser conveniente e próximo, e fàcilmente acessíveis as vias de tráfego rápido; mas que não cruzem o seu caminho, que não interfiram com o seu direito de constatar tranqüilamente que a sua cidade é linda.

Nas tramas urbanas tradicionais, os cruzamentos se sucedem cada cinqüenta, cada cem metros. Tornadas específicas, libertas da edificação, as vias de tráfego podem ser muito espaçadas, formando, as artérias e subartérias, sistemas pràticamente periféricos. As áreas demarcadas pelos sistemas são chamadas por vários nomes. "Superblock", entretanto, é o mais divulgado.

No momento, há também acôrco quanto à unidade urbanística. Ela não pode ser um simples edifício, ou um lote, ou uma rua. Precisa ser uma coisa maior, um conjunto que abrigue uma porção variada e substancial de população e contenha, além das habitações, as instalações necessárias à satisfação de determinadas necessidades cotidianas do indivíduo e da sociedade. Desde a sistematização de Clarence Perry (Neigbourhood Unit, 1924), o conceito unidade de vizinhança vem sendo a base de todos os planos e proposições, variando, contudo, de escala e constituição.

Os recentes planos de urbanismo consistem de um centro cívico, às vêzes decomposto em dois ou três — administração, negócios, diversões e compras — e de um sistema de vias espaçadas, formando "superblocks", cada superblock contendo uma unidade de vizinhança (Neigbourhood Unit, ou Quartier, ou Secteur, etc.), os interiores dos superblocks livres de circulação de autos, ou apenas com vias locais, as habitações abrindo para jardins, que, nos bons projetos, entrelaçam-se e tornam-se ramificações de um grande parque. Cada unidade de vizinhança possui também o seu centro cívico, também, algumas vêzes, decomposto de dois ou três.

Sem pretendermos discutir teses de urbanismo — nós riscamos, outros discutem — concordamos que as cidades existentes serão reabilitadas pela substituição, paulatina ou violenta, de grandes massas de edificação, massas disformes e irracionais, por superblocks e unidades de vizinhança. Quanto ao planejamento de novas cidades, julgamos que a concepção pontilhar, onde, de certa forma, a parte condiciona o conjunto, deve evoluir. Somos pela transcendência da unidade de vizinhança em "unidade urbana" (M. F. Rouge).

A nova cidade não deve constar de uma série de unidades de vizinhança em volta de um centro cívico. Mas uma unidade em si, compreendendo, em determinados casos, unidades secundárias, de subordinação indiscutível. Mantendo a cidade (town, cité, faltanos um têrmo em português), em escala compatível, permitindo todos os contrôles, a cidade constituirá um organismo total, não se decompondo em unidades possíveis de dissolução e multiplicação.

Limitada em área e volume, a cidade será necessàriamente pequena. Pequenas eram as cidades da Renascença, mas robustas em suas vidas social e artística; e o menos progressista dos conservadores concorda, quando congestiona o tráfego ou quando faltam as coisas, que a grande cidade é um mal, "um dos corolários desumanos do capitalismo".

De perímetro definido, ligado ao centro — princípio de convergência — por dois sistemas independentes de circulação — vias de tráfego e caminhos de pedestres, êstes, dispostos nos espaços verdes, entre as edificações, intercaladas de atrativos naturais e arquitetônicos, determinarão o afastamento tolerável do centro ao perímetro. A Unidade Urbana, completa em si e formando um organismo, sòmente poderá expandir-se por reprodução, como todo organismo depois de atingir o talhe adulto.

Clarence Perry, sistematizando o Neighbourhood Unit, sugeriu que êle fôsse constituído apenas do número de famílias necessário à manutenção de uma escola primária e de um pequeno centro de compras. Assim pequeno, seriam mantidas a organização e simpatia de vizinhança, cada habitante conhecendo o outro, senão pessoalmente, pelo menos de vista. Na Unidade Urbana haverá maior anonimato, maiores possibilidades de novos conhecimentos, uma vida social mais ampla e mais estimulante. Formando um organismo completo, cada unidade fornecerá os elementos necessários à satisfação física, espiritual e social de seus habitantes, exigindo tôdas as participações e responsabilidades.

Uma Unidade Urbana raramente será isolada. Definida e autosatisfeita, ela fará parte de uma federação. Dentro da federação, cada unidade, suficientemente afastada uma das outras e protegida pela faixa rural, guardará seu caráter e sua integridade. Possuindo locais de habitação e de trabalho, centros de compras e de diversões, instalações de cultura e assistência, atrações naturais e arquitetônicas, o habitante de cada unidade, além da tranqüilidade, do privativo, encontrará, em distância que poderá ser percorrida a pé, a agitação, o rumor, o movimento necessário à satisfação de "the urge to get together". Deslocar-se-á para outras unidades quando sentir o impulso ocasional de variar.

Evidentemente, determinadas instalações de trabalho, cultura e assistência exigem para a sua criação e manutenção, uma população maior do que a de uma unidade urbana. Como os sistemas gerais de circulação, as estradas de ferro e os aeroportos que deverão ficar fora das unidades, essas instalações ocuparão as zonas intersticiais, servindo e sendo servidas por duas ou mais unidades. Definidas, isoladas e específicas, separadas, mas entrosadas no sistema geral de circulação, fàcilmente ligada ao "core" de cada unidade, jamais essas instalações constituirão novos centros.

Para a Região Cabo Frio-Búzios-Rio São João, que representa uma área de cêrca de 400 quilômetros quadrados, estabelecemos 17 unidades urbanas espontâneamente reunidas em três federações, assim como três centros de agricultura.

Pouquíssimo interessa à História explicar que Tibério foi obrigado a viver em Capri os dez últimos anos de sua vida. Os seus doze palácios são mais do que um evento histórico. Representam a realização exuberante de um desejo latente em todos os homens: possuir, ou ter a sensação que possui — seja por um mês, por três dias — qualquer coisa à beira-mar.

O mar sempre foi e será a grande atração. Uma estação de águas, mesmo com fontes milagrosíssimas, uma cidade de montanha, com neve e pistas fascinantes, um lugar extremamente histórico ou de jôgo desesperado dificilmente podem concorrer, em freqüência turística estável, com qualquer cidade balneária de forma estabelecida.

(Em 1955, meio milhão de americanos foi à Europa. Dêsse meio milhão, mais da metade incluiu nos planos de viagem tantos dias nas praias francesas e italianas. Cinco milhões buscaram o sol, as areias e as ondas da Flórida).

A indústria turística efetiva será, um dia, estabelecida no Brasil. Não podemos competir com os outros países em história, em graças metropolitanas, em grandes altitudes. Mas temos riquezas potenciais para o dia em que nos dispusermos a colocar decididamente a questão: a "jungle" e as praias. E em praias, lindas há pela costa tôda do Brasil. Raríssimas, entretanto, reunem os encantos e as virtudes das praias de Cabo Frio.

Cabo Frio é inegàvelmente excepcional. Devido à posição, às correntes, aos ventos, é mesmo quase frio. Tem 7 graus centígrados menos do que o Rio, o que equivale a Correias, a Itaipava. Além da temperatura, Cabo Frio possui um ar todo especial e uma grande e variada beleza.

Cabo Frio, que pertenceu aos tamoios, que teve pau-brasil e viu lutas de filibusteiros, será o quartel-general do turismo brasileiro.

Uma cidade não nasce só porque alguém decidiu. Nasce em função de uma coisa e mantém-se e se expande em função de outras coisas. Cabo Frio-Búzios nascerá em função do turismo. Turismo efetivo e não aventura do especulador. Indústria em si, o turismo, contudo, para ser implantado e desabrochado, carece da vizinhança de outras indústrias e de uma grande agricultura. Tornou-se indispensável a elaboração de um grande plano diretor regional que determinasse uma linha de implantação e crescimento. Um plano de urbanismo.

"— Urbanismo: biologia, sociologia, economia". De acôrdo. Mas tôda a aventura principia e termina arquiteturalmente: um instinto de início pressente e decide um caminho; as pesquisas e as análises, depois, comprovam e retificam; o arremate é composição.

Evidentemente, é um trabalho que necessita de uma grande equipe. Ninguém melhor do que o arquiteto contemporâneo está habituado a trabalhar com uma grande equipe, a saber organizar a equipe, a compreender e a harmonizar o serviço de cada membro da equipe. Uma equipe — seja para um trabalho de arquitetura ou de sua síntese — urbanismo —, não pode ser formada de homens, mesmo eminentes, que não se respeitem, não se compreendam, não se estimem. É indispensável que a equipe seja verdadeira e que trabalhe em conjunto quase desde o início, cada elemento interessado no trabalho do outro.

Em Cabo Frio-Búzios, voando sôbre a região, contornando-a de barco, caminhando sôbre dunas e campos, sentimos o que devia ser feito. Sentimos que uma cidade importante — quer dizer, uma confederação importante de unidades urbanas felizes — podia ser estabelecida. Meditamos, traçamos uns esboços e convocamos Paulo Novaes. Engenheiro civil, professor de economia, técnico em organização racional do trabalho, amplamente viajado, tranqüilo, persistente e perito em descobrir homens e informações, Novaes era a pessoa que nos convinha. Estudou nossos esboços, inteirou-se dos nossos pressentimentos, organizou uma equipe e entrosou-a com a nossa. Convocamos consultores, discutimos, e elaboramos um programa:

Assegurar uma população estável, equilibrada em relação aos recursos naturais e atividades econômicas, localizada nas zonas apropriadas, em conjuntos urbanos de composição harmônica e dimensões econômicas. Evitar aglomerações urbanas desordenadas, de crescimento imprevisto e anti-econômico.

Assegurar o abastecimento de alimentos pela fixação de áreas de cultivos e pastagens; garantir a proteção de mananciais e a existência de reservas florestais, de fauna e flora; preservação dos valôres naturais da região; impedir a destruição dos recursos naturais e a localização inadequada de aglomerações urbanas.

Assegurar vias de comunicação, traçadas e classificadas racionalmente; possibilitar o abastecimento econômico das utilidades; impedir o desenvolvimento unilateral de centros econômicos ou residenciais, criando dificuldades futuras pela imprevisão de sua conexão com os serviços públicos essenciais da região.

Assegurar a existência de atividades econômicas adequadas aos recursos naturais e ao equilíbrio social da região; impedir o desenvolvimento e atividades econômicas de conseqüência perniciosa para a ecologia e para a vida social.

Assegurar unidades administrativas econômicas e uma estrutura social e política da região que permita a participação ativa da população na administração local; limitar a existência de situação de irresponsabilidade social e a falta de cooperação de vizinhança.

Assegurar condições que despertem, e mantenham desperto, o orgulho cívico dos habitantes.

Ao mesmo tempo que Novaes e seus colaboradores pesquisavam e analisavam, Fernando Segadas Vianna, agrônomo lúcido e experimentado, estudava a ecologia. Pacientemente, auxiliado pela Srta. Lêda Dau, examinava as terras e classificava-as, completando o trabalho com o planejamento agrícola. Ninguém trabalhava em compartimentos estanques. Encontravamo-nos quase diàriamente, e o trabalho de um era entendido e apreciado por todos.

Decidimos, de início, aplicar o princípio da Unidade Urbana autosatisfeita. Decidimos, também, que nenhuma unidade conteria mais de 15.000 habitantes. Queríamos animar a paisagem de Cabo Frio-Búzios com gente e casas, culturas e bichos; não queríamos inundá-la e destruí-la.

Unidades de turismo e veraneio, porém com vida local estável e sã, interessava-nos a classificação, distribuição e equilíbrio das duas populações — a fixa e a flutuante. Interessava-nos, também, e muito, saber o máximo de pessoas que poderiam se estabelecer e usufruir da Região. (Os especuladores, sempre estreitos e sem imaginação, mas ubíquos e diligentes, já ameaçavam retalhá-la em centenas de milhares de lotes).

Sabíamos a área regional de produção de alimentos. Partindo do número de calorias necessárias, por dia, ao sustento de uma pessoa (tomando médias superiores às atuais do Brasil, mas dentro de nossas realidades), calculamos a área de terra necessária à produção dos alimentos fornecedores das calorias. Descontamos as correspondentes à produção de alimentos que, por óbvias questões econômicas deveriam ser de outras procedências. Com uma simples operação aritmética achamos a população máxima que a região poderá comportar — melhor, alimentar: 144.000 habitantes.

Determinada a população total, pudemos retificar a população das diversas unidades, e o número destas.

Elaboramos, então, o Plano Regional, determinando a área e a densidade de cada unidade urbana, já que tínhamos concluídos os estudos gerais de organização econômica. Paulo Novaes, em suas próprias palavras, explica como se processou o estudo da organização econômica da comunidade:

"As entidades econômicas e sociais, diferenciadas e específicas, que podem existir em uma unidade regional, não dependem só do número de habitantes. Se assim fôsse, bastaria uma tabela de índices ou coeficientes para indicar os elementos a prever no planejamento de uma comunidade.

A conveniência de uma determinada atividade econômica ou social, o seu dimensionamento e localização, dependem de fatôres a examinar para as condições próprias de cada comunidade. Até que ponto é essa atividade aceita ou desejada pela população? Até que ponto é ela econômicamente factível? Se as condições locais não permitem que ela exista como entidade isolada, poderia, existir em combinação com outra?

Na solução de cada caso entra o critério pessoal do planejador que, dentro das limitações de ordem econômica, procura chegar a um conjunto harmonioso, não esquecendo que, entre a natureza, a população e o quadro social, devem existir relações preciosas, que definam e afirmem o caráter e a personalidade da região.

O conjunto das atividades e funções, porém, não é arbitrário. A riqueza e o bem-estar da população dependem da utilização mais eficiente da mão-de-obra. É necessário prever ocupação para tôda a população ativa, evitar o desemprêgo estacional, conseguir o melhor rendimento para os investimentos previstos, assegurar o abastecimento e os serviços essenciais em condições econômicas favoráveis.

Há, portanto, um certo arbítrio na escolha das atividades específicas, e na extensão que lhes é dada no plano, e, por outro lado, bastante rigidez na composição final do conjunto.

Para que o economista possa colaborar utilmente no planejamento regional é necessária a sua íntima integração na equipe urbanística, de modo que os seus critérios coincidam com o espírito geral do plano. A sua tarefa é calcular os elementos da estrutura econômica e social, contribuindo para dar consistência, sentido econômico e lógica social ao conjunto.

No planejamento de Cabo Frio-Búzios o estudo econômico pode ser dividido em quatro fases distintas:

1 — Determinação das proporções de equilíbrio entre população flutuante (veranistas e turistas) e população fixa.

2 — Determinação das densidades e das concentrações populacionais.

3 — Estudo de uma unidade-tipo, para pesquisa das condições de equilíbrio econômico em função das atividades previstas.

4 — Estudo dos dispositivos legais e institucionais necessários para garantir o funcionamento do sistema.

O Estudo econômico acompanhou e foi continuamente influenciado, em cada uma das fases, pelo trabalho dos outros membros da equipe. O resultado final não é o produto de aplicação de fórmulas ou tabelas, mas a harmonização de fatôres ecológicos, econômicos e sociais, dentro dos melhores princípios técnicos, e de uma unidade de concepção". □

Bolívia

Texto e fotos do

Arquiteto Maurício Galindo R.

PANORAMA EM TRES TONS

Ricos matizes verdes, um rio de curvas inesperadas, vegetação alta, calor e umidade. Pela cidade, recordações vivas que se mantêm desde a época colonial; calçadas sombreadas, cobertas com telhas sustentadas por madeiras velhas de tempo, um certo sabor que parece não pertencer a nosso século. Movimento intenso nas ruas, gente preocupada com as próximas colheitas de cana-de-açúcar, trabalhadores do petróleo, fazendeiros. Bairros novos construindo-se em traçados de ruas retilíneas: *Santa Cruz de La Sierra*.

Logo vem a cordilheira, insinuando-se paulatinamente, quebrando o verde, depois subindo altaneira e íngreme até cinco mil e tantos metros, para baixar, do outro lado, em canhadões e vales de clima ameno, de sol límpido iluminando quadros amarelos, ocres, terra de Siena. Finalmente, um vale cada vez mais amplo que num só abraço abrange uma extensão considerável, um vale generoso, intensamente trabalhado em quadros que recordam Mondrian, que aconchega uma cidade tranqüila e pacata, estendendo-se em casas baixas de côres fortes. Cidade de jardins com muitas flôres: *Cochabamba*.

Continuando a ascendente cordilheira, o Altiplano duro e liso, preâmbulo de misteriosas distâncias, lugar de ventos que trazem o frio dos glaciares. Platô andino, côr-de-palha, salpicado por surpreendentes lagoas naturais onde se abrigam flamingos de plumagem vermelha. De quando em quando povoações mimetizadas dentro da paisagem severa. Horas e horas ante a visão dos cumes distantes, apenas espreitando no horizonte. Imprevistamente, quase sem nenhum aviso, uma escarpa que, descendo seiscentos metros, dominada por uma alta e imponente montanha de forma singular, abre-se em um espaço largo: *La Paz*.

Três cidades bolivianas em simbiose de complementação.

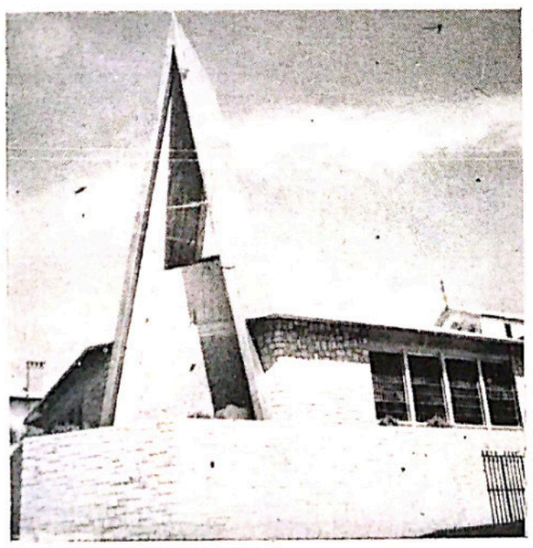
O PAÍS, O HOMEM E SUA ARQUITETURA

Bolívia diferente; encravada no centro do continente, limitada por seus problemas — que são semelhantes aos das cinco nações que a rodeiam — atravessando um estado de efervecência política revolucionária constante, deve resolver situações de gravidade econômica, de integração populacional com um milhão e quinhentos mil *campesinos* em movimento reinvindicatório, de sua trágica mediterraneidade, da falta de meios de comunicação, etc., deixando pouca chance para as inversões no campo da construção, que só se manifesta com jeito de arquitetura estrangeira ou simplesmente de arquitetura internacional.

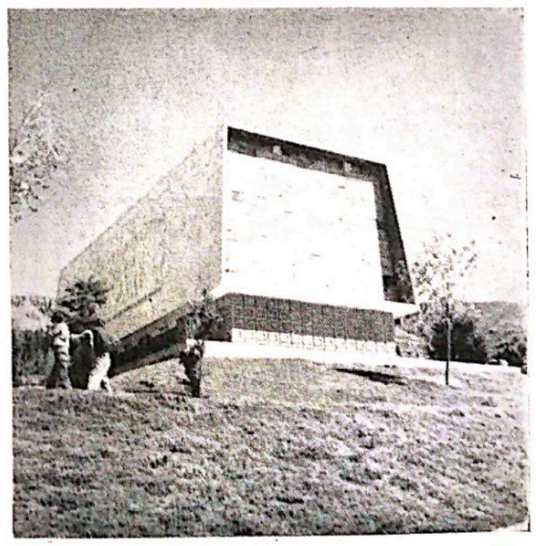
As faculdades de La Paz e Cochabamba, graduando, em média, cinco profissionais por ano (são setenta os arquitetos em todo o país), sofrem o mal comum dos erraizados catedráticos antigos que opõem resistência às novas idéias. Por outro lado, a regulamentação profissional, apesar de bem definir e defender o trabalho do arquiteto, não é levada à prática. Uma situação, enfim, pouco alentadora. No entanto, com a chegada de jovens arquitetos que começam a afastar e suprimir o desnecessário, supérfluo e obsoleto, já é possível encontrar um movimento firme para uma revisão integral, movimento tímido ainda, mas que deverá se constituir no núcleo de origem de uma nova arquitetura.

Amanhã os arquitetos bolivianos poderão equacionar a linguagem que signifique resposta à condições climáticas, geográficas, econômicas e sociais. Sem procurar um transplante simplório da arquitetura importada, buscando e pesquisando, isto sim, a similitude de problemas em circunstâncias e lugares parecidos, para depois

A pedra, o concreto e o cobre na cobertura, componentes de uma singular capela, exemplo das possibilidades dos materiais locais.



O monumento aos mortos da Revolução Nacional (1952); influência mexicana ou tentativa de arquitetura inspirada em Tiahunacu.



Basílica de São Francisco (La Paz), a presença de um passado.



trabalhar com elementos próprios. Exatamente o que se deu no Brasil na década de 1930, quando sua arquitetura situou-se na vanguarda de suas manifestações nacionais.

Certamente, porém, a arquitetura boliviana não poderá deter-se nesta situação, ou melhor, não deverá buscar o requinte das especulações plásticas, encaminhando-se a serviço de problemas definidos. O *déficit* habitacional urbano, por exemplo, é enorme e, apesar de não existir o fator impositivo e negativo da especulação imobiliária, não foram ainda propostos planejamentos satisfatórios que busquem sua solução, procurando-se apenas aliviar a realidade com a construção de pequenos bairros para algumas categorias sindicalizadas. Nas zonas rurais os *campesinos* edificam suas casas por meio de métodos rudimentares, com desperdício de energia, evidentemente sem planejamentos racionais, guiados apenas por um instinto secular, conseguindo por vêzes soluções agradáveis, fazendo refletir sôbre os resultados surpreendentes que adviriam procedendo-se a uma planificação nacional, sem o desejo de impor critérios, adaptando-a apenas às condições materiais e espirituais desta maioria boliviana. E assim, como êstes, outros problemas que deverão ser encarados também de forma simples, real, econômica, mas sempre humana, que situe o homem preponderando sôbre o espaço criado.

Bolívia é um país virgem em arquitetura contemporânea própria, legando suas exigências às novas gerações, àqueles que, depois de peregrinar pelo Continente (sòmente no Brasil estudam de 25 a 30 futuros arquitetos bolivianos), e reencontrando-se com os que cumprem sua jornada nas Faculdades nacionais, se entregarão a um esfôrço necessàriamente fecundo, contribuindo, com suas diferentes maneiras de pensar, a um resultado que manifeste uma nova e promissora experiência sul-americana. □



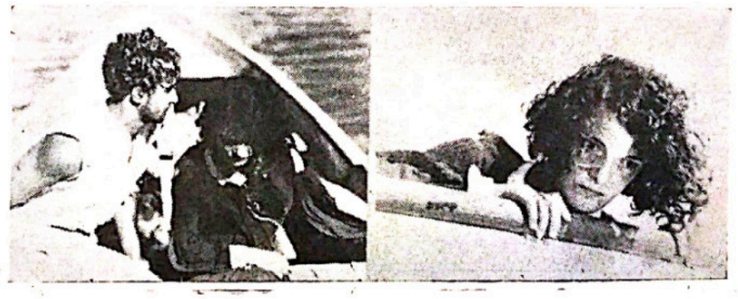
O espírito barroco colonial materializado em granito, tradição esquecida.

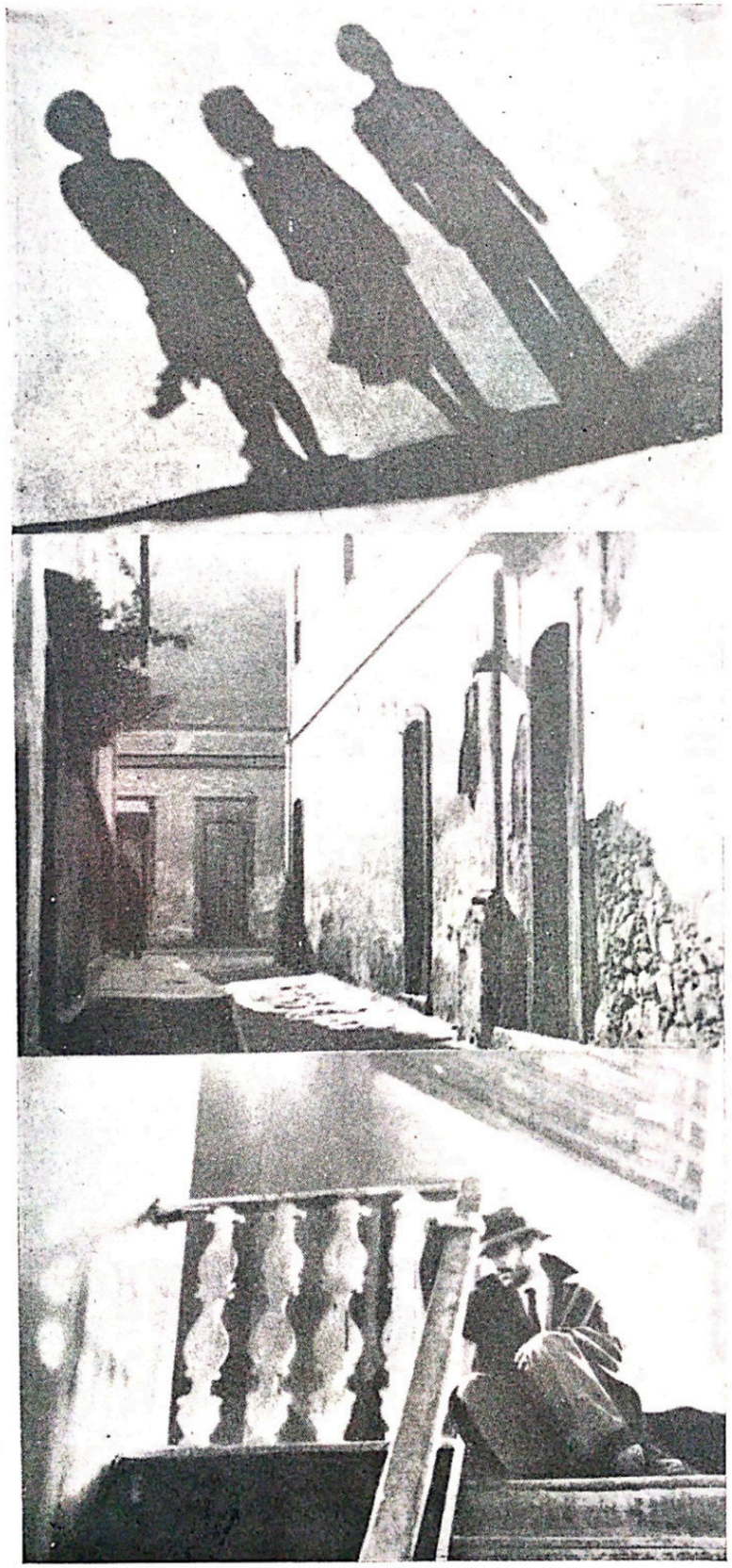
O presente determina a importância do passado. E o presente do cinema brasileiro transformou antigos episódios de nossa cinematografia, antes quase desconhecidos, quase lendas, em História. A descoberta de Mauro ("Descobrimento do Brasil", "Ganga Bruta", etc.) é recente. Pelo menos para as novas gerações. Mas o "Limite" e Mário Peixoto sempre estiveram na memória e até nas anedotas dos velhos cineclubistas, críticos e amadores do cinema. Diz-se que ninguém viu "Limite", o anedotário inclui a afirmação de que êle não existe e até lhe deram um apelido: O "Limito", com o no fim. Recentemente, na "Revisão Crítica do Cinema Brasileiro", Glauber Rocha não só dedica um capítulo ao filme como também cita, de passagem, um artigo de Eisenstein entre outras tantas opiniões de gente como Orson Welles, por exemplo (Welles, ao que tudo indica, viu-o numa sessão promovida por Vinícius de Moraes, no Rio, durante sua temporada no Brasil). O "Limite" foi o primeiro e único filme de Mário Peixoto. Foi rodado em praias fluminense, em 1933, quando o autor tinha apenas 15 anos de idade. Sua fotografia é do famoso Edgard Brasil (que mais tarde iluminaria filmes de Humberto Mauro). Sua trilha musical preparada por Brutus Pedreira inclui peças de Ravel, Debussy, Borodin, Satie, Stravinski e Cesar Frank. Sua duração: duas horas e meia. No Brasil, parece, só foi apresentado publicamente em 1949, na Faculdade Nacional de Filosofia, no antigo e famoso cineclube daquela escola. Sua estréia se deu no "Marble Art", de Londres, ocasião em que Eisenstein o viu. No "Marble", ficou em cartaz durante dois meses. Isso em 34, mesmo ano em que seria apresentado na "Salle des Agriculteurs", cineclube dos Champs Elysées, Paris. A "Salle" hoje não mais existe, o que quase se pode dizer de "Limite", cujas cópias foram desaparecendo sucessivamente. Muito recentemente veio a notícia de que havia uma no Museu de Cinema de Nova Iorque que fôra destruída. A última esperança das novas gerações, um dia, poderem vir a conhecer êsse fenômeno: uma última cópia que hoje está sendo recuperada graças ao "Museu do Som e da Imagem" do Rio de Janeiro, por iniciativa do Serviço de Cinema do Estado da Guanabara, através de seu diretor, Antônio Muniz Viana, um dos poucos críticos de cinema do Brasil que viu "Limite" pouco depois de sua realização. Mário Peixoto vive hoje, em afastamento voluntário, numa ilha do litoral fluminense. Há poucos meses houve um movimento para que êle dirigisse um nôvo filme (parece que chegou a escrever um roteiro), mas êle mesmo desistiu do empreendimento. Sem ter ainda chegado aos 50 anos de idade, Mário Peixoto parece considerar encerrada sua interferência no cinema. Interferência essa que se deu logo após 15 anos e apenas uma vez. Há muito o que dizer sôbre a affaire-"Limite", mas ficamos por aqui pois é difícil, nesse caso, separar a lenda da realidade, o anedótico do histórico. Transcrevemos aqui o célebre artigo de Eisenstein por dois motivos: uma contribuição para o esclarecimento de tão importante fenômeno brasileiro e a qualidade intrínseca da crítica do gênio russo. Note-se a precisão clássica do autor do "Potemkin", aliada a uma agilidade crítica quase tão moderna quanto a melhor técnica de nossos dias. O artigo escrito em russo foi na época traduzido para inglês e francês. O título original é "Um Filme da América do Sul (De sua significação mundial)". Ei-lo:

Eisenstein Sôbre "Limite"

Carlos Diegues

De algum jeito e em princípio êsse rapaz formou-se com um cérebro câmara; seu registro é um globo ocular — sua estrutura de trabalho instintivamente rítmo. E por isso, certamente, e por parelhas circunstâncias, que afinal se vem ao mundo, algumas vêzes, como singular predecessor





no seu circunscrito meio e, outras, apenas um anônimo em inexpressivas multidões.

Visualizo e denomino êste despontar, tal a nota predominante que repentinamente se sobressai de uma sinfonia, como o motivo chave — onda transportando-vos no seu próprio mundo íntimo, fazendo-vos estremecer nessa vanguarda, repentinamente encontrando-vos a raciocinar de um panorama mais alto, que nem se situa, impedido de vizinhanças, e que brusco vos atira, assim abalados, cara a cara, com a aguda atmosfera que se acaba de penetrar.

Poderei fornecer nomenclaturas a êsse filme seguindo as três tendências que se bifurcam, emanadas dos seus ingredientes caudalosos (onde à primeira vista lampeja algo do músico e algo do pintor; ou rítmica e estática diretamente):

1. A solidão do homem e seu clamor;

2. Seu constante desejo de evasão ou comunhão;

3. O mimetismo no mundo dos homens com seus espinhos e árvores retorcidas; os seus ventos, suas praias de esperança, seus vôos de pensamento adulto tornados imagens precisas, numa espécie de aurora e desalinho.

Poder-se-ia mesmo acrescentar — o inconstante — através da pequena fonte do vilarejo que se repete no reajuste e reafirmação de primeiros planos umas quatro ou cinco vêzes. Esse rapaz (pois me informam que acaba de completar 16 anos) ou êsse filme (o estilo é êle) empresta, ou aufere, às suas imagens demorada importância, e antes inconcebida, a portas fechadas tanto como a janelas, aos seus caixilhos envidraçados, aos carcomidos muros usados em composição nos planos de fundo. Os fios elétricos se entrecruzam fugindo de um canto do campo de imagem, e em primeiro plano, para distâncias que se perdem até o fim visual de estradas arenosas. Existe aí tôda uma plasticidade de longitudes, aparentemente desdobrando-se e intransponíveis, subjugadores, versus os seus heróis que caminham eternamente. Distingue-se abaixo, nesse mesmo estrada, a mulher que caminha com a cabeça curvada. A câmara acaba de fazer a volta completa em tôrno dela, enquanto esta interrompeu sua estrada para fazer uso da carteira enxugando a fronte com o lenço e refazendo a maquilagem. A mulher retorna a andar. A câmara continua a segui-la ao longo da senda. Em seguida a mulher sai pela esquerda desaparecendo do campo da objetiva. A câmara não interrompe seu percurso virando, agora, e prosseguindo em panorama lateral a estrada, durante o qual se vê uma roçada onde passam árvores recentemente derrubadas, mostrando ainda os tocos erguidos e queimados. O todo é desolador e sem esperança. Tudo isso é visto através duma cêrca de alguns fios de arame farpado que corre todo o tempo entre a estrada e o campo. Repentinamente a câmara faz alto. Ela refaz de volta o mesmo caminho e revê-se os mesmos campos de passagem. E agora ela mergulha à esquerda justo no encalço e no exato lugar onde a mulher desaparecera. A câmara prossegue e o visor descortina quase até o solo. Por fim ela levanta o panorama descobrindo uma porteira aproveitada dos troncos secos das árvores e que os tem como três travessas removíveis, dando acesso para os campos. A mulher ali se encontra, fatigada, sentada sôbre um dos troncos corrediços dessa porteira, o rosto baixo voltado para o chão, passado um braço na travessas de cima para se suster.

Esta evasão poética calcada sôbre um vigoroso plano de adaptação ao real, nos descortina a seguir as duas grandes aproximações das rodas que se encadeiam em justaposição numa fusão de imagens: a roda de uma máquina de costura em movimento com a roda da locomotiva que parte. Eu não arriscaria, jamais, de contar de ponta a ponta a curvatura — ciclo da sua obra e demonstração. Seria o mesmo que pretender atribuir palavras (dialética, enfim) ao que não possui congênitamente — não nasceu nem incorporou-se com isso — sendo ùnicamente construído para ser sentido, (ou descoberto) primeiro e em halo, pelos olhos como portais de penetração, antes mesmo de uma participação mais densa. Trata-se de um extremamente belo filme ao qual a gente se deve subjugar desde os primeiros momentos como aos angustiantes acordes de uma sintética e pura linguagem de cinema. Uma das mais puras, é preciso acrescentar. É um longa-metragem minuciosamente construído com tomadas maiores rodeadas de outras menores como sistemas planetários intermediários segundo tempo e intrínseca importância regente. E êsse todo, para se ter de pé, para gerar a atmosfera que se quis dirigida, emancipando a sua linguagem visual, encadeia-se, completa-se de um a outro, com a lúcida e minuciosa precisão de um meticuloso poeta ou mecânico das inconcebíveis rodinhas denteadas da relojoaria, que se propagam conjugadas.

O filme persiste sempre um grande grito. Ele não ousa (ou não quer) analisar. Ele assim fica; êle nisso permanece. Êle mostra, descortina, caminhando sempre de par com os homens. E nisso também se firma. Se tanto, êle estabelece correlações no espaço e ainda algumas vêzes (o que se torna bastante mais difícil para os espectadores menos acostumados) muito distanciadamente no tempo. Êle se firma como um diapasão, como se sempre tivesse existido nos sêres e nas coisas, ou dêstes se desprendendo, tàcitamente. É um estado, não uma análise. Uma situação que implica o lugar de colocados, antes, versus um mundo que vemos, e não uma pesquisa de laboratório. Como seus heróis sôbre o mar, no bote salva-vidas, aos quais não se viu um princípio, surgindo de não-se-sabe-onde no filme, e não terão certamente uma razão — um fim, ou solução, se assim o quisermos. Êles apenas ilustram êsse estado de coisas, como uma passagem sem retôrno e sem mira. O "limite" exposto permanece como um impacto: não sòmente abrindo — mas como que destravando molas de contactos — que uma vez diante dos vossos olhos, e aumentados, fixando-se pelo tempo de projeção, logo a seguir descobre-se possível — algumas vêzes mesmo universais como fôra desejado — ou forçado — outras como que até gritados, um pouco exageradamente, sôbre vós. Como: As árvores — os humanos (as posturas das primeiras, e atitudes nos segundos; estáticas, e comportamentos). O vento sôbre o capim (seus efeitos) — as passadas dos humanos (suas variações); os cabelos dos homens batidos e ondulados pelo vento — outros cabelos lisos, colados sôbre a cabeça dos humanos contra os quais o vento nada pode etc., etc...

Uma orelha, em aproximação, que se percebe fazendo parte do rosto pensativo do homem, no bote salva-vidas — o grande plano da cabeça de um peixe recém-retirado do mar, sôbre a praia, próximo às vagas que algumas vêzes o tocam, mas que forçosamente irá morrer fora do seu elemento etc., etc...





As duas lâminas de uma tesoura que a mulher que cose retém um momento abertas, experimentando o corte com a mão, passando um dedo ao longo do fio (o dedo desliza e tomba ao fim da lâmina) e a justapsição da imagem que se segue (lap — dissolve): as duas fôlhas de um jornal que a mesma mulher lê, vistas exatamente como se fôssem elas também (e dando essa impressão óptica) duas lâminas abertas, na expectativa, com as mesmas possibilidades: trazer; atrair pois, ocasionar, metamorfoseando qualquer coisa ao estagnado estigma de invólucros, padrões dos seus heróis. A câmara detalha no verso da página e onde a mulher ainda não leu (presume-se) a notícia policial da sua fuga. Esta notícia, pelo modo, é propositalmente síntese e alegoria. A mulher vira a página do jornal — ela irá fatalmente descobri-la agora, etc., etc... A câmara desce para as pernas da mulher, detalhando, de passagem, em primeiro plano, o fio (ou a malha) de uma de suas meias, que correu, de cima a baixo etc., etc...

Tudo síntese, mas dentro de comparações cinematográficas. Categóricas comparações, aliás. Inesperadas, em puro estilo que é: o "limite" mais uma vez. Tudo é "limite" em suas filiadas, em suas consanguíneas imagens, até aos tons poéticos.

Como as asas planadoras dos pássaros que voam e deverão retornar à terra.

Como o mar que se encresta e terá que se acalmar depois, sôbre areias espalmadas ao plano sol ou ensombradas sob o desfile de baixas nuvens (Refiro-me aqui às emanações, ao que se desprende do poético; não às fórmulas concisas — não à origem hermética, ao oriundo ainda virgem do pensamento — inerente estado e todo).

Como tôdas as três narrativas (ou os três percursos, digamos assim) dos padronizados humanos do pequeno barco perdido, os quais, durante uns instantes, e pelo virtuosismo dos seus cérebros, desdobram no tempo suas elásticas essências e ao barco salva-vidas retornam, onde êles sem apêlo são prisioneiros, aqui, por destino, mas por um método metafísico, mais além, por condição quase algébrica, mesmo que adidos ao plano uniforme de um universo. Tôda transposição poética encontrará desespêro e impossibilidade: portanto o "limite" na sua maior unidade. A desagregação pela morte nem contará — permanecendo sua barreira vestida de mistério (o insondável), a liturgia, sua pergunta, de passagem, nunca respondida. (Ver cena plástica do cemitério: a mão e a flor; o dedo e o anel; a piteira e o cigarro).

Na estrada do vilarejo, e onde a mulher do pianista de cinema crê caminhar antecipando-se a frente da sua evasão (ou melhor, da sua condição a um dos sistemas, como já se falou) ela irá verdadeiramente ao encontro de uma criança (no caso jovem menina) que brinca com um cachorro (os tenros anos, o cachorrinho...) próxima de uma insignificante flor anônima (detalhada a seguir pela câmara até o grande plano) meio sufocada pela altura sugestiva de uma cêrca rústica, construída de varas sêcas retorcidas, ao pé do qual ela viçou seu efêmero ciclo. A brisa, durante um segundo já oscila a flor meio arruinada.

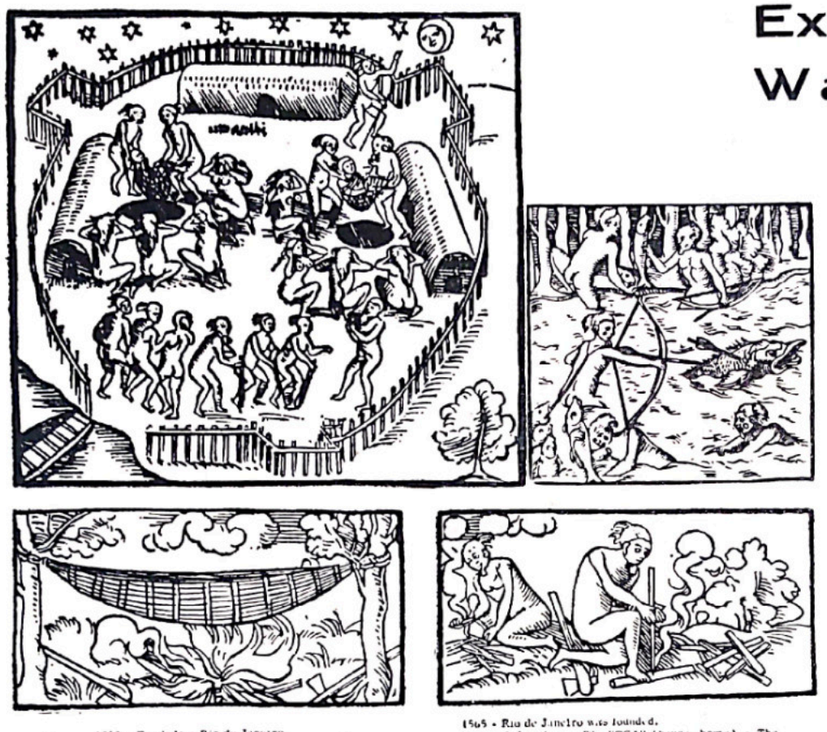
Para o homem, desorientando-se de suas caminhadas e de seus apelos, já agora gritados, o mundo — o que é externo, o visual, torna-se evasivo, com janelas sem respostas (ver cena da praia, o *traveling*-panorama visto do interior para o exterior através dessas janelas, a queda, subseqüente, do homem, que advém como se morto fôra de uma não-significação e inutilidade). A câmara, enquanto o homem jaz no solo, ligará seus pés (num extralento panorama vertical que poderia fornecer a chave mística de tôda essa obra) percorrendo da curvatura dos céus até a sua mão no outro extremo — uma das suas mãos, que ali está, com os dedos alongando-se, como se já a meio, compondo um todo com a areia úmida, de onde emana por espessura e infiltramento (como valôres numa contextura) o sentido inexorável.

É tôda uma dor luminosa, que se desdobra em ritmo, coordenada a imagens de rara precisão e engenho. Eu a senti e aquilatei, creio, não sem alguma facilidade, devido a uma certa afinidade de tendências, se assim ouso declarar, que me aproxima ainda acorrentado, por nascimento, às ancestrais raízes das estepes do meu país. E é isso mesmo que se torna o surpreendente. Sim. A América do Sul, de princípio desconhecida e estranha aos meus conhecimentos, me estende, ela também, esta noite, e através da contrição das imagens, a tão pertubadora armadilha de uma linguagem universal. E para que o artista tenha conseguido transmitir isso que acabo de viver (ou expor) é preciso que tenha saído do acontecimento e se colocado de fora, como próprio espectador, numa ambivalência de posições, em que é mesmo tempo — diretor e ator. Êsses transes só são possíveis em estado de solidão. Ninguém para cooperar. Sua marca penetrará no filme que rege à medida em que êle fôr capaz de superá-los e assim chegar — a impregnar e tocar êsse objetivo. O pensamento existe pela consciência do estado. E então é descoberto no objeto a beleza ou a fôrça que não reside sòmente em um plano equiparado — ou seja a camada do próprio ser humano. Denominações filiam-se sempre à necessidade de ordem nos raciocínios que flutuam. Em cada reconhecimento do artista de que as coisas podem ter — uma existência própria ou real, fora do pensamento — aqui neste caso numa imagem, aumentada e imposta de supetão, está a iniciar-se o processo desta linguagem particularíssima. Por seleção êle se apodera de um ângulo do universo, isola-o pela objetiva, jogando dentro dêsse restrito espaço algo de si mesmo. Pois em tôdas as épocas (ontem como hoje) são as posições conscientes que sulcam o indelével no maciço dos séculos. Com isto o filme traz sua marca. E daqui a vinte anos, ou estou certo, êle pulsará tão nôvo, tão cheio de cinema estrutural, como agora, em que o acabo de assistir; poético e amargo, a um só tempo — mas já ceifado de raízes — desoladamente nascido adulto, como o que não foi dotado de uma infância. □





Exposição em Washington



1
BRASIL
400 YEARS OF A CITY

1565 - Fundado o Rio de Janeiro.
Habitação indígena - A Oca (casa) - A Rêde (o leito) - A Taba (aldeia) - A Ocara (terreno).
A cultura do índio atinge sua plenitude aos 11 anos de idade.
Suas atividades - a caça, a pesca, a guerra, a dança.

1565 - Rio de Janeiro was founded.
Native habitation - The "OCA" (house, home) - The Hammock (the bed) - The "TABA" (the village) - The "OCARA" (piece of land).
Native's culture reaches it's complete fulness at 11 years of age.
Main activities - haunting, fishing, war and dance



2
BRASIL
400 YEARS OF A CITY

1808 - D. João VI chega ao Rio - Rio sede do Império.
População 100.000 habitantes.
Habitação colonial do Senhor escravocrata - a Casa Grande ligada à Igreja e ao engenho do escravo.
A abertura dos portos brasileiros e a chegada da Missão Francesa. Início da influência européia na cidade.

1808 - D. João VI came to Rio - Rio the Empire's seat.
Population 100,000 inhabitants.
Slavecrat master's colonial habitation - the estate mansion linked to the Church and to the slave's sugar mill.
The opening of the brazilian harbours and the arrival of the French Mission. Beggining of the european influence in the city.

4 SÉCULOS DE UMA CIDADE

O Instituto de Arquitetos do Brasil participou da exposição "Cidades do Nôvo Mundo", organizada pela Federação Panamericana de Associações de Arquitetos, por ocasião do XI Congresso Pan-americano de Arquitetos realizado em Washington em junho último.

A exposição brasileira, intitulada "4 Séculos de uma Cidade" focaliza o Rio de Janeiro em 9 painéis e sua preparação estêve a cargo dos arquitetos Eduardo Knesse de Mello (IAB-SP) e Luís Paulo Conde (IAB-GB).

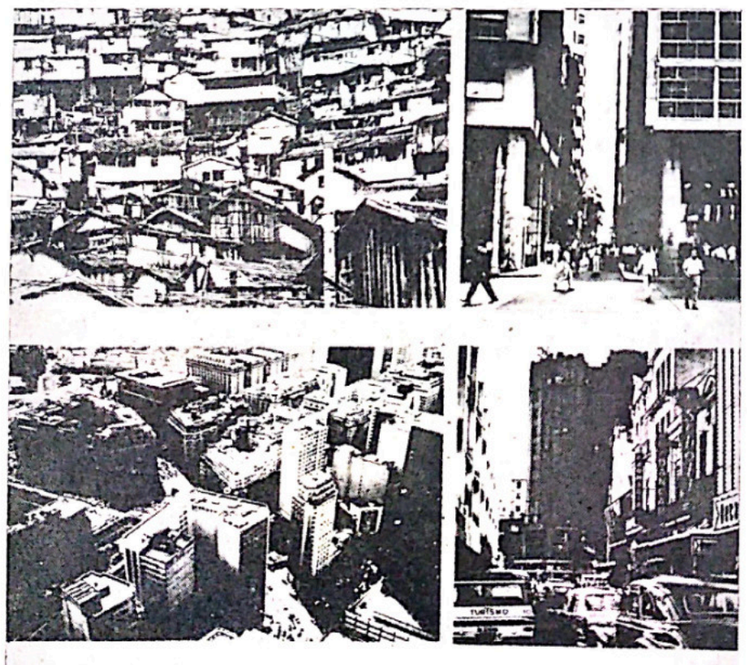
No número de julho de "ARQUITETURA", transcrevemos, na íntegra, em "Notícias", o comentário do crítico americano Wolf Von Eckardt sôbre a exposição, publicado pelo



8
BRASIL
400 YEARS OF A CITY

O transporte colonial, as liteiras sôbre ombros de escravos, é substituído por 248.941 veículos a motor.
Novas avenidas são construídas. As montanhas são cortadas por túneis. As zonas congestionadas são atravessadas por viadutos.
O aeroporto está dentro da cidade, a dez minutos a pé das avenidas principais.

Colonial transport with the litters on the slave's shoulders is replaced by 248.941 motor vehicles.
New avenues are built. The mountains are cut by tunnels. The overcrowded zones are crossed by viaducts.
The airport is located in the city's heart within ten minutes of walking from the main avenues.



6
4
BRASIL
400 YEARS OF A CITY

O crescimento violento e a pobreza do povo faz com que 500.000 cariocas vivam em favelas.
Ruas estreitas abertas para liteiras não suportam o trânsito de veículos motorizados.

The overgrowth and people's poverty make 500.000 "cariocas" live in slums.
Narrow streets opened for the litters traffic cannot support the traffic of motor vehicles.

"Washington Post". Neste comentário, WVE focaliza os 11 países representados na mostra e destaca a exposição organizada pelo IAB, dizendo: *"o Brasil, apesar da pobreza das reproduções fotográficas, está bem melhor. A contribuição dêste país mostra a evolução do Rio de Janeiro em 400 anos.*

Uma curiosa xilogravura revela o aspecto daquela cidade em 1769 quando contava com 100 mil habitantes; grupos dêstes habitantes parecem estar fritando seus semelhantes. Hoje em dia, o Rio tem uma população de 4 milhões de pessoas, parte da qual vive em miserável promiscuidade nas favelas.

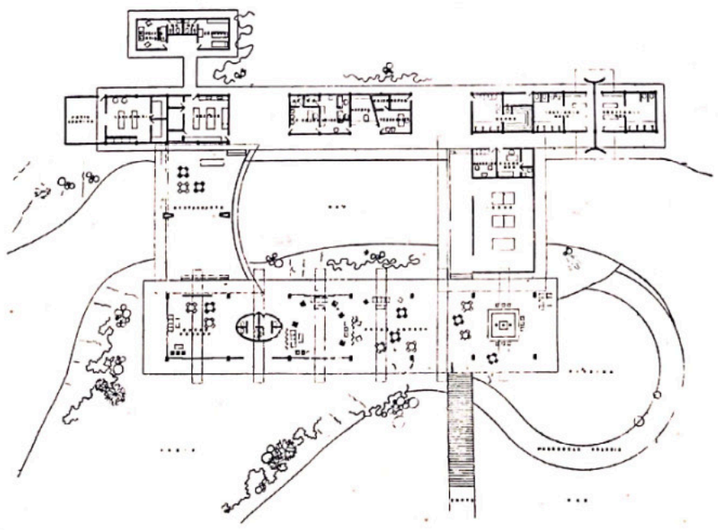
Os painéis mostram que durante êstes 4 séculos não houve nenhum planejamento. Mas, os brasileiros estão começando a pôr ordem em seu caos. Os responsáveis por nossas cidades podem aprender bastante com os elegantes viadutos que o Rio tem para passagem de pedestres sôbre pistas de velocidade."

Painel



Clube de férias de Itaparica

Arq.º José T. R. de Araújo



Planta

Procurou-se conceber um clube onde o contato com a natureza da ilha fôsse o maior possível. A parte social ampla e semivedada está situada numa ilha formada pela união de dois braços de mar.

As vedações foram evitadas, dando-se preferência aos materiais em aspecto natural (arenitos, madeira, concretos aparentes, etc).

A estrutura do bloco social de estar, em concreto aparente e vigas com fôrmas permanentes de madeira, foi coberta com telhas plásticas fletidas. A utilização dêste material translúcido permite a dosagem conveniente da luz através de um teto rebaixado em fibra trançada e placas opacas, e contribuindo com o fator de integração.

O bloco posterior (serviços) surgiu como um apêndice indispensável ao atendimento das diversas necessidades, eliminando-se algumas dependências padronizadas em programas de clube. O restaurante e o salão de jogos se estendem sôbre o mar como elementos de ligação dos blocos, criando entre êles um espaço interno descoberto. A piscina foi projetada dentro do mar e engastada no salão de estar, sendo envolvida por uma passarela.

O bloco de apartamentos para os veranistas situa-se na parte mais afastada da praia, existindo entre esta construção e as outras os campos de esporte, envolvidas por jardins com vegetação local. Esta disposição dá ao setor de moradia a tranqüilidade e intimidade necessárias, com excelente vistas sôbre o mar. □

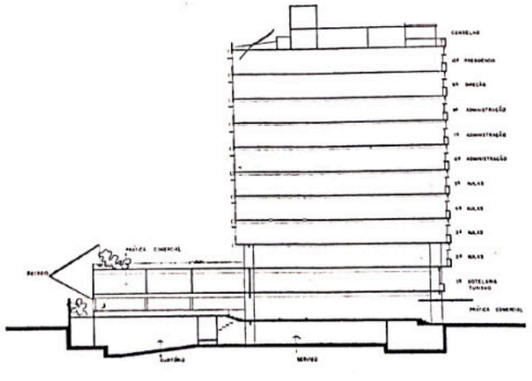


Escola do Senac em Copacabana

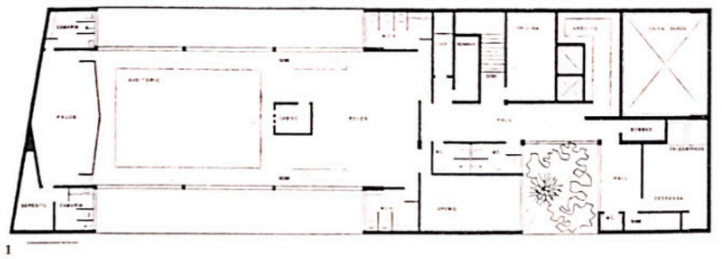
O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Administração Regional da Guanabara, vai construir, no local onde atualmente funciona a Escola SENAC de Copacabana, nôvo edifício-sede que, nos 10 pavimentos, cobertura, subsolo e térreo, comportará a Escola E-5, destinada a acolher os estudantes comerciários do bairro, e, nos andares superiores, os serviços técnico-administrativos da entidade.

O terreno situado na Rua Pompeu Loureiro, 45, tem testada de 16 metros, e área de 870,16 m2. A área total da construção é de 5.500 m2.

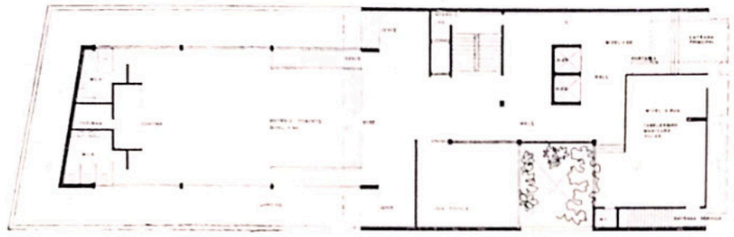
Arq.os: Noel Saldanha Marinho e Otávio de Moraes



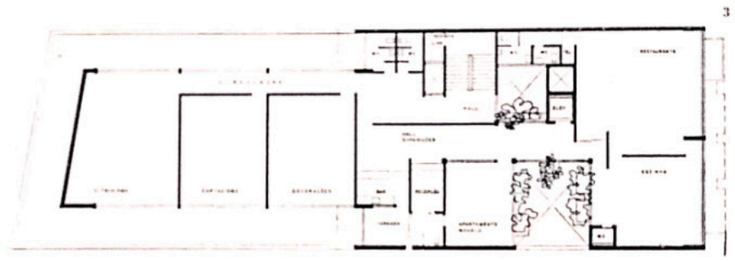
Corte longitudinal



1



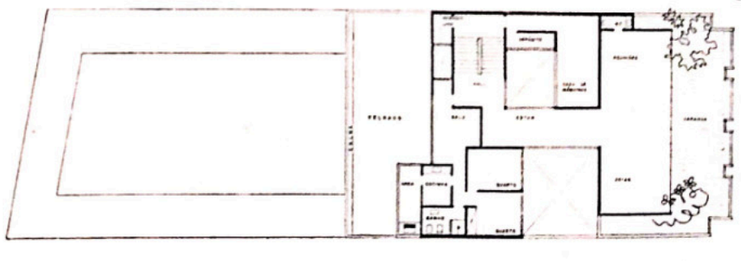
2



3



4

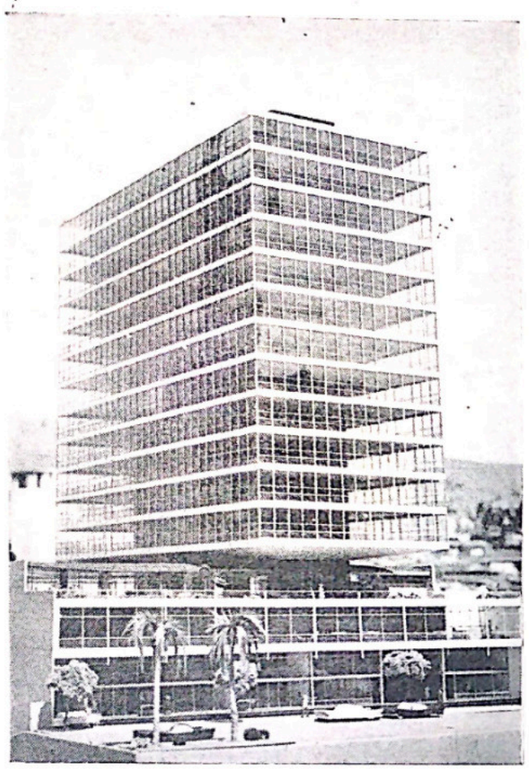


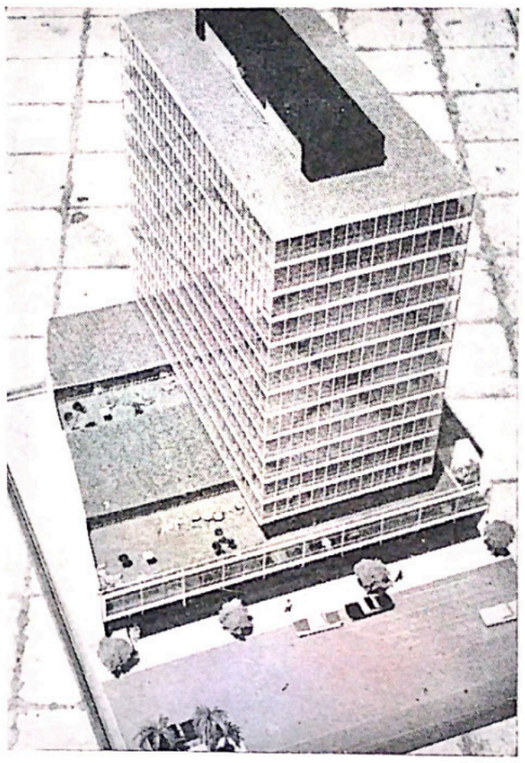
5

O partido adotado resultou do condicionamento a que tiverem de se submeter os arquitetos na harmonização dos serviços a instalar com a configuração do terreno. Constituído por lote residencial encravado na zona densamente edificada, de custo elevadíssimo, cerceado pelas limitações do plano urbanístico do Estado, o terreno teria de ser aproveitado no máximo do gabarito de altura e, também, no aproveitamento integral do subsolo. Destas limitações, surgiu uma solução vertical, na qual a escola desenvolve-se em pavimentos superpostos e interligados. As áreas de iluminação e aeração internas, chamadas "de serviço", foram humanizadas com o aumento do diâmetro inscrito exigido, e ambientadas com a criação de "jardins suspensos" em cada pavimento (jardineiras balanceadas) e esquadrias de vidros, a estabelecer ampla comunicação interna-externa e dos pavimentos entre si.

A escola ocupa além do subsolo, (onde ficará localizado o Auditório para 160 lugares), o andar térreo (Loja, Escola, Salão de Cabeleireiros e Manicura e Recreio Coberto), e os cinco pavimentos subseqüentes. Do 6.º ao 10.º andar, estão previstas as instalações para as diretorias de Ensino e de Administração, bem como as dependências destinadas à Diretoria Regional e ao Gabinete da Presidência. A cobertura, além de abrigar a residência do Administrador, é ocupada por um salão reservado às reuniões do Conselho Regional da entidade. □

Painel





Anteprojeto para a sede da Caixa de Aposentadorias Militares da Bolívia

No mês de março de 1965, a Caixa de Aposentadorias Militares da Bolívia, promoveu um concurso de anteprojetos para sua sede na Cidade de La Paz. O primeiro lugar foi obtido pela equipe de arquitetos bolivianos integrada por Luiz e Alberto Iturralde, os dois irmãos formados pela E. S. A. da França, com exercício da profissão em São Paulo, e Juan Zuñiga, formado pela Faculdade de Arquitetura de São Paulo.

O projeto compreende um cinema-teatro, dois andares de galerias comerciais, dois andares para a sede da instituição e doze andares de plantas livres para aluguel. Nota-se a clara estrutura central em concreto, o balanço de seis metros em tôda a volta, e as fachadas totalmente envidraçadas para o maior aproveitamento do sol de La Paz. □

Arquitetos:

Luiz Iturralde
Alberto Iturralde
Juan Luiz Zuñiga

literatura

QUE É LITERATURA?

José Guilherme Merquior

Que é *literatura*? Quando podemos classificar um texto como literário? A experiência literária é, como a maioria dos nossos gestos, praticada inconscientemente. Cada um de nós leu narrativas e poemas inúmeras vêzes; em algumas de suas formas, em alguns de seus níveis, todos nós já "experimentamos" o fenômeno literário. É evidente que a indagação sôbre a natureza dêsse fenômeno não é gratuita; ela pode até mesmo dotar-nos de uma consciência que, traduzida em gôsto, nos deixará bem mais capazes de selecionar leituras e de intensificar o prazer que delas retiramos. Como quem não quer nada...

Não há literatura sem texto, diria o Conselheiro Acácio. Oral ou escrito, sem texto inexiste a leitura e a leitura é a experiência que dá vida a isso que chamamos "literatura". Devemos, portanto, começar pela pergunta: que é um texto literário? Para simplificar, designá-lo-emos por *poema*, mesmo que não se trate, a rigor, de um texto composto de versos. É que, entre outros nomes, sempre se deu à teoria da literatura o de *poética*. Mas voltamos à nossa pergunta: que é um poema? À primeira vista, é um objeto; uma página. Porém, mesmo que identifiquemos o poema com a fôlha, ainda assim constataremos uma diferença básica entre os dois. A fôlha não depende de mim para existir. Teòricamente, não depende nem dos homens: em estado natural, existe sem necessidade da intervenção humana. O poema, não. Se não houvesse quem lesse suas palavras, e com elas formasse um sentido, simplesmente não existiria. Não há poema concebível sem leitura. O poema só ganha realidade pelo ato de ler. Depende da nossa experiência objetivadora.

Mas o poema não se "reduz" à leitura. Desde logo, sei que seu significado não se esgota pela *minha* leitura; meu vizinho pode ler nêle coisas que não fui capaz de ler; a geração de meus netos, o que a minha geração, e suas antecessoras, não leram jamais. Em conseqüência, o poema não pode ser definido em têrmos das leituras já realizadas; supondo que fôsse possível calcular com perfeição a média de tôdas as suas leituras, mesmo assim o poema se projetaria como pura possibilidade de ser lido, além dessa média. A par disso, nenhuma média me daria a *melhor* leitura. Nada me garante que o maior número de leitores seja o melhor leitor. Por outro lado, o leitor ideal é uma ficção; pertence ao plano das coisas como devem ser, e não ao das coisas como de fato são. Tanto quanto à compreensão possível como quanto à compreensão perfeita, o poema escapa às experiências já realizadas de leitura.

O poema não é uma experiência (ou uma soma de experiências). Apesar de só existir pela experiência, de (ao contrário da fôlha) necessitar de mim para existir, não se reduz à leitura, e antes parece ser a causa, a ocasião da leitura. Estranho objeto: incapaz de "ser" sòzinho, e, no entanto, tão cheio de exigências, quando me disponho a dar-lhe realidade!

Começa por exigir que eu finja. Que eu aceite a natureza *imaginária* do mundo que me é apresentado. Porque (tomando ao pé da letra, o significado da esmagadora maioria dos poemas (textos líricos ou narrativos) é freqüentemente falso e, não raro, absurdo. Devo participar do jôgo da ficção. Se quiser tirar prazer do texto, desde um romance policial aos mais elevados versos, devo fingir que são reais figuras e acontecimentos que, a menos que possam contar com a cumplicidade de minha imaginação, são por completo irreais.

Contudo, e embora tôda a irrealidade, o poema se relaciona fortemente com o mundo real. O ciúme de Otelo está intimamente ligado a mim. Ciumento ou não, basta ser homem para sentir que uma verdade do comportamento humano me é representada pelo drama do mouro. Da mesma forma, a cegueira de Lear, a astúcia de Ulisses, a rebeldia de Julien Sorel ou as inquietações do Príncipe André me falam direto à sensibilidade, e são como revelações do real. É que, livre, por sua própria essência, da fidelidade, estrita, fotográfica, à realidade, a literatura tem com esta última um compromisso mais profundo. Imaginário e "mentiroso", o texto literário acaba por ser dos mais "verdadeiros". Interrompamos aqui nossas primeiras indagações, como quem não quer nada, com a aquisição (ou simples rememoração) dessa grandíssima verdade, a de que a literatura, sem estar subordinada às aparências do mundo real, termina oferecendo uma das mais poderosas imagens dêste mesmo universo. Veremos em seguida que *tipo de linguagem*, em sua função imaginativa, emprega o texto literário.

artes visuais

ARTE E MERCADO DE ARTE

Ferreira Gullar

Jornal brasileiro, comentando artigos de uma revista americana sôbre o mercado de arte nos Estados Unidos, acentua que "a pintura deixou de ser propriedade das galerias especializadas, vendendo hoje obras de arte, não apenas os magazines, as lojas a crédito e a preço fixo, como também e principalmente (com relação ao volume), os supermercados."

Entre as casas mais dedicadas à venda de quadros e esculturas, está a conhecida organização Sears, Roebuck & Co., que desde 1962, tem se dedicado ao nôvo gênero, sob a orientação do ator-colecionador Vincent Price. A Coleção Sears de Chicago já comprou 39 mil obras, das quais 21 mil em exposições itinerantes realizadas em cem cidades norte-americanas. Só numa dessas cidades a Sears vendeu, em dez dias, obras de arte no montante de 120 mil dólares, cêrca de 220 milhões de cruzeiros.

A Coleção Sears tem obras de 293 artistas, entre norte-americanos e europeus, que vende por preços que variam de 15 dólares até 40 mil dólares. Os principais fornecedores são artistas europeus de idade avançada, de quem os grandes distribuidores compram obras — gravuras, desenhos, pinturas e esculturas — a preços que variam de 4 a 99 dólares. Essas obras são anunciadas com "slogans" como êste: "Os quadros que você comprar agora poderão valer uma fortuna amanhã".

A revista não especifica os nomes dos pintores cujas obras estão sendo vendidas dêsse modo mas, pelas indicações gerais, pode-se imaginar que estejam ali incluídos artistas de todo tipo e das mais diversas qualidades. Gravuras de artistas célebres ao lado de trabalhos de pintores de terceira categoria, tão desconhecidos do público norte-americano quanto os primeiros. A própria publicidade de venda e a diferença de preços demarcará a importância maior do artista célebre com respeito ao artista sem fama. Diante de tais circunstâncias, cabem pelo menos duas considerações: a) a crítica de arte não tem nada que fazer nêsse mercado de arte; e b) o desenvolvimento dêsse mercado pode chegar a subverter a relação de valor entre os chamados "grandes artistas" e os secundários ou desconhecidos, desde que êstes superem aquêles no interêsse do comprador.

Galeria

Tornando-se a arte mercadoria de amplo consumo, surgirão problemas novos, podendo-se prever um conflito entre a demanda e a natureza de "obra única" que é própria à pintura e à escultura. Nêsse caso, a gravura estará mais apta a atender às solicitações do mercado sem perder a qualidade. A pintura e a escultura oferecerão resistência a êsse tipo de comercialização intensiva, vendo-se o pintor obrigado a produzir em massa, o que comprometerá a qualidade de sua obra. O caminho natural para a solução de tal problema, no caso da pintura e da escultura, será o *venderem-se* reproduções e cópias, fato que já ocorre com as obras de pintores célebres do passado e do presente, e que poderá acontecer também com as peças de escultura. Pode-se mesmo dizer que o uso de tal processo já foi iniciado. Nas grandes livrarias de Nova York encontram-se à venda, de mistura com obras literárias e objetos decorativos, cópias de peças escultóricas célebres, em tamanho natural ou miniatura. Nessas casas, pode-se adquirir por uns poucos dólares uma coleção da cabeça de El-Amarna, filha de Ikhnaton, da 18.ª dinistia egípcia e cujo original em pedra encontra-se no Museu Egípcio de Berlim. Inúmeros outros exemplos poderiam ser citados.

Coloca-se aí a inevitável questão do valor do original e do plágio. De um quadro de Picasso, que fôsse copiado por hábil artesão, sôbre tela, alegar-se-ia que se trata de um plágio. No caso da escultura egípcia, reproduzida por molde, não. Tampouco se coloca o problema, se a cópia de Picasso é feita mecânicamente, em reprodução gráfica. Mas essa reprodução pode atingir tal nível de fidelidade, que iludirá a vista mais arguta... No que se refere à escultura moderna, algumas obras, como as de Gabo ou Max Bill, podem ser perfeitamente produzidas em série como qualquer objeto industrial.

Como se pode deduzir dessas rápidas considerações, a ampliação do mercado de arte e sua conseqüente popularização terminarão por liquidar alguns preconceitos que envolvem a arte na época atual e que decorrem, como o observou Walter Benjamin, da "aura" mantida pelo caráter de objeto único, original, da obra de arte plástica. Esses conceitos não existem na literatura nem mesmo nas artes visuais de reprodução como a gravura, a fotografia e o cinema. *F.G.*

OPINIAO

Recebemos do arquiteto e pintor Almir Gadelha o trabalho abaixo transcrito, no qual discute e se insurge contra os conceitos expostos pelo crítico Ferreira Gullar que assina nossa coluna "Artes Visuais".

O trabalho de Almir Gadelha, intitulado "Um Equívoco Secular" abre com a citação de um texto da "Autobiografia Precoce" de Evtuchenko, que diz:

> "A minoria dogmática, velha ou jovem, é importante diante do fato, pois a maioria dos soviéticos, em particular os jovens, estão apegados às idéias do progresso e determinados a fazê-las triunfar."

E prossegue — "Quer o crítico Ferreira Gullar, que a pintura se encaminhe para a figura; vem pelo menos há três anos, em sucessivos artigos, na coluna de "Artes Visuais", da revista ARQUITETURA, defendendo esta tese (1). Diz ainda o crítico, que a "POP-ART", nos Estados Unidos e o "NOUVEAUX REALISME", na Europa, demonstram êste fato.

Ora, a meu ver na nossa época, escultura, pintura e arquitetura cada vez mais se associam no atual complexo cultural que caracteriza as artes plásticas.

Luz, côr, espaço, são fatôres que compõem uma equação, que vem sendo armada há vários anos; em certas épocas com sucesso, em outras não, sempre porém preocupando os artistas que vivem o problema.

Esquece ainda o crítico que as tentativas inúmeras de "integração" realizadas, marcam uma constante, no sentido de se procurar uma solução, que ordene os vários têrmos para a realização plena do problema.

Encarando assim, o contínuo desenvolvimento dessas atividades, acredito, que na medida em que os artistas: — pintores, escultores, arquitetos, — racionalizarem seus têrmos, o resultado final será fruído pelo homem comum, assim portanto beneficiado pelos esforços dêstes profissionais.

Quer, entretanto, Ferreira Gullar ao examinar um dos têrmos, compartimentá-lo de tal maneira, que perde a visão do problema total.

Nenhum artista, nos nossos dias, excluindo é claro os caçadores de sucessos, encaram suas respectivas artes dissociadas da finalidade de servir à comunidade em que vive.

A própria crítica que vem sendo realizada no País, tem contribuído e muito para tornar evidente o equívoco.

Examinemos então o problema de uma de suas faces: — arquitetura. Porteriormente abordaremos as outras.

A arquitetura sempre foi e continuará sendo uma arte abstrata, apesar de refletir a "expressão", quando bem realizada. Esta expressão é obtida através da luz, côr (materiais utilizados) e espaço (utilitário) limitado; ao contrário da pintura e escultura, a fruição arquitetônica é feita em várias etapas sucessivas, de modo que a participação do observador é lenta (vivência exterior e interior). Como nas cidades existem arquiteturas (entendo arquitetura, como "construção com intenção plástica" — Lúcio Costa) êste deleite, ou gôzo estético, e dado ao espectador de várias maneiras. Este gôzo estético é obtido pelo artista: — harmonizando os problemas de luz e sombra (claro-escuro), de côr (materiais) e de formas distribuídas numa certa ordem, limitando um espaço utilitário.

A arquitetura tem contribuído muito para o bem-estatr social, ou pelo menos tem sido esta a intenção dos artistas de todo o universo, e em tôdas as épocas.

Nenhum crítico de arte dêstes últimos cinqüenta anos pelo menos, colocou sua crítica de arquitetura em têrmos de maior ou menor contribuição social, pois é evidente que ela (arquitetura) sempre procurou pela sua natural razão de ser, beneficiar o homem para o qual foi criada.

Seria absurdo encararmos uma arquitetura em têrmos de não contribuição social, bem como imaginarmos uma arquitetura "pop-art", etc., se encararmos nesta medida a pintura e a escultura, talvez possamos explicar certos fatos que vêm sendo analisados pelos críticos, e a nosso ver, mal compreendidos.

A pintura e escultura na Antiguidade Clássica nunca foram criadas em dissociação com a arquitetura, ao contrário, sempre foram ideadas como constituintes fundamentais da arquitetura; nem sempre foram figurativas (leia-se "Natureza e Abstração", de Worringer); no século XIX é que a rotura ou dissociação mais se acentuou, devido a causas sociais, e econômicas, conhecidas pelo crítico e que não valeria a pena neste curto artigo enumerar.

Com o surto de industrialização, desenvolveu-se paralelamente no espírito de um grupo de artistas: — pintores, escultores, arquitetos, artesãos, uma tentativa, bem sucedida aliás, de reconstruir os têrmos da equação perdida: — luz-côr, espaço, forma. Realizaram-se, então, algumas experiências com bons resultados práticos, devido à qualidade da equipe formada (2) (Klee, Kandinsky, Gropius, etc.). Experiências estas que anteciparam a possibilidade de se conseguir em tempos industriais a integração ou, como queiram, a associação da pintura-escultura-arquitetura nas várias formas então em evidência; entretanto o individualismo exacerbado de um lado e o coletivismo de outro, transtornaram novamente a situação, levando à ruptura desta tríade de interêsses que a nosso ver deveria ser sempre mantida.

Daí o nosso crítico defender para a pintura a "volta" ao figurativismo, suas tendências filosóficas assim o condicionam; de outro lado, outros críticos defendem o individualismo e suas implicações sociais, a desejarem uma arte "alienada" ou "desengajada" para usar de expressões muito em moda.

Este desajuste ou tumulto ou impasse, que vem sendo observado pelo crítico é, portanto, verificado por êle por desejar para a pintura a representação da realidade cotidiana. A meu ver, pintura, escultura e arquitetura têm uma realidade muito mais universal e total a representar, que é a luz, a côr, a forma e o espaço associados e harmonizados numa equação, cuja única resultante é bem servir ao homem.

Do exposto, acredito que deve o crítico compreender que o "élan" profissional que deve presidir às realizações de pintura, arquitetura, escultura, seria a observação dos fatôres mencionados, dentro, é claro, de um contexto sócio-econômico de realização prática; cabendo aos responsáveis pelos setores diversos de atividades humanas: político, econômico-social, a estruturação equilibrada de uma obra nova sociedade cujos valôres não fôssem deturpados como a que vivemos. É claro que o artista de hoje não deverá perder sua vinculação com o meio em que vive e mesmo "lutar" por um mundo melhor, sem entretanto alterar ou deturpar sua própria de expressão legítima. Poderia mesmo em certos momentos históricos da sua nacionalidade assumir um compromisso de luta social, mas no limite estrito de sua atuação política, nunca fazer disto o objetivo único de sua arte.

Acredito também que todo artista que trabalha em sua arte e que se apodera de todos os meios de realizá-la, reflita nela sua "expressão", digamos, ou sua "mensagem".

Em certas épocas, a pintura, a escultura, a arquitetura, foram encaradas como registros de acontecimentos sociais, entretanto êstes momentos são os "menores" destas artes. Sempre que a pintura e a escultura pretenderam representar uma "realidade cotidiana", a essência mesmo destas artes ficou sacrificada. Compare as catedrais góticas com todo o Renascimento italiano e europeu, e veja-se a diferença. Compare-se o período helenístico do Século V A.C. com os demais e assim por diante.

E' evidente que a pintura de cavalete reflete uma tendência pessoal subjetiva do artista, pois ela geralmente não se destina especificamente a esta ou aquela parede; conseqüentemente a esta ou aquela arquitetura; não será por isso mesmo que ela deva ser encarada com certa reserva?

Sempre nêste artigo quis me referir à pintura e escultura como componentes legítimas de um todo arquitetônico.

A enorme importância que os críticos de arte dão à pintura de cavalete e a certo tipo de escultura, são decorrentes mesmo dêste individualismo exacerbado em que o Ocidente vive. Época virá em que os artistas deixarão de trabalhar só para os museus (3) e passarão a realizar suas obras para tôda uma coletividade Nêste caso, ainda não creio, que o crítico tivesse com a razão, pois então os artistas se voltariam mais para os problemas específicos de suas atividades, isto é, — luz, côr, forma, espaço e já agora tempo (4). A. G.

NOTAS

1 — Tese defendida não só por Ferreira Gullar, como por tôda corrente socialista-marxista. 2 — Bauhaus. 3 — Leia-se "ARTE SEM PEDESTAIS", de Allon T. Schoener, publicado em "ZODIAC", n.º 7. 4 — A respeito de "tempo" em arquitetura, veja-se a obra dos MMM Roberto, da última década de 1950-60; em pintura a arte dita "programata"; as experiências de Vasarely e a "Optical Art", em escultura o admirável Calder, Tinguelt, etc....

cinema

UM CINEMA NOVO E DIRETO — II

O Direto Participante

A reportagem, através do cinema-direto, não se restringiu à televisão. No cinema e principalmente no cine-jornal, ela tem sido feita intensamente. Há o triste e hediondo caso de Jacopetti (o famigerado produtor dos "Mundos Cães") hoje respondendo a processo perante a Justiça Italiana. Jacopetti usou, em parte, o processo em seus "Mundos Cães", mas foi em seu cine-jornal (exibido semanalmente na Itália) que êle abusou literalmente da técnica. Homem inteligente, talentoso e sem escrúpulos, Jacopetti não mediu nunca o que sua imaginação doentia conseguia produzir em materia de escândalo. A ponto de mentir usando falsamente a técnica do direto (como é o caso dos "Mundos Cães"). Recentemente, êle chegou ao máximo: à procura de novos sensacionalismos para seu jornal, êle provocou e dirigiu o fuzilamento de três negros no Congo. Com isso ganhou cadeia e um processo a que responde desde o princípio dêste ano. Mas os melhores exemplos do uso de cinema-direto na reportagem são, sem dúvida, vindos dos Estados Unidos. E citaríamos dois: "Marylin", sôbre a vida e a morte da Monroe, premiado recentemente no Festival dei Popoli, em Florença; e "Point of Order" da dupla Emile De Antonio e Daniel Talbot. Neste último, "Point of Order" ("Questão de Ordem"), é um exemplo da importância política e participante do cinema-direto. De Antonio & Talbot levaram meses recolhendo, selecionando, montando e adaptando o longo processo MaCarthy, realizado de 22 de abril a 16 de julho de 1954 nas salas do Senado americano. O material que utilizaram é todo de video tape feitos pelas TVs durante o processo final que liquidou com a campanha discriminatória do famoso senador e general. Numa montagem inteligente e dirigida, os autores mostram paralelamente duas coisas: a personagem doentia e neurótica de MaCarthy e a luta de bastidores entre interêsses poderosos na política americana. Desfilam na tela personagens famosos como Roy Mc Cohn, Robert Kennedy, Cornelius Ryan, e muitos outros, além do próprio McCarthy e do famoso advogado Joseph Welch (que mais tarde colaboraria com Preminger em "Anatomia de um crime"). John Kennedy, então presidente, recebeu "Point of Order" com uma mensagem de saudações a De Antonio e Talbot (dizem que o filme foi secretamente encomendado pelo próprio Kennedy), o que já é suficiente para demonstrar a fôrça e a importância política do filme.

Aliás, se o cinema-direto nos Estados Unidos foi vítima do sensacionalismo da TV, ali mesmo êle conheceu momentos de grande importância como instrumento de divulgação de idéias (ou ilustração delas). Antes mesmo do grupo altamente politizante e politizado do moderno cinema-direto francês (que falaremos a seguir), alguns jovens independentes americanos realizaram obras da maior importância nesta área. Dessas, a mais famosa é "Come back, Africa", de Lionel Rogozin, que entrou na União Sul-Africana sob o pretexto de realizar um documentário folclórico e, nas barbas dos racistas daquêle país, fêz violento libelo contra o racismo e o colonialismo. Outra dupla, Philip Kaufman e Benjamin Manaster, exibiram o ano passado, em Cannes, "Goldstein", realizado em Chicago sôbre o problema da minoria judia nos Estados Unidos, e que só agora é exibido naquele país (o "Time" refere-se elogiosamente a "Goldstein"). O grupo nova-iorquino de Jonas e Adolfas Mekas, Rogozin e outros, tem realizado, às vêzes fora do sistema do direto, os principais filmes nesta linha, como "Halleluja the Hills", "Guns of the Trees", etc.

Retôrno à Europa

A idéia científica de Rouch sôbre o cinema-direto não pôde, de certo modo, ser levada às últimas conseqüências. O próprio Rouch, a partir de "Rose et Landry", começa a sentir a fôrça do cinema de ficção sôbre suas intenções e a ceder um pouco. Recentemente tivemos oportunidade de assistir duas de suas últimas fitas (êle tem uma produção constante e vasta): a primeira, sôore adolescentes, já não tem mais nada de documental e é uma experiência fracassada; a segunda, ao contrário, "O Milho", é maravilhosa. "O Milho" conta a história de um jovem plantador do cereal na África equatorial que, com a chegada de técnicos que vão lhe ensinar modos modernos de plantio e semeio, se sente em choque com uma civilização nova e da qual desconfia. No princípio êle teme as informações novas. Êle reza para que os deuses façam chover e crescer sua plantação, como faziam os antepassados. Aos poucos êle se vê obrigado a aceitar os ensinamentos dos técnicos e, no final, profere uma oração em que demonstra como está conturbado seu espírito: a colheita será ótima, graças aos ensinamentos mas, em compensação, êle se sente afastado de seus antepassados, de sua terra, de suas tradições. É preciso construir tôda uma nova cultura, com novos comportamentos, etc. Esse filme, simples e belo, é ainda realizado dentro da técnica do cinema-direto, mas com inovações que o Rouch de "Moi, un noir" não aceitaria. É simplesmente a compreensão de que o cinema existe como uma linguagem específica e há que se adaptar a êle, sob pena de realizar uma obra destinada à inutilidade, à ineficiência e aos museus — tarefa tão pequena quanto a solidão de Rouch em sua obstinação "científica" (?).

Na própria França surgia Chris Marker, Agnès Varda, Reichemback, o grupo de cinema-paralelo. No Canadá francês, tão ligado às tradições da cultura européia, Michel Brault realizava o extraordinário "Pour la suite du monde", superpremiado e talvez o primeiro filme-direto em longa-metragem. Brault aprofundava as idéias de Rouch e as aliava ao tecnicismo do ONF de Québec, sob a custódia de Norman MacLaren. O resultado era um filme verdadeiramente antropológico (uma aldeia de pescadores ao norte do Canadá, ainda com uma linguagem e costumes de anos atrás), mas um *filme*. Além de Brault havia Patry, Jutra, Labrecque, etc. e filmes como "Chronique d'une Rupture", "Trouble Fête", "A Tout Prendre", etc.

O Canadá, aliás, entraria como fator de equilíbrio no desenvolvimento do cinema-direto no mundo todo. Aliado à grande envergadura técnica do ONF, os canadenses sofrem de um mercado inteiramente dominado pela produção e distribuição americanas. Isso criou um clima de "experimentalismo" que, no seio do Office, desenvolveu uma escola documentarista de maior importância. Pode-se dizer que, no nascimento do direto, o Canadá tem uma pesada importância. Culturalmente, entretanto, os canadenses ainda estão ligados sentimentalmente à Europa e, particularmente, à França. Essa volta à Europa é tão evidente quanto, por exemplo, nos letreiros de "A Tout Prendre", Claude Jutra dedica o filme a MacLaren, Rouch e François Truffaut.

Marker e o Paralelo

Nos primeiros anos de advento do som, os filmes eram faladíssimos, musicadíssimos, barulhentos. Era o fascínio exercido pela técnica nova e rica, como uma criança diante de um brinquedo nôvo. Assim também, os primeiros anos do cinema-direto marcam-se bastante pelo uso indiscriminado e sectário do processo. Reichemback é bem um exemplo dêsse "neoformalismo" que só se pode justificar como uma fase necessária à especulação em tôrno das possibilidades da técnica. Hoje, aos poucos, o cinema-direto vai sendo compreendido como mais um elemento, mais um recurso incorporado ao acêrvo do cinema. Na verdade, essa técnica deve estar a serviço de um fim maior e de um universo essencial como é o do cinema. A maturidade do direto chega em Chris Marker, e no mesmo momento em que suas possibilidades de eficiência extracinematográfica são testadas e comprovadas pelo *"cinema-paralèle"*.

O movimento do cinema-paralelo foi criado na França, deslocando de Paris o centro do cinema gaules. Um grupo de realizadores, críticos, homens de algum modo ligados ao cinema e à política, encontraram no direto um excelente modo de conscientização e mobilização. Espalhados por Paris, Lyon, Marselha e pela Bretanha, êsses homens se juntaram formando uma cadeia de distribuição paralela ao mercado exibidor clássico. Isto é, produzindo por meio de cooperativas de trabalho filmes políticos, êles vendiam suas cópias (quase sempre em 16 mm) a organizações políticas, sindicais, cívicas, ou a grupos de cada uma das cidades que se cotizavam e depois exibiam os filmes em sessões privadas. Essa "marginalidade" é que levou o movimento a se rotular "Paralelo". O alto grau de eficiência dêsse movimento já foi comprovado.

Sustentado por um sistema de promoção na imprensa e nos meios políticos, o cinema-paralelo vem se fortalecendo e provocando inclusive revisões no campo "não-marginal" do cinema-direto. A violência política, a explicita intenção mobilizadora de seus filmes restringem-no ainda a um público específico (nem êles têm outras intenções). O seu mais famoso filme é "Suche Amer", de Yan le Masson, sôbre a fraude nas eleições da Ilha da Reunião, possessão francesa do Mar Índico. O filme é violentamente anticolonialista, antigaulista, anticidental. Tudo com uma clareza e uma visão didática que só o "paralelismo" poderia fazer existir.

Mas é importante saber que essa eficiência política reduzida a uma área limitada de espectadores, tem uma resposta em outra eficiência: à dos filmes menos radicais e menos "clandestinos" de Chris Marker. Esse realizador é hoje, sem sombra de dúvida, o mais famoso e respeitado do direto. Seus filmes têm sido exibidos no Mercado Comum com um sucesso relativo ("Cuba, Si" fêz semanas e semanas em Paris) e são uma lição de maturidade do direto: não se trata mais de especular com uma técnica nova, mas de integrá-la no universo do cinema, junto a outras conquistas eficientes e válidas de um cinema já consagrado. "Lettre de Siberie" (Rússia asiática), "Jolie Mai" (China Popular), "Description d'un Combat" (Israel) e "Cuba, Si" (Cuba), são os títulos (e os temas) de seus principais filmes. Em todos êles o cinema-direto se integra, sem preconceitos e mitologia tecnista, ao universo do cinema. De certo modo são uma resposta tanto ao cientificismo de Rouch (Marker apela para a ficção com muita constância), ao purismo do direto original (o uso da *mise-enscène* quando ela se torna necessária), quanto à reportagem pseudo-imparcial (êle toma posições nítidas em seus filmes) e ao sectarismo canhestro do paralelo.

(Cont. no próx. n.º)



Destaque

O EDIFÍCIO DO AUTOMÓVEL CLUB

O IAB-GB foi solicitado a opinar a respeito do edifício do Automóvel Club do Brasil, recentemente inscrito no livro de tombo do Serviço de Patrimônio do Estado da Guanabara.

Os arquitetos Paulo F. Santos, professor catedrático de Arquitetura no Brasil da Faculdade Nacional de Arquitetura e Alex Nicolaeff foram indicados para relatarem o assunto junto à Comissão Diretora do Departamento.

O relatório aprovado pela Comissão Diretora do Departamento, a seguir transcrito, traz uma importante contribuição ao estudo da história da arquitetura do Rio.

a) — Se o atual edifício-sede do Automóvel Club do Brasil é uma obra de arquitetura neo-clássica.

b) — Se se encontra nela excepcional valor folclórico, documental, artístico ou bibliográfico e uma feição notável com que tenha sido dotado pela natureza ou agenciado pela inoústria humana, cuja conservação seja de interêsse público para tombá-la como patrimônio artístico do Estado.

— A ambas as perguntas dá a Comissão resposta afirmativa, pelas razões seguintes:

1) — Trata-se de edifício iniciado por voltas de 1855 e que consta ser de autoria de um arquiteto de nomeada na época, Sr. Luiz Hosxe, cujo projeto foi preferido dentre os demais proponentes, sendo o prédio inaugurado em 1860 — segundo informações de Araújo Viana à "Notícia" de 15-16 de dezembro de 1905.

2) — Seus salões abrigaram numerosas vêzes a figura venerável de Pedro II, a Família Imperial, como assim os grandes do Império, freqüentadores assíduos do Velho Cassino Fluminense que ali funcionava, cujas festas eram memoráveis na segunda metade do século XIX.

3) — Além das citadas, outras figuras das mais ilustres abrilhantaram os seus salões e pertenceram à Instituição.

4) — O Cassino foi local escolhido pelo Ministro do Interior da época para as sessões preparatórias da Constituinte republicana, até a conclusão das obras de adaptação realizadas no Palácio de São Cristóvão.

5) — A seguir seus salões abrigaram, sob a presidência de Prudente de Morais, as amostras da Exposição Nacional da Indústria, preparadas como preparatórias para a de Chicago.

6) — Ali se realizou a quermesse em favor da libertação dos escravos, organizada pela Princesa Imperial. E em seus salões se deram os banquetes em que apresentaram suas plataformas: Campos Salles, Rodrigues Alves e Afonso Pena.

7) — Tôdas essas informações foram dadas pelo probo Ernesto da Cunha de Araújo Viana, como assim a de ter a Justiça Pública recorrido por duas vêzes à hospedagem do Cassino para julgamento de causas do Fôro, inclusive a do atentado contra a vida de Prudente de Morais.

8) — Não foi menos brilhante a história do edifício do Cassino Fluminense — depois fundido com o Club dos Diários e finalmente Automóvel Club do Brasil — no período republicano, bastando folhear as revistas para a cada momento encontrar fotografias dos seus salões, em que se realizaram — para citar só dois fatos —, o último Congresso de História, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e as conferências sôbre o Rio de Janeiro, organizadas pelo mesmo Instituto, como comemoração do IV Centenário da Cidade.

9) — Só êsses fatos já dão ao edifício um prestígio histórico que o recomenda a particular aprêço da posteridade —, se se considera que numerosos edifícios por todo o Brasil têm sido tombados só pelo seu valor histórico, às vêzes por terem sido o lugar de nascimento de grandes figuras nacionais — Rio Branco, por exemplo —, ou de lhe terem servido de residência.

10) — Sofreu no decorrer de todo êsse tempo, várias reformas, a mais importante das quais em 1903-1905 não introduziu modificações que lhe alterassem as qualidades arquitetônicas que até hoje o recomendam ao tombamento.

11) — Reforma muito mais extensa ocorreu em 1926-1927 em obediência a projeto do arquiteto Joseph Gire, parcialmente reproduzido na publicação do Automóvel Club anexa à consulta, que inclui quatro plantas, uma seção longitudinal, três perspectivas de interior, a fachada (na capa) e sete fotografias.

12) — No que tange à fachada vê-se por essa documentação não ter sido adotado o projeto de Gire que, embora *classicizante* não se enquadra no que se costuma chamar de arquitetura neo-clássica. Esta conserva evidenciadas suas raízes, mergulhadas, seja na arquitetura da Antiguidade Clássica, seja na arquitetura da Renascença. Tendência *classicizante* é expressão usada pelos tratadistas modernos de História de Arte para definir aqueles tipos de arquitetura — tão comuns no Rio de Janeiro republicano até 1930 —, que, se servindo de elementos da arquitetura clássica: pilastras com suas bases e capitéis, entabelamentos, cornijas e cimalhas, etc. — lhes alteram as proporções, não lhes obedecem às ordenâncias e aos detalhes e lhe tiram aquêle tônus de elegância e comedimento, distinção e apuro, que caracterizavam os melhores exemplares da arquitetura clássica greco-romana e os da Alta Renascença na Itália: — os primeiros tendo servido de modêlo, por exemplo à arquitetura dos Brogniart, Vignon e Povet na França; Langhans, Klenze e Shinkel na Alemanha; Saone na Inglaterra; os segundos tendo inspirado, no Brasil, Grandjean de Montigny e sua escola.

13) — O projeto não adotado de Gire para a fachada — inspirado no estilo Luiz XVI —, não se enquadra nem numa nem noutra dessas duas tendências. Daí o têrmo *classicizante*, para definir o seu tipo de arquitetura.

14) — Em boa hora não foi adotado na fachada êsse projeto. Porque a arquitetura que lá se acha, sem ter as qualidades que distinguem obras notáveis da arquitetura do Rio de Janeiro no século XIX, como por exemplo o Hospício de Pedro II (hoje Universidade do Brasil) e a Casa patrícia do Barão de Itamarati (atual Ministério das Relações Exteriores), é, ainda assim, plàsticamente obra de transição, muito limpa como solução, e com uma certa dignidade de propósitos que bem justifica, a nosso ver, o seu tombamento.

15) — Que a fachada é aproximadamente a mesma, vê-se claramente, comparando o que lá está com a foto publicada na "Revista da Semana" de 28 de novembro de 1925, anterior à reforma de Gire.

16) — Os interiores foram alterados por Gire. Mas não tanto quanto possa parecer a quem examine a publicação de 1927 do Automóvel Club —, como se demonstra comparando o grande salão atual com fotografias anteriores que aparecem na "Revista da Semana" de 4-IX-1915 e 24-X-1925.

17) — Importa porém se diga que, o fato de o projeto ter sido alterado por Gire, não seria por si só razão para impedir o tombamento, por dois motivos:

a) Gire foi um grande arquiteto, autor, entre outros, de um edifício memorável: o Copacabana Palace Hotel, de que a revista oficial do Instituto de Arquitetos, na década 1930-1940, "Arquitetura e Urbanismo" mandou redesenhar as plantas e as publicou em homenagem ao eminente profissional. Esse hotel — até hoje dos melhores da cidade — é admirável pela funcionalidade de suas plantas e extraordinário pela sua solução dada aos seus serviços gerais, dispostos no subsolo, acessíveis por meio de rampas agradàvelmente dispostas: lição viva de organicidade na arquitetura da República.

b) Não são só os edifícios antigos são os que devem ser tombados: a Estação de Hidros do Aeroporto do Rio de Janeiro, que é de 1938 e o antigo edifício do Ministério, da Educação e Saúde — obra-prima universal da primeira metade do século XX — foram ambos tombados. □



Faça questão da marca FORMICA procurando a etiqueta FORMICA. Vários produtos podem ser "parecidos", mas somente a etiqueta identifica os laminados plásticos FORMICA. FORMICA não risca, não descora, não deforma, é impermeável, fácil de limpar, não queima, dura tôda a vida. Não se deixe enganar: todo móvel revestido com FORMICA deve possuir a etiqueta FORMICA (igual à que você vê abaixo). Insista na marca.

Sua garantia de qualidade

FORMICA
Laminados plásticos

Este é o laminado plástico Formica produzido exclusivamente por Formica Plasticos conforme processos e controle de qualidade da Formica Corp. of Cincinnati, Ohio, USA. Para mantê-lo limpo e brilhante, use pano molhado em álcool ou água. Nunca use abrasivos.

P.S. - e você não paga mais pelo melhor.

FORMICA É UM PRODUTO DA FORMICA PLÁSTICOS - CAIXA POSTAL 5630 - SÃO PAULO (UMA DIVISÃO DA CYANAMID QUÍMICA DO BRASIL S.A.)

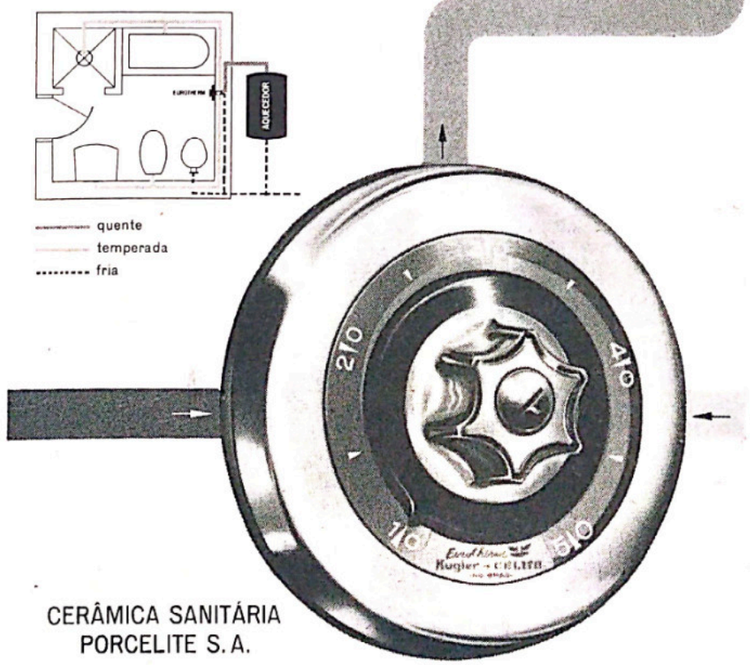
REGULADOR AUTOMÁTICO DE TEMPERATURA

kugler

Eurotherm

CELITE

Revolucionário lançamento CELITE para construções de vanguarda. Graças a um termostato de precisão suíça, mantém a temperatura de "seu" agrado, para todos os aparelhos do banheiro: basta girar a seta até o grau desejado. Elimina variações de maneira absoluta: não podendo fornecer a temperatura exigida, corta inteiramente o fluxo! Funcionamento seguro, fácil de instalar. Economiza água e tempo e evita queimaduras. Indispensável em banheiros confortáveis de residências, hotéis, em cabeleireiros, maternidades, hospitais etc. Folhetos explicativos com todos os revendedores CELITE.



CERÂMICA SANITÁRIA
PORCELITE S. A.

MATRIZ: RUA ITAPURA, 626 - TELEFONE 93-1183 - CAIXA POSTAL 2818 - SÃO PAULO
FILIAL: RUA DA ASSEMBLEIA, 11 - 9.º ANDAR - TELEFONE 31-0784 - RIO DE JANEIRO
FILIAL: RUA GONÇALVES DIAS, 2.572 - TELEFONE 2-0879 - BELO HORIZONTE

Estante

DOIS LIVROS

Encontram-se à venda, traduzidos para o português e por preços acessíveis, dois livros de grande interêsse para arquitetos e estudantes de arquitetura.

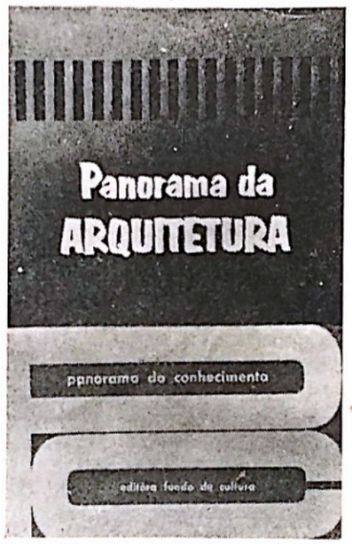
Trata-se de "Arquitetura, Construção e Urbanismo", (1) de autoria de Lew's Mumford e de "Panorama da Arquitetura", (2) que reúne uma coletânea de onze ensaios de conhecidos arquitetos, professôres e críticos de arquitetura americanos e estrangeiros radicados nos Estados Unidos.

"Arquitetura, Construção e Urbanismo" é a reunião, em livro, de uma série de artigos que Lewis Mumford publicou, durante certo período, na seção "The Sky Line" do "The New Yorker". Nêstes artigos Mumford analisa, com agudo senso crítico, problemas referentes à arquitetura em seu aspecto simbólico, habitação, planejamento urbano, tráfego, etc.. Dentre os inúmeros tópicos que aborda, citaremos, à guisa de exemplo, a entusiástica apologia que faz de um conjunto habitacional construído em Fresh Meadows, subúrbio de New York e, em contrapartida, a crítica — das mais ferozes e não isenta de exageros e partidarismo — que realiza, ao analisar o grupo de edifícios das Nações Unidas.

Pode-se não concordar plenamente com tôdas as suas teses, porém uma impressão fica patente ao lê-lo: trata-se de um verdadeiro e profundo crítico de arquitetura e urbanismo, com pleno domínio dos complexos temas que aborda. E é êste tipo de crítico que, infelizmente, inexiste no Brasil, não sabemos se por falta de cultura específica ou por simples imobilismo intelectual (é mais fácil e brilhante escrever em linguagem hermética sôbre pintura). Caso existisse, os problemas inerentes à arquitetura e planejamento urbano, poderiam ser debatidos em plano elevado, no domínio das idéias e princípios, bem acima de nossas costumeiras louvações promocionais ou críticas gratuitas.



Em "Panorama da Arquitetura", apenas para dar uma idéia do conteúdo do livro, gostaríamos de destacar três, dos onze ensaios apresentados. O primeiro, de autoria do engenheiro Mario Salvadori, aborda as relações da arquitetura com a tecnologia contemporânea, principalmente no que diz respeito ao problema estrutural, verdadeiro "calcanhar de Aquiles" da maioria dos arquitetos. Neste particular, apresenta dois princípios de grande alcance quando diz que, "uma estrutura correta deve ser considernda uma condição *necessária* à boa arquitetura, não sendo porém uma condição *suficiente*", afirmando, por outro lado, que a verdadeira indagação dos arquitetos contemporâneos deveria ser "se uma estrutura *deve* ser construída" e não "se *pode* ser construída". É um capítulo para ser lido e meditado, principalmente

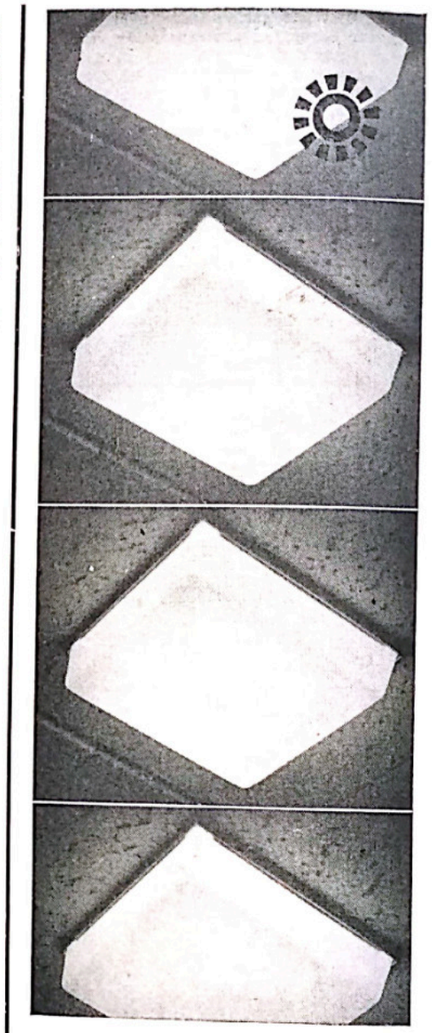


por alguns arquitetos ditos "estruturalistas", ùnicamente preocupados com superficialidades estruturais, tais como o evidenciamento, nas fachadas, de inúteis e inexplicáveis pontas de vigas de concreto armado aparente.

A seguir, poderíamos citar o sutil ensaio de Louis Kahn, intitulado "Estrutura e Forma", de grande profundidade filosófica e, a nosso ver de cunho nitidamente metafísico, ao apresentar problemas de essência e existência. Neste belo trabalho, Kahn procura demonstrar que a verdadeira arquitetura parte de um conceito abstrato de um determinado programa, conceito êste que denomina "Existência-Vontade . Suas concepções de "casa" e "escola", em têrmos de "Existência-Vontade", são bem elucidativos da tese que defende.

Como último exemplo, destacaríamos o trabalho de Paul Rudolph, analisando, a partir de sua experiência como professor de arquitetura em Yale, o sempre discutido e não menos controvertido problema do ensino de arquitetura. Sua tese fundamental é de que "a função primordial do ensino de arquitetura consiste em tornar constante um clima, no qual o aluno seja incansàvelmente despertado para o processo criativo, com agudeza e sensibilidade", Conclui afirmando: "O ato criador é a única coisa que importa". □

M·K.N.



LUMINÁRIAS "DECORLITE" EM PLÁSTICO ACRÍLICO

DECOR NEON S.A.

departamento de vendas:
av. nilo peçanha 12, grupo 423
Tels.: 22-9079, 42-0549, 52-4838

Noticias

I C S I D

O 4.º Congresso do Conselho Internacional de Industrial Design (ICSID) terá lugar em Viena entre 21 e 24 de setembro. O tema do congresso "Design e Comunidade" será ilustrado por uma importante exposição. Os interessados poderão requerer inscrição dirigindo-se a Oc. I. F. Salesianergase 1, Wien.

"CASA EUROPÉIA" 1965

O júri internacional do concurso "Casa Européia" de 1965, concurso de participação exclusiva para arquitetos pertencentes aos países que integram o Mercado Comum Europeu, reunido em Gand sob a presidência do Sr. C. Crappe Secretário Geral do Instituto Nacional de Habitação da Bélgica, atribuiu os seguintes prêmios: 1.º) Jean Cusse de Waterloo, 160.000 FB; 2.º) Philippe Bertunille, Bruxelas; Ghislain Marbaix, Soignies e Philippe Graux, Bruxelas, 103.000 FB; 3.º) Erich Kulke e Joachim Grube, Braunschweig, 30.000 FB; 4.º) Hendrik Jan Begeman, Arnhem, 30.000 FB. E as seguintes menções: a Hans Gallo, Kassel, e a Adam Stumpt, Ausbach, no valor de 10.000 FB. O júri examinou 42 trabalhos.

CONCURSO PARA CENTRO CÍVICO

O concurso internacional para praça do Centro Cívico de São Francisco teve como vencedores dois arquitetos de Paris, Ivan Tzvetin e Angela Danadjieva, autores do projeto n.º 183, prêmio no valor de US $3.750.

Em 2.º lugar foram classificados os arquitetos poloneses Iwona Sadowska, Andrzej Gorczynski e Marek Lewandowski, projeto n.º 188, prêmio de US$ 3.250; e finalmente em 3.º lugar, o projeto n.º 119, de autoria de Sidney Katz, John Matt, Michel Bobick, William Vitto e Albert Lorenz, prêmio de US$ 3.000. O júri foi composto por Sibyl Mohol-Nagy, Andre Bloch, Moses Lasky, e Luís Barragan, e presidido por Thomas Church.

ARQUITETOS NA FRANÇA

A França tem 7.774 arquitetos. Êste dado foi revelado pelo Bureau Universitário de Estatística Pública. Dêstes arquitetos, 88% exercem atividade liberal, 72% dos quais têm pelo menos 5 empregados e 12% têm mais de 10 assalariados.

PLANEJAMENTO URBANO NA BAHIA

Realizou-se em Salvador, de 17 a 19 de junho, um Simpósio sôbre planejamento urbano.

Esta reunião fez parte de uma série realizada pelo Govêrno do Estado da Bahia em Convênio com a Universidade da Bahia (Instituto de Serviços Público), SUDENE e USAID. Entre outros objetivos, êstes simpósios pretendem oferecer diretrizes em campos específicos visando o objetivo da reforma administrativa, destinada a elevar o índice de eficiência dos serviços que o Estado presta ao povo da Bahia; a garantir uma ação programada, coordenada, rápida, econômica e segura em todos os serviços, pela adoção de formas apropriadas de organização e de métodos simplificados de trabalho, e a desenvolver um mecanismo capaz de assegurar continuidade na melhoria sistemática dos serviços.

O problema do planejamento urbano foi levantado numa reunião da qual participaram representantes de diversos órgãos governamentais, entre êles o CREA, a Prefeitura de Salvador, o Departamento de Municipalidade, o Instituto de Serviço Público, a Secretaria de Viação e Obras e outras entidades. Foram realizadas seis sessões plenárias, sendo três dirigidas pelo Secretário de Interior e Justiça, Dr. Jorge Calmon, e três pelo arquiteto Wit-Olaf Prochnik, respectivamente Presidente e Primeiro Vice-Presidente do Simpósio.

Um documento informativo elaborado pelo engenheiro Antônio Bezerra Baltar, arquitetos Fernanda Maria Freitas Nunes, Zélia Almeira e Dr. Walter Velloso Gordilho, serviu para as discussões. Foram encarados aspectos peculiares ao Estado da Bahia sob o prisma da política urbanística, da urbanização (demografia, transporte, saneamento, educação, saúde, habitação), assistência técnica aos municípios, coordenação dos órgãos vinculados ao planejamento urbano.

MÓVEIS E OBJETOS NO IBEU

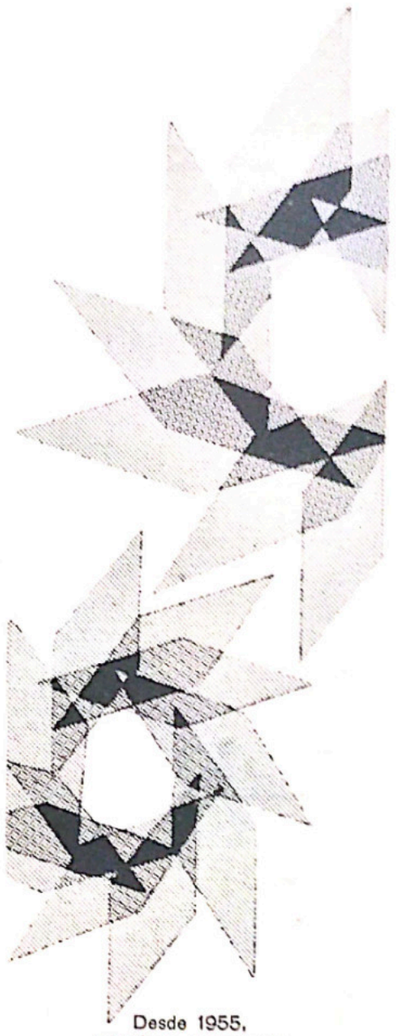
A Galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos promoveu há pouco uma exposição de móveis de Bernardo Figueiredo, Jorge Jabour Mauad e Osiris Cunha Meale, e objetos de Ronaldo Baerlain, Leonardo Cavalleiro, Roberto V. Leite, Fernando S. Lima, Maurício Monte e Dirceu Nery.

O crítico Clarival Valladares, ao fazer a apresentação da exposição, afirma que "desenhar uma cadeira que seja autêntica em relação ao meio e ao tempo de que provém, é tão complexo e sutil quanto projetar um prédio. Construir um simples objeto para utilidade empírica, é criar o *habitante* do espaço arquitetural coetâneo. Os móveis de Mauad, Meale e Figueiredo e os objetos de Monte, Baerlain e Nery são exemplos do nível da arquitetura contemporânea revelados na problemática da vida interior. Fazem parte da *máquina de morar* de nossa civilização, mas também fazem parte da exigência estática humana *demorar*, conforme o conceito maravilhoso de Joaquim Cardoso".

VISITA DE ARQUITETO PORTUGUÊS

Estêve entre nós, o professor Carlos Ramos, Diretor da Faculdade de Arquitetura da Cidade do Pôrto. A estada do ilustre colega no Rio de Janeiro deveu-se à homenagem que o govêrno português prestou à cidade no seu quarto centenário. Veio para dirigir os trabalhos de montagem da estátua equestre de D. João VI no antigo Cais Pharoux, próximo a Praça XV. C. R. informou-nos sôbre o progresso do planejamento e da arquitetura em seu país, onde há grande solicitação de profissionais classificados não só no Continente como nas Províncias de Além-mar.

O professor Carlos Ramos, imprimiu uma orientação dinâmica na escola de arquitetura que dirige, tendo adotado uma fórmula extremamente flexível no seu currículo, dentro de uma didática atualizada, para melhor acompanhar a evolução dos processos de planejamento de construção utilizados na arquitetura contemporânea. Na sua opinião, dadas as diferenças individuais de compreensão e sensibilidade dos

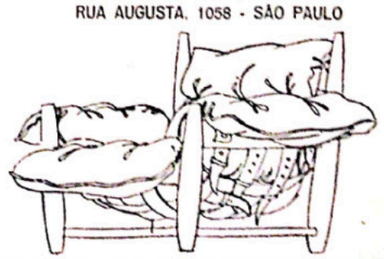


Desde 1955,
criando e executando
o móvel brasileiro
de prestígio internacional

10 anos

oca

RUA JANGADEIROS, 14-C - GB
RUA AUGUSTA, 1058 - SÃO PAULO



Poltrona mole - Criada em 1957 pelo Arq. Sergio Rodrigues, Diretor-Tecnico da Oca. 1.º Prêmio do IV Concorso Internazionale del Mobile Cantù Italia

alunos, é mais importante estimular a evolução destas características pessoais do que impor um programa rígido, muitas vêzes ultrapassado e desnecessário, cuja aceitação pode conduzir a uma despersonalização e conseqüente inadaptação do aluno à vida profissional. Esperamos, no futuro, trazer aos leitores outras informações sôbre a Escola do Pôrto e sôbre a atual arquitetura portuguêsa.

O arquiteto Carlos Ramos, ex-vice-presidente da UIA, foi homenageado pelo IAB e recebeu o título de *socio honorário. CR* é detentor da Ordem do Cruzeiro do Sul, no grau de Comendador, pelos inestimáveis serviços em prol da aproximação cultural dos dois países e em particular entre os arquitetos portuguêses e brasileiros.

EXPOSIÇÃO DE ARQUITETURA RELIGIOSA ALEMÃ

Fazendo parte das comemorações do 4.º Centenário, foi apresentada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma exposição intitulada "Novas Igrejas Alemãs". É uma mostra itinerante que já foi montada na Holanda, Irlanda, Espanha, Portugal e Bombaim. Sua realização no Rio contou com a colaboração do Instituto Cultural Brasil-Alemanha e da Embaixada Alemã. Constou de uma grande quantidade de excelentes fotografias e plantas, mostrando aspectos de 84 igrejas de construção recente, painéis, tapeçarias, cristais e objetos de culto utilizados nestas igrejas. A grande exposição, composta de material de grande valor, foi cuidadosamente preparada (o catálogo, apresentado como um pequeno livro foi impresso na Alemanha), no entanto foi sensivelmente prejudicada pela exigüidade do espaço que lhe foi destinado, resultando uma certa dificuldade no exame das peças.

NORMAS TÉCNICAS — P-NB-140 (LEI 4.951)

A revista Boletim de Custos publicou em seu número de abril do corrente ano o projeto de norma P-NB-140, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que estabelece especificação padrão para as construções. A elaboração deste projeto de normas obedece às disposições constantes da Lei n.º 4.951, que regula em todo o país as construções imobiliárias.

O IAB-GB, surpreendido com a publicação das normas, alertou o Conselho Superior do IAB, chamando a atenção da direção nacional para a relevância da matéria, os interêsses dos arquitetos nela envolvidos e a forma pela qual foi tratado o arquiteto na sua elaboração. O IAB promoveu um encontro com o Eng.º Paulo Sá, diretor presidente da ABNT, durante o qual foram acertadas as bases da participação do IAB na reformulação das referidas normas, de maneira a torná-las compatíveis com o exercício profissional do arquiteto, e a evitar, por outro lado, que venham a se transformar em um entrave à evolução arquitetônica nacional.

O anteprojeto de modificação das normas está sendo preparado e deverá ser, em breve, enviado à ABNT.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE URBANISMO

Deverá ser fundada pròximamente, depois de longa preparação, a Federação Brasileira de Urbanismo, que se constituirá na Seção Brasileira da International Federation for Housing and Planning, IFHP, órgão consultor da UNESCO.

PUBLICAÇÕES À VENDA NO IAB-GB

O IAB-GB inaugurou mais um serviço para seus associados: venda de publicações a preço inferior aos de capa. Estão à disposição dos arquitetos, na sede do IAB-GB, os seguintes títulos da FGV: PLANEJAMENTO URBANO, de Cr$ 12.000 por Cr$ 9.600. INTRODUÇÃO AO PLANEJAMENTO DEMOGRÁFICO, de Cr$ 2.800 por Cr$ 2.200. PLANEJAMENTO - TSAP de Cr$ 4.200 por Cr$ 3.400 e outros. Dentro em breve o IAB-GB pretende ampliar êste seu serviço de vendas incluindo filmes e material fotográficos. Para tanto, já foram iniciados contatos com a Kodak.

BRASILEIROS NA ARGENTINA

Através de acôrdo firmado entre a BRASLING — Fundição Brasileira de Metais S. A. e a DINEL S. R. L., de Buenos Aires (o maior importador e distribuidor de artigos sanitários da Argentina), serão exportados para aquêle país, nos próximos três meses, metais sanitários da linha Cristal, produzidos pela Brasling, num total superior a 200 mil dólares.

mudar de cordinha
para uma válvula
qualquer não significa
que se fêz
muito progresso

o importante é mudar para DECA



Porque a valvula Deca tem comando automático de duplo estagio, e funciona ao mais leve toque. É tôda de bronze. Mas o êmbolo é de nylon (exclusividade DECA) e dura muito mais. Funciona com a mesma eficiência sob qualquer pressão de água. Em 3 modelos: liso, facetado e italiano. Atualize seu banheiro. Instale DECA. Beleza e qualidade inalteráveis. Renove com DECA

artefatos de metal DECA s.a



Lince 4 211

Legislação

Plano Nacional de Habitação - III

Lei n.º 4230 — de 21 de agôsto de 1964.

II — administrar e dirigir os negócios ordinários do Banco, decidindo das operações que se contiverem no limite da sua competência, de acôrdo com o Regimento Interno;

III — outorgar e aceitar escrituras, ou assinar contratos, conjuntamente com o Presidente ou outro Diretor;

IV — designar, conjuntamente com o Presidente, procuradores com podêres especiais, agentes ou representantes do Banco;

V — praticar os atos referentes à administração do pessoal, podendo delegar podêres, salvo quando se tratar de nomeação, promoção ou demissão;

VI — superintender e coordenar os serviços dos diferentes setores do Banco e zelar pelo fiel cumprimento das deliberações do Conselho de Administração e da Diretoria;

VII — prover, interinamente, até que o Presidente da República o faça em caráter efetivo, as vagas dos membros do Conselho de Administração, cuja substituição não esteja prevista no Regulamento do Banco.

Art. 33 — Os Diretores referidos no artigo 27, § 2.o alínea "c" terão as atribuições que forem determinadas no Regimento Interno.

Art. 34 — O pessoal contratado pelo Banco será regido pela Consolidação das Leis do Trabalho e Legislação complementar e admitido mediante concursos de provas ou de provas e títulos.

§ 1.o — Poderão ser requisitados pelo Banco servidores dos quadro do serviço público federal, das autarquias federais, ou de sociedades de economia mista, controladas pelo Govêrno Federal.

§ 2.º — (VETADO)

CAPÍTULO V

Das Sociedades de Crédito Imobiliário

Art. 35 — As sociedades de crédito imobiliário são instituições de crédito especializado dependem de autorização do Banco Nacional da Habitação para funcionar, e estão sujeitas a permanente fiscalização do Govêrno Federal, através do referido Banco e da Superintendência da Moeda e do Crédito.

§ 1.º — As sociedades de crédito imobiliário se organizarão sob a forma anônima de ações nominativas, observando nos atos de sua constituição todos os dispositivos legais aplicáveis, mas só poderão dar início às suas atividades após publicação, no Diário Oficial da União, da autorização do Banco Nacional da Habitação.

§ 2.º — As sociedades de crédito imobiliário serão constituidas com o capital mínimo de 100 milhões de cruzeiros em moeda corrente, na forma da legislação que rege as sociedades anônimas, mas a emissão de autorização para funcionar dependerá da integralização mínima de 50%, mediante depósito do BNH.

§ 3.º — O limite mínimo referido no parágrafo anterior será anualmente atualizado, com base nos índices de que trata o Art. 5.º, § 1.º.

Art. 36 — A autorização para funcionar será concedida por tempo indeterminado, enquanto a sociedade observar as disposições legais e regulamentares em vigor.

§ 1.º — Sòmente poderão ser membros dos órgãos da administração e do Conselho Fiscal das sociedades de crédito imobiliário, pessoas de reconhecida idoneidade moral e comercial, sendo que dois diretores deverão comprovar capacidade financeira e técnica.

§ 2.º — Os diretores sòmente poderão ser investidos nos seus cargos depois da aprovação pelo Banco Nacional da Habitação, à vista das provas exigidas pela SUMOC para investimento de diretores de estabelecimento bancário em geral.

§ 3.º — A responsabilidade dos administradores de sociedades de crédito imobiliário é a mesma prevista na lei para os diretores de bancos.



o segrêdo da perfeição do som num violino depende da qualidade da madeira que entra na sua fabricação.

Paralelamente, no ramo da construção o sucesso de uma obra depende não só da perícia dos engenheiros e construtores como, principalmente, da qualidade dos materiais empregados.

Usando o cimento MAUÁ você terá a tranquilidade de ter escolhido um cimento que garantirá a segurança e a durabilidade de sua obra.

PARABENS RIO
NO SEU IV CENTENÁRIO

CIA. NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND MAUÁ BRASIL

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

Rio de Janeiro

O cimento "MAUÁ" supera as especificações exigidas para cimentos Portland no mundo inteiro.

Tècnicamente, as mais perfeitas

PIAS DE COZINHA

(grés durovitrificado de resistência incomum)

CELITE



- são mais profundas • não mancham
- jamais enferrujam • não lascam
- 6 tamanhos simples e 1 duplo, em 7 côres

CELITE

CERÂMICA SANITÁRIA PORCELITE S. A.
MATERIAIS CERÂMICOS CELÉM, LTDA.

Matriz: Rua Itapura, 626 - Tel. 93-1183 - Cx. Postal 2818 - São Paulo
Filial: Rua da Assembléia, 11 - 9.º and. - Tel. 31-0784 - Rio de Janeiro

§ 4.º — A expressão "crédito imobiliário", constará obrigatòriamente da denominação das sociedades referidas nesse artigo.

§ 5.º — As sociedades de crédito imobiliário enviarão para publicação até o 10.º dia de cada mês, no "Diário Oficial do Estado" onde funcionarem, os balancetes mensais.

Art. 37 — Ficarão sujeitos à prévia aprovação do Banco Nacional da Habitação:

I — as alterações dos estatutos sociais das sociedades de crédito imobiliário;

II — a abertura de agências ou escritórios das referidas sociedades;

III — a cessação de operações da matriz ou das dependências das referidas sociedades;

Art. 38 — Os pedidos de autorização para funcionamento, alteração estatutária, abertura ou fechamento de agências ou dependências e aprovação de administradores deverão ser decididos pelo Banco Nacional da Habitação, dentro de 120 dias da sua apresentação e das decisões do Banco caberá recurso voluntário para o Ministro da Fazenda.

Parágrafo único. O regulamento discriminará a documentação a ser apresentada, com os requerimentos referidos neste artigo, podendo o Banco Nacional da Habitação fazer as exigências que considerar de interêsse para a apreciação do pedido e fixar prazo razoável para o seu atendimento.

Art. 39 — As sociedades de crédito imobiliário sòmente poderão operar em financiamentos para construção, venda ou aquisição de habitações, mediante:

I — abertura de créditos a favor de empresários que promovam projetos de construção de habitações para venda a prazo;

II — abertura de crédito para a compra ou construção de casa própria com liquidação a prazo de crédito utilizado;

III — desconto, mediante cessão de direitos de receber a prazo o preço da construção ou venda de habitações;

IV — outros modalidades de operações autorizadas pelo Banco Nacional da Habitação.

§ 1.º — Cada sociedade de crédito imobiliário sòmente poderá operar com imóveis situados na área geográfica para a qual fôr autorizada a funcionar.

§ 2.º — As sociedades de crédito imobiliário não poderão operar em compra e venda ou construção de imóveis, salvo para liquidação de bens que tenham recebido em pagamento dos seus créditos ou no caso dos imóveis necessários a instalação de seus serviços.

§ 3.º — Nas suas operações as sociedades de crédito imobiliário observarão as normas desta lei e as expedidas pelo Banco Nacional da Habitação, com relação nos limites do valor unitário, prazo, condições de pagamento, juros, garantias, seguro, ágios e deságios na colocação de letras imobiliárias e diversificação de aplicações.

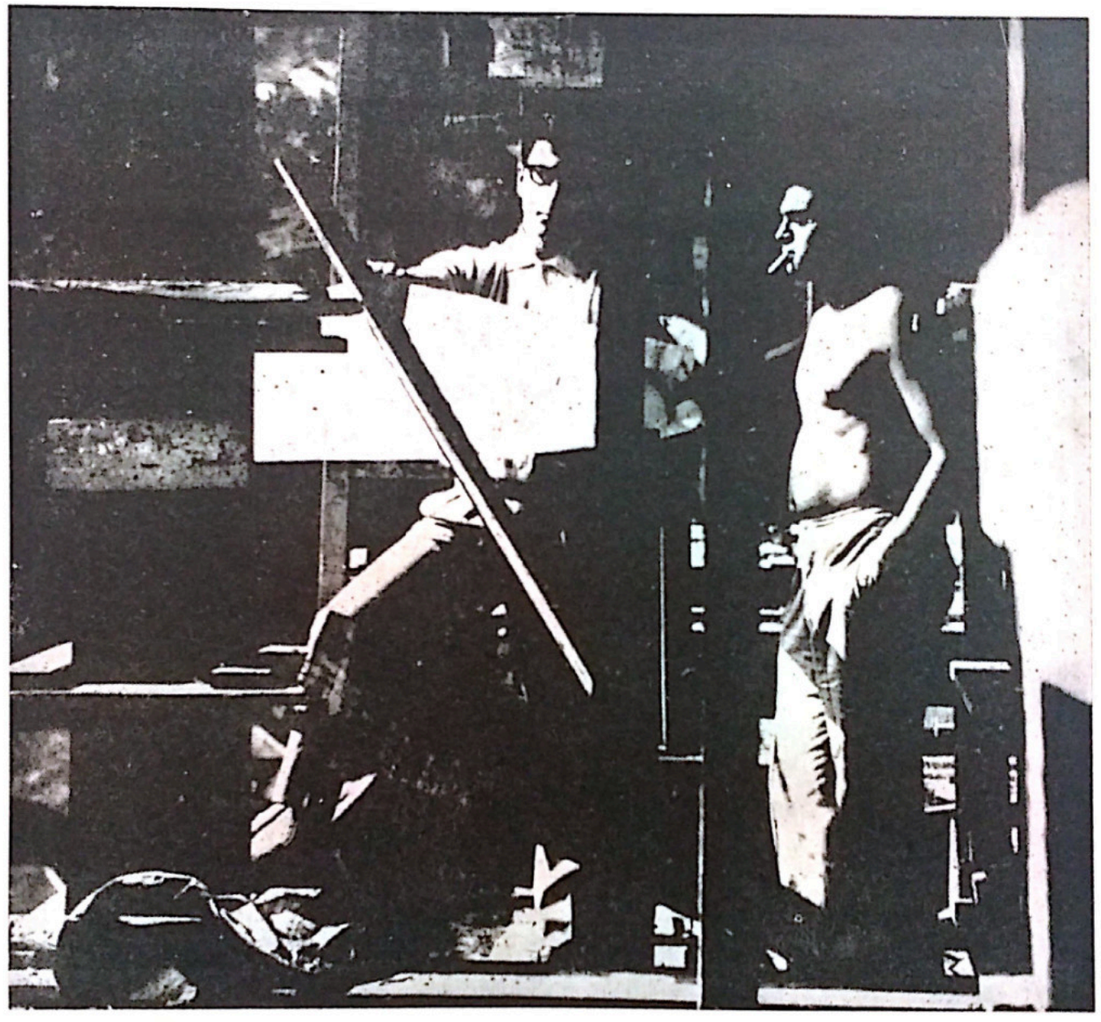
§ 4.º — As disponibilidades das sociedades de crédito imobiliário serão mantidas em depósito no Banco Nacional da Habitação, no Banco do Brasil, nos demais bancos oficiais da União e dos Estados e nas Caixas Econômicas... (VETADO).

Art. 30 — As sociedades de crédito imobiliário não poderão:

a) receber depósitos de terceiros que não sejam proprietários de ações nominativas, a não ser nas condições e nos limites autorizados pelo Banco Nacional da Habitação;

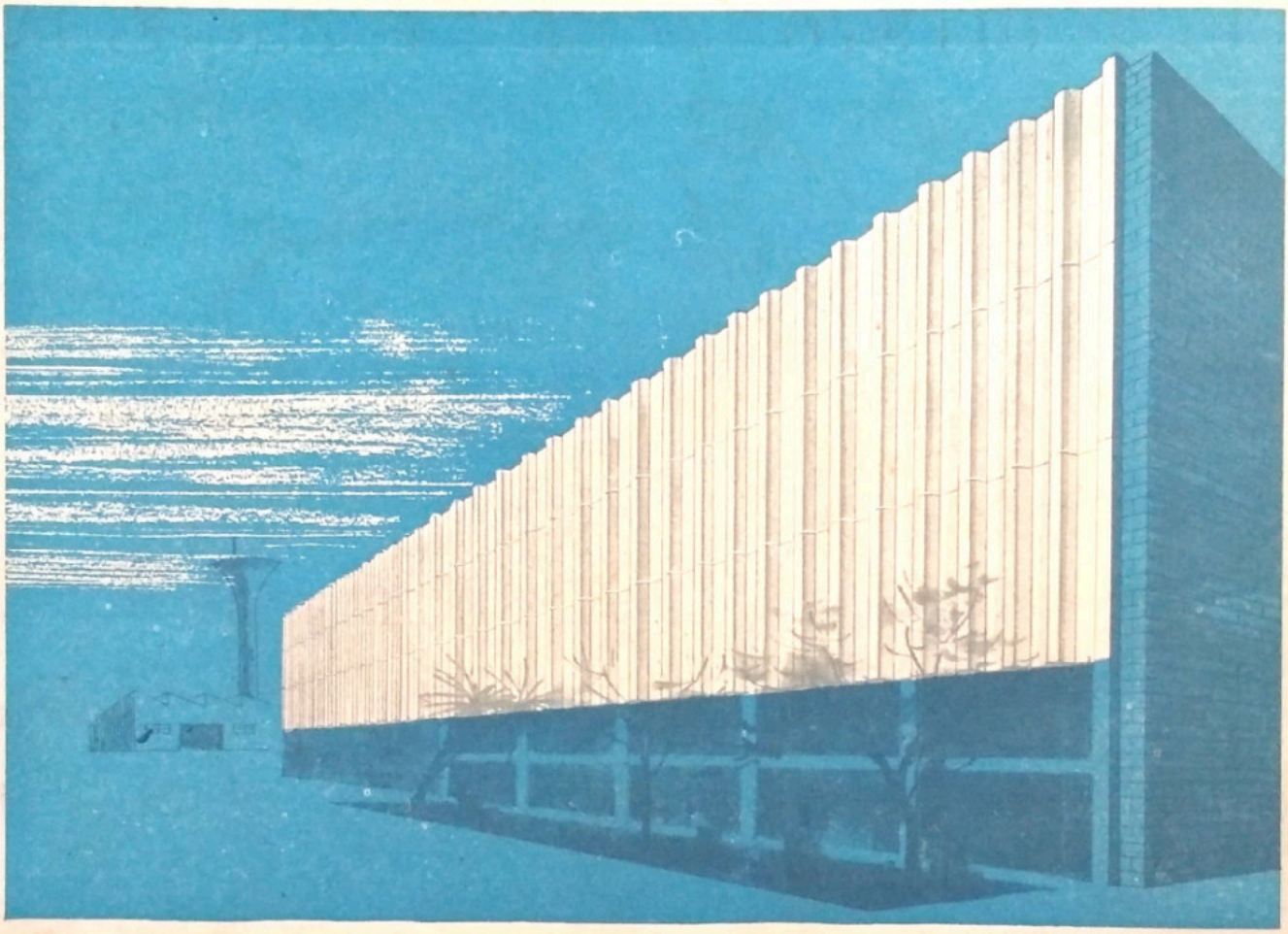
(Continua no próximo número)

O ARQUITETO É QUEM ESPECIFICA



O senhor sabe o que é especificar?

Especificar, em linguagem de arquiteto, significa indicar, no projeto, como detalhes e caracterização, o tipo, a qualidade, e a marca dos materiais a serem aplicados na construção.
Isto significa que o arquiteto é quem decide sôbre a utilização (ou mais precisamente, a compra) de cada tipo de material de construção.
E quando o arquiteto decide, êle não determina a compra de um banheiro de tal tipo, de alguns metros quadrados de piso ou fôrro, ou de uma pia, ou de uma lata de tinta, como uma dona de casa, ou um leigo qualquer. A sua decisão envolve sempre uma compra de vulto, em larga escala. Uma compra que vale a pena disputar.
Arquitetos e construtores são os verdadeiros clientes de quem fabrica ou vende materiais utilizados em construção, acabamento e decoração.
Arquitetos e construtores são o publico leitor certo é garantido da Revista ARQUITETURA que é o seu órgão oficial.
ANUNCIE EM ARQUITETURA E VEJA COMO VALE A PENA.



chapa trapezoidal

de aluminio para revestimentos e coberturas

Material

- Produzida em liga de aluminio extra-duro 3M-H correspondente a ASTM - B209 - 61 - Alloy 3003, com encruamento máximo por laminação.

Caracteristicas Mecânicas

- Carga de ruptura: 20 a 22 kg/mm2 - Limite de elasticidade: 16 a 20 kg/mm2 - Alongamento: 1 a 4%.

Isolamento Térmico

- Oferece maior grau de isolamento térmico por reflexão. Refletindo cêrca de 90% da luz solar incidente, chega a reduzir no verão, de 15° C, a temperatura interior.

Funcional

- Devido à forma de sua seção transversal, permite obter, quando comparada com outros materiais de cobertura:
  1 - maior escoamento de águas pluviais
  2 - maior resistência ao flexionamento

Econômica

- Pode ser normalmente produzida em comprimentos de até 12 metros, o que permite ao arquiteto obter, com economia, grandes efeitos plásticos em coberturas e revestimentos laterais de fachadas.

CBA

Companhia Brasileira de Alumínio

PIONEIRA DA INDUSTRIA NACIONAL DE ALUMÍNIO

Av. da Luz, 297 - 11º and. - Tels.: 36-3100 - 36-3101 e 36-1146 - S.Paulo
Av. Presidente Vargas, 309 - 20º and. - Tels.: 52-2074 e 23-2611 - R. de Janeiro